



SILAS QUEIROZ

# Corpo, Alma e Espírito

*A Restauração Integral do Ser Humano para  
chegar à Estatura Completa de Cristo*

**Silas Queiroz**

# **Corpo, Alma e Espírito**

**A Restauração Integral do Ser Humano  
para chegar à Estatura Completa de Cristo**

1<sup>a</sup> Edição



Rio de Janeiro  
2025

# Agradecimentos

Agradeço ao Deus Eterno, criador e sustentador de todas as coisas, pela grande oportunidade de escrever este livro. O que seria de mim sem a sua graça salvadora e capacitadora! À CPAD, por confiar-me mais esta grande tarefa. À minha família, que tem um papel fundamental neste processo: minha esposa Jocineide, pelas valiosas sugestões e todo o apoio durante o tempo de estudo e escrita; a meus filhos Júnior (e a sua esposa Laura), Ana Carolina e Gabriel pelo carinho, amizade e companheirismo. Também agradeço ao pastor Nelson Luchtenberg por dar-me a honra de prefaciar este livro. Ao amigo pastor Jormicezar Fernandes da Rocha, hábil e prolífico escritor, pela dedicação à leitura dos originais e observações valiosas. A todos os que, direta ou indiretamente, deram a sua contribuição, inclusive por gestos de incentivo e intercessões.

# Prefácio

A complexidade do ser humano sempre foi motivo de fascínio e estudo — seja pelos olhos da ciência, seja pela revelação das Escrituras. Em *Corpo, Alma e Espírito*, propõe-se uma jornada de descoberta que une a sabedoria bíblica com uma compreensão prática e fundamentada da natureza humana. A Bíblia declara que fomos criados à imagem e semelhança de Deus, compostos de corpo, alma e espírito — uma tríade que revela a profundidade de nosso *design* e propósito. Ao longo dos séculos, teólogos e estudiosos buscaram compreender como essas três dimensões estão relacionadas entre si e como influenciam nossas decisões e moldam nossa jornada de fé.

Paralelamente, a ciência tem avançado e tentado explicar aspectos do funcionamento do corpo humano, da mente e das emoções, lançando luz sobre áreas que, por muito tempo, pareciam inacessíveis. Lista-se aqui os esforços da psicologia, neurologia, biologia e até mesmo da própria teologia. Este livro, contudo, nasce do desejo de mostrar que fé e ciência não são inimigas, ainda que divirjam em alguns pontos, mas, sim, que a verdadeira sabedoria está contida na Palavra de Deus, mesmo porque há uma dimensão que só Deus pode revelar plenamente: o espírito.

*Corpo, Alma e Espírito* é uma verdadeira ferramenta de estudo que une a clareza doutrinária da Bíblia, a profundidade do ensino cristão e os diálogos possíveis com a ciência. Ao longo destas páginas, você encontrará fundamentos bíblicos sólidos, reflexões práticas e pontes com o conhecimento contemporâneo sem jamais perder de vista o caráter devocional que deve acompanhar todo estudo teológico.

Esta obra é profunda e prática ao mesmo tempo. Ela não busca elaborar novos conceitos; apenas explicitar o que a Bíblia já conceituou desde o princípio, mas que vem sendo mal interpretado ou mutilado por muitos, distorcendo o verdadeiro sentido e natureza da tricotomia humana. É um conteúdo prático porque não demanda maiores conhecimentos para comprehendê-lo. A obra foca em cuidar bem do corpo sem negligenciar a alma; no cultivar o espírito sem ignorar as emoções; ou, em como alinhar nosso interior à vontade de Deus sem desconectar da realidade que nos cerca.

Este livro é um convite para pensar, refletir, questionar e, sobretudo, crescer na graça e no conhecimento que há em Cristo Jesus. Que ao virar

destas páginas você se sinta desafiado e encorajado a viver de forma integrada — inteiro diante de Deus.

Não é repetitivo dizer que a Escritura apresenta-nos o ser humano como uma unidade composta: corpo (a parte visível e material), alma (a sede da mente, das emoções e da vontade) e espírito (o centro da comunhão com Deus). Cada uma dessas dimensões clama por cuidado, direção e equilíbrio. Uma visão fragmentada do ser humano produz uma fé superficial, mas uma compreensão integral aproxima-nos do propósito original do Criador.

É uma honra prefacear esta obra de autoria do pastor Silas Queiroz, que, uma vez mais, nos apresenta um primoroso trabalho literário. Aqui representando a Convenção Estadual de Ministros e Igrejas Assembleias de Deus no Estado de Rondônia e como Vice-Presidente da CGADB para a região Norte, meu desejo é que este material sirva de apoio para mestres, estudantes e todos os que anseiam crescer no conhecimento da Palavra e também no autoconhecimento à luz de Deus. Que, ao estudá-lo, você seja não apenas informado, como também transformado — na mente, no coração e no espírito.

Porto Velho, julho de 2025.

**Nelson Luchtenberg**  
Presidente da Cemaderon  
5º Vice-Presidente CGADB

# Sumário

<b>Agradecimentos</b> . . . . .	5
<b>Abreviaturas</b> . . . . .	6
<b>Prefácio</b> . . . . .	7
<b>Introdução</b> . . . . .	11
<b>Capítulo 1</b>	
O Homem — Corpo, Alma e Espírito . . . . .	13
<b>Capítulo 2</b>	
O Corpo — A Maravilhosa Obra da Criação de Deus . . . . .	31
<b>Capítulo 3</b>	
O Corpo e as Consequências do Pecado . . . . .	45
<b>Capítulo 4</b>	
O Corpo como Templo do Espírito Santo . . . . .	55
<b>Capítulo 5</b>	
A Alma — A Natureza Imaterial do Ser Humano. . . . .	65
<b>Capítulo 6</b>	
A Consciência — O Tribunal Interior . . . . .	75
<b>Capítulo 7</b>	
Os Pensamentos — A Arena de Batalha na Vida Cristã. . . . .	85
<b>Capítulo 8</b>	
Emoções e Sentimentos — A Batalha do Equilíbrio Interior . . . . .	95
<b>Capítulo 9</b>	
Vontade — O que Move o Ser Humano. . . . .	107

**Capítulo 10**

Espírito — O Âmago da Vida Humana . . . . . 117

**Capítulo 11**

O Espírito Humano e as Disciplinas Cristãs . . . . . 125

**Capítulo 12**

O Espírito Humano e o Espírito de Deus . . . . . 133

**Capítulo 13**

Preparando o Corpo, a Alma e o Espírito para a Eternidade . . . . . 143

*Referências* . . . . . 151

# Introdução

*Corpo, Alma e Espírito* é um estudo panorâmico das Escrituras a respeito do homem e a sua constituição, a Queda e os seus efeitos e a Redenção e os seus eternos benefícios em Cristo. Quanto a esse terceiro aspecto, enfatiza a glorificação, a transformação do corpo na ressurreição e o arrebatamento dos salvos (1 Co 15.51-54; 1 Ts 4.16,17). A obra apresenta a tríplice natureza do ser humano (a tricotomia), sem ignorar a existência de outras duas visões teológicas relativas à composição do homem. A primeira é o monismo, também chamado de unitarianismo, corrente doutrinária segundo a qual o homem é um todo, uma só parte, uma unidade indivisível. Ao considerar não haver qualquer divisão na constituição humana, os monistas opõem-se às visões teológicas que apontam a existência das partes material e imaterial. Para o monismo, não existe alma ou qualquer parte do ser humano que sobreviva à morte (RENOVATO, 2021, p. 270). É, claramente, uma proposta antibíblica.

Figurando no intermediário teológico — entre monismo e tricotomismo —, a doutrina do dicotomismo considera que o homem é constituído de uma parte material e outra imaterial, mas não admite que o imaterial seja composto de alma e espírito. Apesar de a Bíblia conter inúmeras referências aos termos “alma” e “espírito”, os dicotomistas consideram tratar-se de expressões sinônimas, sempre utilizadas de forma intercambiável, ou seja, o emprego de uma no lugar da outra não afetaria o sentido. Embora alguns textos bíblicos possam inicialmente conduzir a esse entendimento, um amplo exame das Escrituras permite-nos chegar a uma conclusão oposta: os termos “alma” e “espírito” aparecem de forma intercambiável em alguns textos bíblicos, mas também são empregados com significados claramente distintos em inúmeros outros tanto no Antigo quanto no Novo Testamento. Em geral, as defesas do dicotomismo costumam revelar apenas a escolha de uma linha interpretativa (a dicotomia) e a rejeição de outra (a tricotomia). A negação do que a visão tricotômica tem como propósito claro de diversos autores sagrados, que é a referência a espírito e alma como substâncias distintas. Visto assim, o dicotomismo torna-se mais a filiação a uma linha teológica do que uma refutação embasada da tricotomia.

Ao longo desta obra, serão apresentadas referências bíblicas que não apenas permitem ver distinções entre alma e espírito, mas que também os citam explicitamente de forma apartada e não sinônima. Além desses muitos fundamentos, o pensamento tricotômico ancora-se na eloquente expressão do escritor aos Hebreus quanto à divisão da alma e do espírito, lugar de acesso exclusivo da Palavra de Deus (Hb 4.12). O tricotomismo é, portanto, a aceitação plena do que dizem as Escrituras. De qualquer forma, crer com clareza de alma e de propósito no aspecto tricotômico do homem não deve induzir-nos a debates ou a qualquer meio de hostilização à visão dicotônica.

Tratando do dicotomismo, o autor pentecostal Timothy Munyon (HORTON, 1996, p. 249) assinala ser possível admitir que os seus adeptos consigam defender as suas opiniões sem cair em erros doutrinários, mas alerta para perigos de extremos que podem ser produzidos no emprego da visão dualista, como ocorreu dentro do gnosticismo, que ameaçou a fé cristã nos primeiros séculos, e da teologia liberal, que teve o mesmo propósito já em tempos modernos. A ficha desses adeptos do dualismo conduz-nos a um quadro, no mínimo, preocupante! Embora dicotomista, Gordon H. Clark (1902–1995) também admite os perigos de uma visão dualista (2022, p. 63). O alerta de Munyon e a franqueza de Clark levam-nos a considerar, ainda, expressões extremistas vistas no cristianismo atual, que são a supervalorização do espírito em detrimento do corpo ou o inverso disso. São questões que serão tratadas ao longo desta obra.

Ainda à título de introdução, duas observações precisam ser feitas. A primeira: o fato de o homem ser composto de três partes ou substâncias não deve levar-nos a concebê-lo como um ser repartido, mas, sim, na sua unidade. Como diz a *Declaração de Fé das Assembleias de Deus* (2025, p. 86), somos uma unidade (o homem) na pluralidade (espírito, alma e corpo) e uma pluralidade na unidade. A segunda observação é: a dupla constituição imaterial do homem (alma e espírito) não significa separabilidade dos elementos. Alma e espírito são inseparáveis. Não é incomum, portanto, que haja íntima comunicação entre eles, o que se apresenta na comunicabilidade, inclusive, da expressão das suas faculdades — isso, aliás, contribui para os dicotomistas verem um elemento apenas, e não dois. O fato é que o caráter unitário do homem — a sua integralidade — não admite ausência de afetação ou correlação mesmo em relação ao corpo. O homem é uma unidade composta e assim dever ser considerado. Por fim, esperamos que o leitor esteja ainda mais convicto de como a tricotomia humana está bem fundamentada nas Escrituras, e o quanto a sua compreensão conduz-nos ao exercício de uma vida cristã equilibrada.

Que o Senhor nos conduza no presente estudo.

# CAPÍTULO 1

## O Homem — Corpo, Alma e Espírito

### INTRODUÇÃO

Nosso estudo da Antropologia Bíblica começa com uma oração de Paulo pelos tessalonicenses, na qual ele expressa os aspectos presente e futuro da obra da Salvação (santificação e glorificação) e expressa o que é um dos principais fundamentos bíblicos da composição tricotômica do homem: “E o mesmo Deus de paz vos santifique em tudo; e todo o vosso espírito, e alma, e corpo sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo” (1 Ts 5.23). O Deus de paz, que nos santifica integralmente e conserva-nos na esperança escatológica firmada na fé no seu Filho Jesus Cristo, é o Deus Criador, que nos fez à sua imagem: “E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou” (Gn 1.27).

#### *A Imagem de Deus no Homem*

Gênesis inicia apresentando-nos Deus dando forma e beleza aos céus e à terra, que era sem forma e vazia. Moisés descreve-nos um cenário de luz em meio às trevas e de organização e vida a partir do nada. Tendo feito tudo perfeito, o Criador, na sua soberania, entregou o governo da sua obra a um ser especial e diferente de todos os demais já criados. Animados, porém não autogovernados, os animais, que já povoavam terra e céus, foram feitos cada um segundo a sua espécie. O homem, contudo, trouxe consigo a imagem de Deus. Gênesis 1.26 é a grande proclamação da criação de um ser autônomo, e não autômato, pensante, e não meramente vivente, sensitivo, e não meramente instintivo.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> O termo “autônomo” aqui não empregado com sentido absoluto, mas relativo à liberdade humana para tomar decisões.

A distinção entre o homem e os animais é verificada nos atos de criação. Em relação ao homem, Gênesis 1 traz a narrativa do que Deus fez. Em Gênesis 2, descortina-se como tudo foi feito por Ele, destacando a sua obra distinta. A chave para compreender tudo isso começa com a descrição da ação verbal anunciada em Gênesis 1.26, pois tudo muda na narrativa bíblica quando o homem entra no cenário da história. As expressões “haja”, “ajuntem-se” e “produza”, usadas na criação dos animais, dão lugar ao “façamos”, indicando o concerto da Trindade para uma obra superior a todas as já antes feitas. Não sem razão, as Escrituras apresentam em diversos textos o homem em posição distinta e elevada em relação a toda a criação. Coube a Davi uma das mais sublimes declarações bíblicas acerca do ser humano: “[...] pouco menor o fizeste do que os anjos e de glória e de honra o coroaste” (Sl 8.5).

Liberdade, autogoverno, autodeterminação, racionalidade, vontade e sentimento são características humanas inalienáveis, saídas perfeitas das mãos de Deus (Ec 7.9). O Criador fez o homem para dominar sobre a toda a Criação: “[...] e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo réptil que se move sobre a terra” (Gn 1.26b). A condição indispensável para isso foi dotá-lo dos atributos pessoais já mencionados, todos relativos à sublime característica de imagem de Deus, a *imago Dei* tão estudada pela Teologia ao longo dos séculos.<sup>23</sup>

### ***Queda e Redenção***

O cenário de perfeição foi alterado com a Queda, a desobediência de Adão e Eva, principiada por esta após a negligente conversa com a serpente, instrumento que Satanás usou para enganá-la (Gn 3.1-7). Como seres morais dotados de livre-arbítrio, homem e mulher podiam decidir entre obedecer ou não a Deus: “E ordenou Deus ao homem, dizendo: De toda a árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore da ciência do bem e do mal, dela não comerás; porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás”

<sup>23</sup> É relevante observar que a condição de imagem de Deus é mencionada em relação ao homem depois da Queda como motivo de valoração da sua existência (Gn 9.6). Isso, aliás, é um forte fundamento para a preservação da dignidade humana (o valor que o Criador dá a todas as criaturas humanas), efetivamente demonstrada na redenção (Jo 3.16). E isso deve levar-nos a compreender espiritualmente e compartilhar o mesmo sentimento de Deus, que não quer que ninguém se perca (1 Tm 2.3,4; 2 Pe 3.9).

<sup>24</sup> O leitor não encontrará nesta obra qualquer discussão acerca de eventuais diferenças entre imagem e semelhança. O entendimento do autor é o mesmo da grande maioria dos estudiosos da Bíblia, inclusive do ramo pentecostal clássico, para os quais imagem e semelhança são expressões sinônimas, sendo a segunda apenas um reforço da primeira.

(Gn 2.16,17). Deus referia-se, em primeiro lugar, à natureza espiritual do homem, a primeira a ser afetada pelo nefasto pecado, mas também se referia à morte do corpo, que não tardaria a ingressar na história humana, com a tragédia do primeiro homicídio, que vitimou o jovem Abel (Gn 4.1-8).

As consequências do pecado foram anunciadas por Deus à serpente, à mulher e ao homem, e afetou toda a criação (Gn 3.14-19). Em relação ao homem, diz a *Declaração de Fé das Assembleias de Deus* (2025, p. 98, 99):

A Queda no Éden arruinou toda a humanidade tão profundamente que transmitiu a todos os seres humanos a tendência ou inclinação para o pecado. Não somente isso, contaminou toda a humanidade [...] A natureza moral foi corrompida, e o coração humano tornou-se enganoso e perverso. Todas as pessoas estão mortas em ofensas e pecados; são inimigas de Deus e escravas do pecado. A corrupção do gênero humano atingiu o homem em toda a sua composição — corpo, alma e espírito [...]. Apesar de tudo, a imagem de Deus no ser humano não foi aniquilada; foi, no entanto, desfigurada a tal ponto que a sua restauração só é possível em Cristo.

Para aniquilar os efeitos da Queda, trazidos pelo pecado do primeiro Adão, Cristo, o último Adão, como Homem Perfeito, consumou na cruz a obra de redenção, suficiente para restaurar a imagem de Deus no homem por inteiro, incluindo o corpo (1 Co 15.53; 1 Ts 4.16,17): “Mas todos nós, com cara descoberta, refletindo, como um espelho, a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória, na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor” (2 Co 3.18). “[...] O primeiro homem, Adão, foi feito em alma vivente; o último Adão, em espírito vivificante. [...] E, assim, como trouxemos a imagem do terreno, assim traremos a imagem do celestial” (1 Co 15.45,49).

## I – A TRICOTOMIA HUMANA

Na introdução desta obra, fizemos referências às duas outras visões teológicas relativas à constituição do homem: o unitarianismo (ou monismo) e o dicotomismo. Aqui trataremos da doutrina tricotômica, claramente lastreada nas Escrituras e que também pode ser defendida a partir de uma analogia com o Ser de Deus, como observa Eurico Bergstén (1913–1999): “Deus, que é trino, criou o homem como um ser tríplice, isto é, composto de corpo, alma e espírito. O Deus trino, isto é, Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo, imprimiu sua semelhança na formação do homem” (BERGSTÉN, 1999, p. 128). O teólogo pentecostal também invoca o Tabernáculo e as suas três

partes de forma analógica ao homem e os seus três elementos (*ibid.*, p. 129). Essas mesmas analogias são feitas pelo pastor Antonio Gilberto (1927–2018) (2021, p. 1921). No capítulo 4, voltaremos a essa analogia quando tratarmos do corpo. Ainda em comparação com a tricotomia humana, podemos pensar no aspecto tríplice dos reinos terrenos: o animal, o vegetal e o mineral.

O leitor poderá, a partir dos muitos textos bíblicos que aqui serão citados, examinar o quanto a Bíblia refere-se ao espírito e à alma com clara distinção, sem prejuízo das referências em que os termos aparecem de forma intercambiável ou sinônima, o que não depõe contra a visão tricotômica, mas reforça-a, pois, como acentua Myer Pearlman (1898–1943), citado por Timothy Munyon (1996, p. 248), “o espírito está entretecido na própria textura da alma. São fundidos e caldeados numa só substância”.

O que se tem, com suficiente clareza, é que as Escrituras citam inúmeras vezes o espírito e a alma no exercício das suas faculdades inerentes, que se comunicam em muitas referências — e não é demais que, às vezes, até se confundam pela íntima e profunda fusão existente entre ambos, como já destacado, ao ponto de a divisão só ser distinguida por Deus mediante a sua Palavra, conforme a conhecida citação de Hebreus 4.12.

## 1. Doutrina e teologia

A Doutrina do Homem é conhecida na Teologia Sistemática como Antropologia Bíblica ou Antropologia Teológica. É uma doutrina que se relaciona com todas as demais doutrinas fundamentais, pois toda a Revelação está voltada ao tema do relacionamento de Deus com o homem e deste com aquEle. Assim, o estudo da antropologia leva em conta, de início, a Doutrina de Deus e considera todas as demais doutrinas, como a hamartiológia, a cristologia, a soteriologia e a escatologia, pois o seu campo de estudo engloba a criação, a Queda e a redenção. Como doutrina, a antropologia busca todos os seus fundamentos nas Escrituras e serve-se de reflexões teológicas formuladas a partir do conteúdo escriturístico. Doutrina e teologia bíblicas constituem o arcabouço da Antropologia Bíblica ou Teológica.<sup>4</sup>

<sup>4</sup>Em uma visão clássico-ortodoxa, doutrina e teologia podem ser consideradas iguais. Contudo, é possível e até necessário estabelecer uma distinção conceitual entre esses termos, principalmente pelo conceito cada vez mais amplo oferecido à última em nossos dias. Justo González (2009, p. 314) apresenta diversos conceitos e empregos da teologia contemporânea, os quais podem ser vistos como um perigoso afastamento da doutrina bíblica à medida que a teologia tem-se aproximado cada vez mais da filosofia e das ciências sociais. Isso tem levado a um universo cada vez mais genérico e diverso de teologias. Assim, embora se reconheça, naturalmente, a existência da boa teologia, que busca refletir com fidelidade o que está revelado nas Escrituras, prefere-se, aqui,

## A Antropologia como Ciência

Antes de prosseguir no estudo da Antropologia Bíblica, é importante conceituar antropologia e considerar a sua área de atuação como ciência. Formada dos vocábulos gregos *antrophos* (homem) e *logia* (estudo), a antropologia foi organizada como uma área científica somente no século XIX. O seu objeto de estudo é o homem nas suas vivências, considerando aspectos de organização social, cultural, línguas, hábitos, costumes, tradições etc. Jean-Marie Auzias (p. 11) sintetiza o conceito de antropologia como sendo “a ciência das culturas de toda a Humanidade”.<sup>5</sup>

O grande avanço das pesquisas de cunho antropológico deu-se no período das grandes navegações protagonizadas pelos europeus a partir do século XV. Foi a chamada era dos descobrimentos. O conhecimento de novos povos e culturas desafiou o pensamento dos colonizadores em pleno Iluminismo (séculos XVII e XVIII), quando estava em franca valorização a razão humana em detrimento do pensamento religioso medieval. Esse encontro de novos povos levou ao avanço da ciência e ao surgimento de campos de estudos específicos, como a Antropologia, tendo como primeiros teóricos Émile Durkheim (1858–1917) e Marcel Mauss (1872–1950), conforme acentua o antropólogo François Laplantine (2007, p. 87-92).

Atualmente, a Antropologia está dividida em diversos campos. O modelo americano classifica-a em quatro áreas: (1) a Antropologia Cultural, (2) a Arqueologia, (3) a Antropologia Físico-Biológica e (4) a Antropologia Linguística. Existem outras divisões de estudo nos modelos britânico e francês, além de realidades peculiares de diversos países, como o Brasil, onde se pratica mais a Antropologia Cultural. Enquanto instrumento de pesquisa da realidade dos povos, a antropologia produz achados interessantes para a humanidade. O seu grande problema, contudo, é quando se envereda para

inicialmente e por prevenção, estabelecer um concito distinto entre doutrina e teologia, considerando esta uma reflexão acerca daquela. Diríamos, então, que doutrina bíblica é o conteúdo bíblico propriamente dito, enquanto a teologia bíblica é uma reflexão sobre esse conteúdo. Sendo fiel às Escrituras, o exercício teológico é de incalculável valor. Em resumo, pode-se afirmar que a doutrina bíblica é o ensino que encontramos diretamente do exame das Escrituras, enquanto teologia é a reflexão sobre esse ensino, à qual podemos ter acesso lendo ou ouvindo a produção dos teólogos, clérigos ou leigos. Nesse contexto, está a Antropologia Bíblica, a Doutrina do Homem sistematizada pela teologia à luz do conteúdo escrutarístico. Essa sistematização nada mais é que o agrupamento em tópicos dos ensinos bíblicos concernentes ao homem (BOYER, 2008, p. 516).

<sup>5</sup>Jean-Marie é um dos estudiosos que consideram que o grande precursor da antropologia foi Héródoto (século V a.C.) — o historiador e geógrafo grego que é considerado o pai da História — pelas muitas investigações e registros que fez ao longo das suas muitas viagens por diferentes terras, entre uma diversidade de povos e culturas: “Na verdade — diz Jean-Maire — [Héródoto] funda a Antropologia por meio de um grande número de diligências que fazem do seu inquérito um verdadeiro manual de Antropologia regional da Antiguidade” (p. 13).

a discussão da existência humana, a sua origem, propósito e destino. Como não há resposta para essas questões fora da Bíblia, os antropólogos nada podem dizer ao homem que realmente faça sentido e responda as grandes dúvidas da humanidade.

Enquanto a Antropologia Bíblica mostra-nos, pelas Escrituras, a história da Salvação — que passa pela Queda e apresenta a Redenção —, a Antropologia Científica, com as suas concepções ateístas e materialistas, permanece presa a um quadro de teorias, incredulidade e caos. As suas concepções e conclusões não oferecem qualquer esperança para o homem. Ao negar a criação, o edifício antropológico da ciência humana é construído sobre bases insustentáveis. Há um abismo debaixo das crenças antropológicas formuladas à parte da Bíblia, as quais estão infelizmente permeadas em todo o sistema de vida humano, que não presume a existência de Deus e a sua obra, mas rejeita-as.<sup>6</sup>

Anthony A. Hoekema (2018, p. 13) aponta o materialismo como o tipo de antropologista não cristão mais influente atualmente:

Segundo essa ideia, o homem é um ser composto de elementos materiais, sendo sua vida mental, emocional e espiritual simplesmente subprodutos de sua estrutura material. Por exemplo, a visão marxista da determinação econômica da História repousa sobre uma concepção materialista ou naturalista da natureza humana. Para o marxista, o homem é, simplesmente, um produto da natureza. Os seres humanos não foram criados à imagem de Deus — na verdade, a existência real do Criador é negada.

[...]

Um outro tipo de antropologia materialista influente em nossos dias é a ideia do homem subjacente nos escritos de B. F. Skinner. Em sua obra *Beyond Freedom and Dignity* (Além da Liberdade e da Dignidade), Skinner sustenta que a ideia de que o ser humano é responsável por sua conduta está enraizada numa tradição que não é mais cientificamente aceitável.

O discurso do homem sobre o homem é utópico e sem sentido. Limitada ao que vê e divagando em teses frágeis quanto ao que não vê, a humanidade segue em busca de explicações para as suas inquietantes dúvidas existenciais. Sem respostas, a Antropologia Geral tem-se reduzido a contemplar e descrever a existência humana em grupo; as culturas dos povos, as suas

---

<sup>6</sup>Walter Brunelli (2017, p. 11-14) apresenta um paralelo interessante entre a antropologia científica e a antropologia bíblico-teológica, destacando as suas diferenças.

organizações em sociedade, os seus arcabouços linguísticos, os seus costumes e práticas. Quando tenta formular explicações para as grandes questões da vida humana, perde-se no pântano das incertezas. Somente as Escrituras têm a resposta para as mais antigas e inquietantes perguntas do homem. Esse é o grande tema da Antropologia Bíblica.

### *A Psicologização da Fé*

O homem é um ser complexo e não pode ser compreendido à parte da Revelação. Por isso, não apenas as equivocadas concepções antropológicas e filosóficas, mas também visões de outras áreas do conhecimento humano, como a psicologia, devem ser encaradas com as devidas reservas, pois sempre conflitarão em diversos pontos com as Escrituras e a verdadeira fé cristã. Considerando que as ciências em geral não partem do pressuposto de que Deus existe, é uma grande temeridade — e tem-se mostrado um perigo crescente para a Igreja atual — o cristão deixar-se guiar cegamente por abordagens e diagnósticos psicológicos se estes não podem levar em conta fatores espirituais. Se não se pode ter uma concepção antropológica adequada sem considerar o homem na sua integralidade (corpo, alma e espírito), como é possível encontrar respostas seguras para os problemas do homem em terapias que não admitem fatores de ordem espiritual?

A psicologização da fé é um processo gradual de substituição da fé pela psicologia no ambiente cristão. Psicologizar a fé é tentar explicar e tratar problemas emocionais que tenham origem espiritual por meio de teorias e técnicas da psicologia, cujos pressupostos são alheios à verdadeira origem das crises. É negar os efeitos do pecado, como a culpa, buscando soluções terapêuticas sem considerar a necessidade de atitudes espirituais, como o arrependimento, a confissão e o abandono do pecado. Como observa Billie Davis (2018, p. 192), “os cristãos que estudam psicologia geral ou treinam para trabalhar como psicólogos com pessoas perturbadas veem como as perspectivas (ou cosmovisões) da psicologia secular podem torcer o entendimento sobre a natureza humana”. Por isso, salienta-se a necessidade de a verdade psicológica ser examinada à luz da verdade cristã, e não à parte dela (*ibid.*, p. 193).<sup>7</sup>

Citando Gary R. Collins (1934–2021), Davis ainda analisa que as teorias da psicologia secular não explicam as realidades humanas adequadamente

<sup>7</sup> Isso não significa dizer que temos que desprezar a Psicologia. Conforme pondera Billie Davis (*ibid.*): “Os psicólogos cristãos notam que todo achado básico nos estudos científicos do comportamento humano reflete um pouco da verdade bíblica ou teológica”. Como em outros ramos c áreas da ciência, estudos psicológicos sérios tem, sim, encontrado explicações para comportamentos humanos, contribuindo para o bem-estar dos indivíduos. É aplicar sempre a recomendação paulina: “Examinai tudo. Retende o bem” (1 Ts 5.21).

porque são construídas em pressuposições erradas sobre a origem e a natureza das pessoas; os seus métodos não podem responder as questões essenciais, como as relativas a significado, propósito e condições espirituais dos seres humanos (p. 194). As Escrituras dizem-nos que Caim era do maligno e matou o seu irmão porque as suas obras eram más, e as de seu irmão Abel, justas (1 Jo 3.12). A psicologia faria todo o tipo de diagnóstico da personalidade de Caim, menos esse.

O psicólogo cristão Jamiel Lopes (2017, p. 11) adverte:

A aceitação sem questionamentos das práticas psicoterapêuticas nas igrejas pode representar um grande problema. Psicologia e cristianismo são dois caminhos diferentes que parecem próximos, mas que, ao mesmo tempo, são muito distantes. Há um grande abismo que separa um do outro. A Psicologia lida com a natureza do homem, como ele vive e como ele muda. A Bíblia lida exatamente com as mesmas questões. No entanto, os principais ensinamentos da Psicologia contradizem ou comprometem muitas vezes os ensinos das Escrituras.

Jesus convida os cansados e oprimidos para irem a Ele e encontrar descanso para a alma (Mt 11.28,29). Pedro pregou arrependimento e conversão para libertação e alcance de refúgio (At 3.19). (A NVB traz no versículo 20 a expressão “tempos maravilhosos de alívio”, o que equivale a paz, alegria e um novo vigor para espírito e alma). Antes de expor nossas angústias e tristezas a diagnósticos humanos, devemos submetê-las ao crivo divino (Sl 142.1-7).<sup>8</sup>

Trataremos um pouco mais dessa relação entre fé e psicologia ainda neste capítulo, quando falarmos sobre Equilíbrio e Saúde, no tópico A Intereração das Três Dimensões.

## **2. A tríplice natureza**

Diversos textos bíblicos fazem referência aos três elementos constitutivos do ser humano. Em Deuteronômio 4.9, somos advertidos a guardar bem a “alma”, para que ela não se esqueça do que os olhos têm visto. Nota-se, claramente, a alma como lugar de recordação e reflexão, além de decisão, pois o texto diz mais: “[...] e se não apartem do teu coração todos os dias da tua vida, e as farás saber a teus filhos e aos filhos de teus

---

<sup>8</sup>“Com a minha voz clamci ao SENIOR; com a minha voz ao SENIOR supliquci. Derramei a minha queixa perante a sua face; expus-lhe a minha angústia. Quando o meu espírito estava angustiado em mim, então, conheceste a minha vereda” (Sl 142.1,2)

filhos”. Aparece no texto o termo hebraico *leb* (coração), muitas vezes usado no sentido de alma ou espírito ou alma e espírito, “a totalidade da natureza interior ou imaterial do homem” (Harris, 1998, p. 765).<sup>9</sup> Hans Walter Wolff (1911–1993) (2007, p. 79) observa que *leb* é a palavra mais importante para a gramática da antropologia veterotestamentária. Na forma mais corrente, aparece 598 vezes.

Em Daniel 7.15, o profeta afirma: “Quanto a mim, Daniel, o meu espírito foi abatido dentro do meu corpo, e as visões da minha cabeça me espantavam”. A referência a “espírito” (*ruah*) não pode ser tida como aleatória, principalmente porque, no mesmo texto, o profeta refere-se ao que povoava a sua mente (“as visões da minha cabeça”), após se referir ao corpo: espírito e mente (pensamentos, visões) estavam inquietos, ou seja, todo o interior do profeta. Zacarias 12.1 é o clássico texto que fala da formação do espírito dentro do homem: “[...] Fala o SENHOR, o que estende o céu, e que funda a terra, e que forma o espírito do homem dentro dele”. Mais uma vez o termo hebraico aqui é *ruah*, e não *nephesh* (alma). Em Mateus 10.28, temos a declaração de Jesus acerca da distinção entre a parte mortal (corpo) e a imortal do homem (representada pela alma): “E não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; temei, antes, aquele que pode fazer perecer no inferno a alma e o corpo”. (Analisaremos mais detidamente esse versículo no capítulo 5, quando tratarmos especificamente da alma).

Também reforça o aspecto tríplice da constituição humana o fato de que Jesus Cristo, o Filho de Deus encarnado, tinha semelhantes elementos, como se observa em diversos textos dos Evangelhos. Em Lucas 23.46, Jesus, estando na cruz e antes de expirar, entregou ao Pai o espírito (*pneuma*). Em Lucas 24.39, já ressuscitado, aparece aos discípulos e afirma: “Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo; tocai-me e vede, pois um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho”. Isso disse por que os discípulos pensavam estar vendo um “espírito” (24.37). Em João 12.27, Jesus afirma: “Agora, a minha alma [*psyque*] está perturbada”. Na sua oração no Getsêmani, Ele fala da angústia da sua alma: “[...] A minha alma está cheia de tristeza até à morte; ficai aqui e vigiai comigo” (Mt 26.38).

<sup>9</sup>“Na literatura bíblica é o vocábulo usado com maior frequência para indicar as funções imateriais da personalidade humana e também o mais abrangente para designá-las, visto que na Bíblia praticamente toda função imaterial do homem é atribuída ao ‘coração’. [...] De longe, a grande maioria dos usos de *leb* refere-se ou à natureza interior ou imaterial em geral ou a uma das três funções tradicionais da personalidade: emoções, pensamento e vontade. Ao referir-se à natureza interior, *leb* pode servir de contraste de algum aspecto relativamente obscuro ou menos visível da natureza humana com o lado mais público de seu ser. Pode ser considerado como um reflexo interior do homem exterior (Pv 27.19)” (Harris *et al.*, p. 765).

O que se pode concluir diante dessas e de tantas outras citações de espírito e alma como elementos distintos é que os considerar o mesmo componente é mais uma escolha hermenêutica do que um exercício exegético correto. É rejeitar a literalidade do texto, preferindo entender que o uso dos termos (ora espírito, ora alma) sempre se dá de forma aleatória, intercambiável e sinônima. Não é, seguramente, o caminho mais adequado, principalmente porque, mais adiante, o estudante da Bíblia há que se deparar com 1 Tessalonicenses 5.23, que faz a citação de espírito, alma e corpo em continuidade textual e sem nenhuma indicação de sinonímia, e ainda verá o já citado texto de Hebreus 4.12, que menciona a divisão entre alma e espírito. A tríplice natureza está, portanto, bem solidificada nas Escrituras.

### 3. Físico e espiritual

Gênesis 2.7 apresenta Deus formando o homem do pó da terra (parte física) e, sendo Ele espírito (Jo 4.24) e o Pai dos espíritos (Hb 12.9), soprando o fôlego de vida, fazendo o homem uma alma vivente. O sopro é o elemento espiritual que torna o homem um ser vivente diferente de todos os animais, com uma alma racional, afetiva e volitiva. A faculdade da consciência, que só o ser humano possui entranhada na sua substância espiritual, também se soma aos fatores que o distingue dos animais. Por outro lado, os homens também são distintos dos anjos, que são seres espirituais reais e distintos, mas imateriais e incorpóreos fisicamente (GABY, 2021, p. 448). São “espíritos ministrais”, conforme Hebreus 1.14.

Quanto aos animais, são físicos e não espirituais. A “alma” dos animais é restrita ao corpo e evai-se com ele no momento da morte. Levítico 17.11 diz: “a alma [vida] da carne está no sangue”. O homem tem vida consciente e racional, enquanto a vida dos animais é inconsciente. Como acentua o pastor Antonio Gilberto (2021, p. 12), a alma do homem tem inteligência consciente, ao passo que a chamada “inteligência” e “argúcia” dos animais é puramente instintiva, não racional.

Referindo-se a Gênesis 2.7, o pastor Antonio Gilberto (p. 13) explica que, na citada passagem, o vocábulo “vida” (*chayim*) está na forma plural no hebraico, certamente indicando as vidas do espírito, da alma e do corpo humano. “O nosso corpo põe-nos em contato com a matéria, isto é, com o mundo material. A nossa alma põe-nos em contato com o próximo, com o mundo social. O nosso espírito põe-nos em contato com Deus, com a esfera do espiritual”, ensina. Quanto à dicotomia, o mestre pentecostal acentua: “Isso é doutrina de homem. Só porque eles não entendem certa

coisa, concluem que ela não existe. Fiquemos, aqui, somente com a Palavra de Deus” (*ibid.*, p. 14).

A respeito da relação entre as três substâncias que compõem o homem, a *Declaração de Fé da Assembleia de Deus* sintetiza (p. 86-7):

O corpo é o invólucro do espírito e da alma; contudo, o homem é um só, e não cada uma de suas partes, mas a totalidade delas: uma unidade (o homem) na pluralidade (espírito, alma e corpo) e uma pluralidade na unidade. [...] A alma e o espírito são elementos espirituais incorpóreos e invisíveis, ambos deixam o corpo por ocasião da morte e sobrevivem a ela. Apesar dessas características comuns, são entidades distintas, porém inseparáveis; são os dois lados do mesmo elemento não físicos do ser humano (Ef 3.16).

## II – A DISTINÇÃO ENTRE ALMA ESPÍRITO

### 1. A alma

A referência à “alma vivente” em Gênesis 2.7, feita em relação ao homem, é comum à expressão utilizada para os animais (Gn 1.20,30). Entretanto, é preciso analisar a distinção do termo quando empregado em relação ao ser humano, dado o seu componente espiritual. Assim como diversos outros termos bíblicos, “alma” é uma palavra polissêmica, ou seja, tem vários sentidos.<sup>10</sup> O seu significado depende do contexto em que está inserida. Isso se dá principalmente no Antigo Testamento, pois, conforme explica Hans Walter Wolff (*ibid.*, p. 35), “o hebreu diz uma só e mesma palavra onde nós precisamos usar termos muito diversos”.

Do hebraico *nephesh*, do grego *psyche* e do latim *anima*, no texto bíblico a palavra “alma” aparece 755 vezes somente no Antigo Testamento, sendo a primeira dela em Gênesis 1.20 com o sentido de “ser vivo”.<sup>11</sup> Aliás, é bastante comum o uso do termo para significar “vida” em geral, incluindo a dos animais, como em Provérbios 7.23: “como a ave que se apressa para o laço e não sabe que ele está ali contra a sua [*nephesh*] vida”. Em Deuteronômio 12.23, *nephesh* (a alma) é o sangue, a vida animal. Também deve ser observado que *nephesh* é usada diversas vezes para referir-se à pessoa, como em Levítico 24.17.

<sup>10</sup> “POLISSEMIA. Derivado do grego *poly* (muitos) e *semeion* (sinal ou sentido), a polissêmia se refere, portanto, à variedade de sentidos que podem ser encontrados em um símbolo ou texto — em particular, no campo da teologia, nas passagens bíblicas” (GONZALES, 2009, p. 257-58).

<sup>11</sup> “E disse Deus: Produzam as águas abundantemente réptis de alma vivente; e voem as aves sobre a face da expansão dos céus” (Gn 1.20)

A distinção da alma humana é vista no processo criativo, pois, diferentemente dos animais, que foram criados por uma ordem verbal divina, o homem recebeu o sopro divino. Como observa Wolff (*ibid.*, p. 69), esse “vento” (*neshama*) é a força vital do ser humano dada por Deus; e é com esse sopro que o Criador “molda” a *ruah* (o espírito) no interior do ser humano (Zc 12.1). Assim, a alma do homem, criado à imagem de Deus, é distinta da dos animais, pois é uma substância espiritual, incorpórea, invisível e imortal (Dn 12.1; Mt 25.46; Ap 20.4), sendo dotada de faculdades próprias, como o intelecto ou razão, a sensibilidade ou sentimento e a vontade ou volição.

Essas características estão intimamente ligadas ao fato de o homem ter sido criado para relacionar-se com o Criador e com os seus semelhantes e ser o representante de Deus perante todo o restante da Criação. Entendemos, ademais, que é nisso que consiste o significado de “imagem de Deus” outorgado ao homem, como explica Timothy Munyon (*ibid.*, p. 259):

[...] a imagem de Deus pertence à nossa natureza moral-intelectual-espiritual. Explicando melhor: a imagem de Deus na pessoa humana é algo que somos, e não algo que temos ou fazemos. Esta opinião está em perfeito acordo com o que já estabelecemos como propósito de Deus na criação da humanidade. Primeiro: o homem foi criado para conhecer, amar e servir a Deus. Segundo: relacionamo-nos com outros seres humanos e temos a oportunidade de exercer o domínio apropriado sobre a criação de Deus. A imagem de Deus em nós ajuda-nos a fazer exatamente essas coisas.

## 2. O espírito

Quanto ao espírito (*ruah* no hebraico e *pneuma* no grego), é a principal dimensão do ser humano, a parte mais íntima do ser. É por meio dele que mantemos comunhão com o Criador, o Pai dos espíritos, e também o adoramos (Jo 4.23,24; Hb 12.9). Como entidade espiritual, é inseparável da alma. Paulo menciona essa parte imaterial do ser humano como “homem interior”, em contraste com o corpo, o “homem exterior” (Rm 7.22-25; 2 Co 4.16-18). O espírito não é o fôlego, como esclarece o pastor Antonio Gilberto (*ibid.*, p. 14): “A respiração é um processo para admissão de oxigênio, para que vivam as células orgânicas do corpo. O espírito identifica o homem, a criação espiritual, e dá-lhe consciência de Deus” (p. 1921-22). “À luz das Sagradas Escrituras, o espírito é a fonte da vida recebida de Deus. O espírito usa e transmite esta vida a alma, que por sua vez a expressa por meio do corpo, utilizando seus sentidos físicos para explorar o mundo exterior e dele receber as necessárias

impressões” (p. 12). Citando Howard Marshall, Brian Glusish (2009, p. 603) menciona o espírito como “o aspecto mais alto da personalidade humana”.

### **III – A INTERAÇÃO DAS TRÊS DIMENSÕES**

Compreender o homem como um ser tripartido é fundamental para entendê-lo como um ser integral, no qual há íntima correlação entre espírito, alma e corpo. Isso, como já destacado, contribui para que haja um equilíbrio vivencial que não despreze quaisquer das substâncias. Assim como a criação, completa e perfeita em todos os seus aspectos, a Redenção resgata o homem por inteiro, o que há de consumar-se na glorificação, com a transformação do corpo, como já assinalado. Por enquanto, vivemos neste “tabernáculo”, nossa “casa terrestre”, como disse Paulo (2 Co 5.1), em meio a fraquezas e imperfeições. É a forma como vivemos aqui, neste corpo, que definirá nossa eternidade (Gl 2.20).

#### **1. Corpo, afetos e somatização**

Do grego *soma*, o corpo, como já definido, é parte material do ser humano, comumente chamado de “invólucro do espírito e da alma”.<sup>12</sup> “É a sede dos sentidos, por meio dos quais a alma explora o mundo exterior. É o corpo que nos põe em contato com o mundo físico. Ele sempre integrará o homem, exceto durante o chamado estado intermediário, isto é, o tempo em que o corpo permanece no túmulo” (Gilberto, p. 1921).

Diante desse papel de expressão dos atributos interiores do homem, o corpo está sujeito a reações positivas e negativas: alegria e tristeza; coragem e medo; prazer e dor. Tudo isso se reflete em comportamentos corpóreos (ou linguagem corporal). O vocábulo mais utilizado pela Bíblia como origem dos afetos — inclusive os que se expressam por intermédio do corpo — é “coração” (*leb*, no hebraico, e *kardia*, no grego). Na maioria das vezes que é usado em linguagem figurada, tem o significado apenas de “alma”. Noutras vezes, refere-se a todo o interior do homem. Numa longa e profunda análise do termo *leb* no Antigo Testamento, Hans Walter Wolff vê “coração” com inúmeros sentidos: desejo e aspiração; ideias secretas; funções intelectuais e racionais; consciência; repositório de saber e recordações (memória); pensamento, consideração, reflexão e deliberação; conhecer e escolher; julgamento; intelecção e volição; consciência moral; decisões da vontade (*op. cit.*, p. 80-97). Observa-se, portanto, tanto faculdades da alma quanto do espírito.

---

<sup>12</sup> Declaração de Fé, p. 86.

O corpo está sempre em interação com as substâncias imateriais. Em Provérbios 14.30 e 15.13, Salomão retrata a relação entre sentimento e corpo. O primeiro texto diz: “O coração com saúde é a vida da carne”. O segundo, “O coração alegre aformoseia o rosto”. Em Provérbios 17.22, o rei de Israel alterna entre reações positivas e negativas do corpo em decorrência de sentimentos: “O coração alegre serve de bom remédio, mas o espírito abatido virá a secar os ossos”. Apesar da linguagem poética, comprehende-se que o escritor bíblico referia-se a fenômenos físicos originados na alma, assim como fez Davi em diversas ocasiões, como quando mencionou que os seus olhos, a alma e o corpo estavam consumidos de tristeza, a vida gasta, a força reduzida, e os ossos enfraquecendo-se (Sl 31.9,10) — ou, ainda, quando se referiu a envelhecimento dos ossos e perda do humor (Sl 32.3).

De fato, emoções e sentimentos têm o potencial de afetar diretamente o corpo, alterando as suas funções biológicas e fisiológicas, produzindo sintomas como a perda do apetite e do sono. Mesmo que emoções e sentimentos não causem enfermidades físicas diretamente, o prolongamento de disfunções como as já citadas (perda de apetite e sono) podem levar ao desencadeamento de doenças nos sistemas orgânicos. Assim, esses e outros fatores são vistos como causadores das chamadas doenças psicossomáticas, mais identificadas a partir do século XX.<sup>13</sup> O pastor Wagner Gaby (2008, p. 163) assim as conceitua:

As doenças psicossomáticas são aquelas que têm um componente psíquico. São a manifestação das doenças orgânicas provocadas por problemas emocionais, nervosismo, depressão etc. Quando somatizamos, temos a consciência de que forçamos além da conta uma emoção. Daí as consequências como um resfriado, uma diarreia, um herpes, uma enxaqueca.

O corpo expressa, põe para fora as emoções, que por vezes escondemos de nós mesmos, por meio de gestos, mímicas, contraturas, calor, tremor, dores de barriga, sustos, travamento dos dentes, enfim, tantas e tantas demonstrações físicas.

Gaby cita o médico José Humberto Moromizato, especialista em doenças psicossomáticas, segundo o qual inúmeras outras doenças podem ser pro-

<sup>13</sup> O termo “psicossomático” é a função das palavras de origem grega *psiko+somático*, ou seja, disfunções da alma (*psyche*) que se manifestam ou somatização no corpo (*soma*). Segundo Rafael Santos Barbosa (p. 6), “A primeira aparição do termo ‘psicossomático’ teria ocorrido em 1818, através do professor de Psiquiatria alemão Johan Christian Heinroth, que enfatizou a relação bidireccional entre corpo-mente”. Acrescenta que “As discussões sobre essa questão, entretanto, são mais remotas, mesmo que esse termo específico não tenha sido utilizado diretamente”.

vocadas por problemas emocionais; fatos negativos que ficam gravados em nosso inconsciente, citando moléstias como infarto, pressão alta, bronquite, asma, gastrite, colite, úlcera (*ibid.*, p. 164).

## 2. Equilíbrio e saúde

Assim como o corpo padece por causa de disfunções da alma e do espírito, estes também sofrem em decorrência de problemas físicos, que podem ser naturais, ou seja, não diretamente provocados, ou decorrentes de ação ou negligência pessoal.<sup>14</sup> Qualquer que seja a causa, as doenças têm o potencial de tirar a alegria, abater a alma. Cuidar bem do corpo é, portanto, um fator determinante para uma vida saudável na sua integralidade. Isso diz respeito, inclusive, a não entregar o corpo à prática do pecado, pois há uma interação direta entre a alma e o espírito e a estrutura material. O apóstolo Tiago cita a língua, que, mal-usada, “contamina a pessoa por inteiro” (Tg 3.6, NVI).

É preciso observar quando os problemas emocionais decorrem de causas espirituais, como pecados, sejam eles praticados com o corpo, a alma ou o espírito. Dado o grande aumento dos transtornos mentais, cresce cada vez mais e de forma indiscriminada o uso de medicamentos como os antidepressivos e ansiolíticos. Recorrer a medicamentos sem levar em conta a verdadeira origem dos problemas da alma pode piorar o quadro em vez de dissipá-lo. Tanto o corpo pode estar padecendo em função de iniquidades, quanto a alma pode estar afetada por transgressões e resistência em arrepender-se e mudar de atitude.

Quando transtornos de humor, por exemplo, têm origem em comportamentos de rebeldia, iras, intrigas, maledicências e outras práticas sustentadas em pecados enraizados no espírito ou na alma, medicamentos não podem trazer a solução. Escrevendo aos colossenses, o apóstolo Paulo recomendou a mortificação da carne e o abandono de todo tipo de pecado — citou a ira, a cólera, a malícia, a maledicência, as palavras torpes, a mentira — e receitou, como remédio, a misericórdia, a benignidade, a humildade, a mansidão, a longanimidade, o perdão e o amor (Cl 3.5-15). O resultado é um cenário interior de paz e abundante alegria (3.16,17).

Quando o distúrbio tem origem espiritual — como crises produzidas por pecado não confessado —, arrependimento e abandono da prática

<sup>14</sup> Há doenças contraídas de forma totalmente alheia à conduta do indivíduo, como as que são transmitidas por meio da água, ar, alimentos, mosquitos etc. Há, também, o processo de degeneração natural, que tem a ver com o desgaste de tecidos, órgãos e sistemas do corpo humano, inevitáveis com o envelhecimento. Há, contudo, doenças causadas ou agravadas por maus hábitos, principalmente alimentares, falta de higiene, sedentarismo, vícios etc.

pecaminosa são essenciais para a verdadeira cura (2 Cr 7.14; Is 53.4,5; Ef 4.31; Cl 3.8; Tg 4.6-10). O cristão, portanto, precisa ser cauteloso em não recorrer aos remédios antes de considerar se os seus problemas emocionais são ou não de origem espiritual. Mesmo a proposta de muitos, de integrar psicologia e fé cristã, precisa ser encarada com muita cautela. Erwin Lutzer (2000, p. 91) propõe uma interessante fronteira ao referir-se à discussão acerca das propostas de integração entre psicologia e Bíblia:

Pessoalmente, acautelo-me com as tentativas de integração. Não encontro base bíblica par fazer distinção entre um problema espiritual e um problema psicológico. Basicamente, os problemas psicológicos — a menos que tenham causas físicas ou químicas — são espirituais. Onde, além das Escrituras, poderíamos encontrar uma melhor análise das necessidades humanas, juntamente com o remédio sobrenatural? Segundo escreve Pedro, o poder divino do nosso Senhor nos concedeu “tudo de que necessitamos para a vida e para a piedade, por meio do pleno conhecimento daquele que nos chamou para a sua própria glória e virtude (2 Pe 1.3).

Como em tudo na vida, é preciso que haja equilíbrio quando o cristão enfrentar distúrbios psíquicos. Se, por um lado, não é razoável a busca de medicamentos para a solução de todo e qualquer tipo de problema emocional, por outro lado não se pode desprezar a necessidade de acompanhamento médico e psicológico em situações diagnosticadas clinicamente. Como alerta o pastor e psicólogo Maurício Ferreira Brito (2021, p. 60), não podemos materializar tudo e nem espiritualizar. O problema pode ser originado em fatores físicos ou químicos. Mesmo assim, devemos levar todas as coisas ao conhecimento de nosso Deus, rogando-lhe o seu favor, pois a bênção de que precisamos, por meio do uso de medicamentos ou não, está nas mãos dEle.

É preciso considerar, por fim, que o uso de medicamentos não é a primeira alternativa mesmo quando os fatores não forem de ordem espiritual. Há transtornos emocionais que podem ser evitados, minorados ou vencidos com a mudanças de comportamento em nosso cotidiano. Bons hábitos alimentares, tempo regular de sono, a prática de exercícios físicos e relacionamentos saudáveis são “santos” remédios. Falando ao *podcast JesusCopy*, o psiquiatra cristão Felipe Batistela trata dessas condutas e faz uma afirmação que deve ser muito levada em conta diante do crescente consumo de ansiolíticos e antidepressivos. O médico disse que quanto mais estuda, menos remédio prescreve para os seus pacientes.<sup>15</sup>

<sup>15</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=w9bSaGjqwv4>. Acesso em 03/06/2025.

Para que não se conclua que essa cautela quanto ao uso indiscriminado de medicamentos para tratar de problemas emocionais seja “coisa de crente”, basta consultar fontes seculares, como o livro *Voltando ao Normal*, do renomado psiquiatra norte-americano Allen Frances, que faz um alerta para o excesso de diagnósticos e a medicalização da vida e afirma:

A melhor forma de lidar com os problemas da vida diária é resolvê-los de maneira direta ou esperar que vão embora, em vez de medicalizá-los com um diagnóstico psiquiátrico ou tratá-los com um comprimido. Recorrer de modo prematuro a medicamentos provoca um curto-círcuito nos caminhos tradicionais da cura natural e renovadora — buscar o apoio da família, dos amigos e da comunidade; fazer as mudanças necessárias na vida, descarregar o excesso de estresse; dedicar-se a hobbies e interesses, aos exercícios, ao descanso, às distrações, à mudança de ritmo. Superar problemas sozinho normaliza a situação, ensina novas habilidades e traz o indivíduo para perto daqueles que o ajudaram. (2016, p. 55)<sup>16</sup>

## CONCLUSÃO

O Deus criador e sustentador de todas as coisas é poderoso para, num mundo tão conturbado, agitado e cheio de contradições, dar-nos sabedoria e vigor no espírito, na alma e no corpo, a fim de vivermos saudáveis e servi-lo com todo o nosso ser (Fp 4,6,7).

---

<sup>16</sup> O dr. Allen Frances faz uma crítica bem pontual e fundamentada do DSM-5, o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, que ampliou as hipóteses diagnósticas, o que ele chama de “inflação diagnóstica”. Frances afirma que milhões de indivíduos sadios têm sido prejudicados por diagnósticos equivocados, tratamentos desnecessários e medicalização em excesso e aponta para abusos da medicina e da indústria farmacêutica.



## CAPÍTULO 2

# O Corpo — A Maravilhosa Obra da Criação de Deus

### INTRODUÇÃO

No primeiro capítulo, buscamos apresentar uma síntese do pensamento bíblico acerca do homem, destacando-o como uma unidade, um ser integral, composto, porém, de três partes distintas: espírito, alma e corpo. Neste capítulo, trataremos especificamente do corpo, a substância material do ser humano. Nossa reflexão partirá do estudo dos versículos 13 ao 16 do Salmo 139, nos quais Davi expressa o seu deslumbramento com a formação do corpo humano, a criação física de Deus mais extraordinária.

Fruto de uma compreensão espiritual, o salmista admira o modo como ele foi formado por Deus no ventre materno. Davi emprega o termo hebraico *yare*, que, na ARC, qualifica esse “modo” como “terrível e tão maravilhoso”, transmitindo a ideia de assombro. A Almeida Revista e Atualizada (ARA) traduz como “modo assombrosamente maravilhoso”. A expressão também é usada para revelar o temor causado em quem presencia e reconhece as admiráveis obras de Deus, como destacam Harris, Archer Jr. e Waltke (1998, p. 656). Foi esse reconhecimento espiritual da grandiosidade da obra divina que levou Davi a louvar ao Senhor pela formação do seu corpo.

Citando Êxodo 14.31, Josué 4.23,24 e 1 Samuel 4.7-9, esses autores referem-se ao emprego de *yare* como expressão de temor a Deus diante dos seus grandes feitos. Êxodo 14.27-31 contém a narrativa da abertura do Mar Vermelho para a passagem dos hebreus, o seu fechamento e a destruição total dos egípcios e como isso causou um grande espanto no povo e levou-o a temer a Deus (14.31). Observa-se, portanto, que se trata de uma forte reação emocional, de espanto e temor diante de um feito visível, porém inexplicável, incompreensível à mente humana. Davi experimentou emo-

ção semelhante quando se referiu ao modo tão maravilhoso como o corpo humano é formado por Deus.

### **Racionalismo e Cientificismo**

Embora físico, tangível e sujeito a investigações em laboratórios, o corpo humano é uma obra tão extraordinária que muitos dos seus mistérios não podem ser explicados nem mesmo pela mais moderna ciência, quanto mais pela filosofia. Desde René Descartes (1596–1650), os racionalistas propugnavam que a razão humana seria capaz de dar respostas a todas as perguntas do homem, sem necessidade alguma da fé. Assim, o racionalismo passou a representar a tentativa de julgar tudo à luz da razão, no afã de liquidar completamente o sobrenatural (BROWN, 1989, p. 37). Desde então, a filosofia sucedeu-se ciclicamente em tantas escolas de pensamento sem nenhuma delas alcançar explicações terminativas para os problemas do homem. Filho do racionalismo, o cientificismo (ou cienticismo) é a “Doutrina segundo a qual a ciência, em virtude de seus formidáveis avanços, é capaz de resolver todos os problemas humanos, inclusive os de ordem metafísica e espiritual” (Andrade, 1999, p. 82). Apesar dessas soberbas pretensões humanas, depois de séculos de intensas pesquisas, os grandes cientistas do mundo admitem que ainda se sabe muito pouco da própria fisiologia humana (Guyton e Hall, 1998, p. 28).<sup>1</sup>

Não acreditar em Deus como Criador tem levado grande parte da humanidade a viver numa abissal crise de identidade. A ciência é muito importante para a vida humana e, sem dúvida alguma, tem avanços de grande relevância em diversas áreas, como na medicina, mas nunca desvendará todos os mistérios da criação divina, inclusive do corpo humano. Somente pela fé, por meio da Revelação escrita, temos respostas sobre nossa constituição e existência e sobre todos os grandes feitos de Deus. Por isso, em vez de insistir em compreender o incompreensível, o melhor caminho para o homem é render-se à soberania do Criador e reconhecer o seu eterno poder (Rm 1.19,20). Ao contemplar as suas inexplicáveis obras, só nos resta louvá-lo, como fez Davi, com alma serena e tranquila.

## **I – A MARAVILHOSA OBRA DE DEUS**

### **1. Do pó da terra**

Deus fez o corpo do homem (*adam*) do pó da terra (*adamah*) (Gn 2.7). Isso demonstra a estreita relação que há entre a matéria-prima ou básica, o pó

---

<sup>1</sup> A fisiologia humana ocupa-se do estudo das características e mecanismos específicos do corpo humano que o tornam um ser vivo. (GUYTON e HALL, 1998, p. 3).

da terra, com o produto dela, o corpo humano. Além do grande percentual de água — em crianças, pode chegar a mais de 70%, e em adultos fica em torno de 56% da composição do corpo —, a matéria humana tem muitos dos mesmos elementos químicos encontrados na terra, o mesmo pó do qual o homem foi formado. Arthur Guyton (1919–2003) e John Hall mencionam diversos deles: oxigênio, magnésio, potássio, fosfato, sódio, dióxido de carbono etc. (*ibid.* p. 03).

Acerca da estrutura do corpo, geralmente se afirma ser ele composto de cerca de 37 trilhões de células, além de tecidos, órgãos e sistemas. Quanto às células, que são organismos vivos, há estudiosos que apontam para um número bem maior, como os já citados Guyton e Hall (*ibid.*, p. 03), que falam em cerca de 100 trilhões de células. A respeito do funcionamento dessa “máquina humana”, afirmam:

O corpo humano contém, literalmente, milhares de sistemas de controle. Os mais intrincados deles são os sistemas genéticos, que atuam em todas as células a fim de controlar o funcionamento intercelular e, também, todas as funções extracelulares. [...] Muitos outros sistemas de controle atuam nos órgãos para gerir o funcionamento das diferentes partes desses órgãos; outros atuam por todo o corpo para regular as interações entre órgãos. O sistema respiratório, por exemplo, atuando em associação com o sistema nervoso, regula a concentração de dióxido de carbono no líquido extracelular. De igual modo, o fígado e o pâncreas regulam a concentração de glicose no líquido extracelular. Os rins regulam a concentração dos íons hidrogênio, sódio, potássio, fosfato e de outros íons no líquido extracelular. (p. 05)

Para a grande pergunta “Quem estabeleceu tudo isso?”, há somente uma resposta, como disse Paulo no areópago de Atenas: “O Deus que fez o mundo e tudo que nele há [...] ele mesmo é quem dá a todos a vida, a respiração e todas as coisas [...]”; porque nele vivemos, e nos movemos, e existimos” (At 17.24,25,28). O máximo que a ciência humana pode fazer nas suas investigações é seguir tateando e avançando na descoberta, ainda que parcialmente, da magnitude dessa obra divina. A ciência constata o que Deus criou, mas não consegue explicar ou provar qualquer outra origem que não seja o soberano Criador, embora insista.

## **2. Deus, o Autor da vida**

Adão foi feito o protótipo da raça humana, como está em Atos 17.26. Como destaca French L. Arrington (2009, p. 730), “A ênfase de Paulo se

dá no modo como [Deus] criou a humanidade; Ele fez todas as nações de uma única pessoa: Adão. Todos os seres humanos compartilham a mesma natureza, porque têm um antepassado comum (Gn 1.26-28).<sup>2</sup>

Esse é um ponto de partida fundamental para explicar a origem da mulher, também formada de modo maravilhoso e sobrenatural, mas a partir de uma matéria humana já existente, o corpo de Adão (Gn 2.21,22). A linguagem hebraica expressa a singularidade do processo de formação da mulher, um corpo distinto em anatomia, fisiologia e genética, que impressionou a Adão (Gn 2.23) e ainda impressiona o homem pela sua singular beleza. Apesar disso, como parte da rebeldia do homem contra Deus, tem sido cada vez mais comum a rejeição do corpo em relação ao sexo biológico, na tentativa de fazer prevalecer os desejos, como pontua Nancy Pearcey (2022, p. 196):

Hoje, o tratamento aceito não é ajudar as pessoas a mudarem o seu sentimento interior de identidade de gênero para combinar com o seu corpo, mas a mudarem seu corpo (por meio de hormônios e cirurgias) para que este passe a combinar com os seus sentimentos.

Apesar dessa negação da realidade fisiológica, Pearcey observa o quanto distintos são os corpos do homem e da mulher (*ibid.*, p. 198):

A biologia é mais do que um pedaço de carne entre as pernas. Em uma Ted Talk popular, a cardiologista Paula Johnson declarou: “Todas as células têm sexo — e o que isso quer dizer é que homens e mulheres são diferentes em tudo, até o nível celular e molecular. Significa que somos diferentes em todos os nossos órgãos, desde o cérebro até o coração, os pulmões, as articulações”. Em outras palavras, não importa qual seja a sua fisiologia de gênero, quando estiver doente e o médico colocá-lo na mesa de cirurgia, ele continuará precisando saber o seu sexo biológico original para dar-lhe o melhor tratamento médico possível.<sup>3</sup>

Louvemos a Deus, portanto, pela sua maravilhosa criação, que nos fez macho e fêmea, com as devidas distinções, todas para a sua glória!

<sup>2</sup> Craig Keener vê nessa afirmação de Paulo a intenção de refutar falsas crenças acerca da origem da humanidade, como as que afirmava que o homem era obra da Natureza ou dos “deuses” (2024, p. 3127).

<sup>3</sup> É importante atentar para a sutil alteração de convenção linguística ocorrida nas últimas décadas entre as palavras sexo e gênero, que antes eram usadas de modo intercambiável, como observa Gregg R. Allison no seu livro *Teologia do Corpo* (2023, p.45). Agora, o termo “sexo” passou a ser usado para representar as características físicas, biológicas e anatômicas do ser homem ou da mulher, enquanto que “gênero” agora tem a ver com aspectos psicológicos, sociais e culturais do ser homem ou mulher (p. 46). Daí os intensos debates sobre “identidade de gênero”, na tentativa de fazer prevalecer o que as pessoas pensam que são (“gênero”) e não o que realmente são (“sexo”).

### 3. A individualizada formação integral

Deus fez todos os seres humanos a partir de um (Adão), mas isso não retira de cada um a sua individualidade. Cada ser humano é obra única das mãos de Deus, que forma espírito, alma e corpo. Esse processo dá-se conforme acontece o ato de procriação que Ele mesmo estabeleceu pela união íntima de homem e mulher (Gn 4.1; Is 57.16; Zc 12.1). As Escrituras falam claramente da existência de vida humana completa (corpo, alma e espírito) desde o ventre materno (Gn 25.22; Lc 1.15,39-44; Gl 1.15). A primeira ocorrência desse extraordinário fenômeno está registrada em Gênesis 4.1. A questão é considerar como se dá essa individualizada formação integral (corpo, alma e espírito).

A formação do corpo acontece a partir da fusão de células sexuais do homem (espermatozoide) e da mulher (óvulo). O sexo de uma criança é determinado pelo tipo de espermatozoide que fertiliza o óvulo — ou seja, se é um espermatozoide masculino ou feminino. Guyton e Hall explicam o tamanho do feto desde o início da gestação, afirmando que, durante as duas a três semanas, é praticamente microscópico. A partir daí, começa o crescimento, e, algumas semanas, depois a mamãe passa a percebê-lo.<sup>4</sup> As Escrituras mostram claramente que o feto não fica inerte no ventre da mãe. Pelo contrário! É capaz de agir, reagir e expressar sentimentos, o que demonstra claramente a existência de um ser completo em formação. Gênesis 25.22 fala da luta de Esaú e Jacó antes do nascimento. Mais evidente ainda é o relato de Lucas, que apresenta João Batista sendo cheio do Espírito Santo ainda no ventre (Lc 1.15). Quando Maria chegou à casa da prima Isabel e saudou-a, “a criancinha saltou no seu ventre” (Lc 1.41).

Essa realidade biológica e espiritual revela a perversidade e a gravidade do aborto, prática abjeta que tanto se busca legalizar por todo o mundo, inclusive no Brasil. Existem movimentos mundiais de defesa desse violento ato, liderados principalmente por feministas, que popularizam a frase “Meu corpo, minhas regras”,<sup>5</sup> ignorando que o corpo do feto não é uma mera extensão do corpo da mulher, mas um novo corpo, de um novo indivíduo, pleno e único, que Deus está formando no ventre materno.

De outro lado, a constatação da plena vida humana em formação no ventre aponta para a sublimidade e sensibilidade da maternidade, missão que precisa ser cumprida com profundo amor, cuidado e proteção, no temor de Deus, ante a consciência de conduzir mais um ser vivente, criado à imagem

<sup>4</sup> Geralmente, a percepção do feto acontece por volta da 16<sup>a</sup> à 20<sup>a</sup> semana.

<sup>5</sup> Em inglês *My body, my choice*, a frase “Meu corpo, minhas regras” é um *slogan* feminista, representativo da ideia de autonomia do corpo da mulher; ideia voltada principalmente para os aspectos reprodutivos (ter ou não ter filho; abortar ou não abortar) e escolhas sexuais. Os ativistas feministas afirmam tratar-se de um grito contra o que chamam de opressão e controle sobre o corpo feminino.

de Deus. Não é demais, portanto, rememorar como as Sagradas Escrituras exaltam o papel de procriar, às vezes menosprezado mesmo no meio evangélico, influenciado pelo secularismo vigente, materialista e reticente ao que a Bíblia prescreve. O Salmo 127.3-5 diz-nos que “os filhos são herança do SENHOR, e o fruto do ventre, o seu galardão”.

### ***Teorias sobre a formação da alma***

As Escrituras afirmam de maneira expressa que Deus forma o espírito da alma de cada ser humano: “Assim diz Deus, o SENHOR, que criou os céus, e os estendeu, e formou a terra e tudo quanto produz, que dá a respiração ao povo que nela está e o espírito, aos que andam nela” (Is 42.5); “Peso da palavra do SENHOR sobre Israel. Fala o SENHOR, o que estende o céu, e que funda a terra, e que forma o espírito do homem dentro dele” (Zc 12.1); “Além do que, tivemos nossos pais segundo a carne, para nos corrigirem, e nós os reverenciamos; não nos sujeitaremos muito mais ao Pai dos espíritos, para vivermos?” (Hb 12.9). Pelo fato de a Bíblia não dar detalhes de como isso acontece, diferentes teorias surgem na tentativa de explicar esse fenômeno. São três as principais. A primeira é a teoria da preexistência, segundo a qual as almas são criadas por Deus antes da existência do corpo, em algum momento do passado.<sup>6</sup> Segundo essa tese, as almas ficam em diversas esferas do mundo espiritual e entram no corpo gerado, no processo chamado de reencarnação (RENOVATO, 2021, p. 272). Essa teoria está alinhada à doutrina espírita e não possui qualquer fundamento nas Escrituras.

A segunda teoria é a criacionista, segundo a qual Deus cria uma nova alma por ocasião do nascimento de cada indivíduo, infundindo-a no corpo. Conforme Geisler: “A essência do Criacionismo, a respeito da alma humana, é que Deus cria diretamente um novo indivíduo para todas as pessoas que nascem neste mundo. Apesar do *corpo* de cada novo ser humano ser gerado pelos seus pais por intermédio de um processo natural, a *alma* é sobrenaturalmente criada por Deus” (2017, p. 20).

A terceira teoria é o traducianismo, conceito segundo o qual a alma do homem, como o corpo, origina-se mediante reprodução, ou seja, é reproduzida juntamente com o corpo pela relação natural e, portanto, é transmitida pelos pais aos filhos (BERKHOLF, 2012, p. 181). Ao longo da história da Igreja, grandes teólogos, inclusive da Reforma, dividiram-se entre essas duas linhas de pensamento, com defesas e refutações de ambos os lados, como apresenta Berkhof (*ibid.*, p. 182-85).

---

<sup>6</sup> Na concepção platônica, as almas seriam eternas. Assim, os seres humanos seriam, essencialmente, almas eternas que habitam temporariamente em corpos físicos (GEISLER, 2017, p. 19).

Escrevendo sobre o tema na *Teologia Sistemática* editada por Stanley Horton (1996, p. 252-55), Timothy Munyon apresenta as três teorias, refuta a primeira (o preexistencialismo) e, entre as duas últimas, parece inclinar-se para o traducionismo. Afirmando que o criacionismo não leva em conta a tendência inerente das pessoas ao pecado — a visão criacionista não explicaria a herança do pecado original —, Munyon defende o traducionismo argumentando:

Deus outorgou a Adão e Eva a capacidade de gerar filhos de composição semelhante à deles mesmos. E, na declaração de Davi: “Em pecado me concebeu minha mãe” (Sl 51.5), temos evidências de que ele herdou dos pais, ao ser concebido, uma alma com tendência ao pecado. Finalmente, em Atos 17.26, Paulo declara: “Deus [...] de um só fez toda a geração dos homens”, que subtende que tudo quanto se constitui em “humanidade” provém de Adão.

O que se observa, em síntese, é que criacionistas e traducionistas creem que a alma é criada por Deus. Para os primeiros, Ele faz isso diretamente no útero materno. Para os segundos, Ele já faz de forma indireta por intermédio dos pais. “Especificamente falando, o Criacionismo defende que apesar de cada novo corpo humano ser gerado pelos pais, cada nova alma humana é diretamente criada por Deus” (GEISLER, p. 23). Na sua conclusão, o citado autor alinha-se ao traducionismo, argumentando ser “difícil compreender como cada ser humano poderia ter nascido em pecado sem que almas decaídas sejam geradas a partir dos seus pais, pois Deus seguramente não cria uma alma decaída cada vez que um novo ser humano é concebido” (p. 34). Wayne Grudem (2010, p. 400) considera, contudo, que “não parece haver nenhuma dificuldade teológica real na afirmação de que Deus dá a cada criança uma alma humana dotada de tendências pecaminosas semelhantes às encontradas nos pais”.

Ha outros reconhecidos teólogos que se alinham à visão criacionista. Comentando Zacarias 12.1, Mathew Henry (2022, p. 1210) afirma que o corpo é proveniente dos pais de nossa carne, mas a alma é infundida pelo Pai dos espíritos, citando Hebreus 12.9 (2022, p. 1210). O pastor Elinaldo Renovato aborda esse assunto apresentando a “teoria participativa”, que também é exposta por outros teólogos, como Myer Pearlman. Sobre ela, diz Renovato (2021, p. 273)<sup>7</sup>:

<sup>7</sup> Brunelli considera que a teoria participativa parece combinar o traducionismo e o criacionismo, sem, contudo, comprometer-se com qualquer uma dessas correntes: “O fato é que, assim como tantos outros assuntos da Teologia, o mistério da vida permanece em segredo com Deus e, por mais que especulemos, jamais alcançaremos as respostas, exceto na eternidade, se assim Deus achar por bem nos revelar”, diz Brunelli (*ibid.*, p. 68).

Toda nova pessoa humana é fruto da ação imediata de Deus e da dos pais: Deus e os pais produzem o sujeito inteiro, mas os pais podem produzi-lo somente enquanto é um ser material vivo, isto é, tem um corpo, e Deus o produz imediatamente enquanto é um ser pessoa, isto é, tem uma alma.

[...]

Assim, podemos concluir que a alma humana se forma, segundo as leis da procriação, deixadas por Deus, numa cooperação entre os pais biológicos, e “o pai dos espíritos” (Hb 12.9). Cada vez que um gameta masculino funde-se com um feminino, no casamento, ou fora dele, pela lei do Criador, forma-se um conjunto espírito+alma dentro do homem. [...] O modo como Deus atua na formação da alma é um mistério ao qual devemos nos curvar, em nosso entendimento limitado.

Este autor alinha-se ao entendimento do precitado teólogo pentecostal por entender que escapa ao processo biológico, de forma isolada, a formação das substâncias imateriais do ser humano, as quais as Escrituras atribuem expressamente como ação divina. Eventuais dificuldades na aplicação desse entendimento, mormente em relação aos efeitos do pecado original, estão no campo da ausência de Revelação divina específica sobre o assunto e de nossa limitada compreensão dos fenômenos espirituais revelados. Não convém, contudo, polemizar a respeito de pontos dessa tese teológica que nos pareçam intrincados.

## **II – O CORPO E A GLÓRIA DE DEUS**

### **1. O divino tecelão**

A compreensão do corpo como uma maravilhosa obra das mãos de Deus deve estimular-nos a glorificá-lo com todo o nosso ser, como Davi expressa no Salmo 139 e em tantas outras poesias da sua palavra. Apesar de a Bíblia não ter pretensão alguma de ser uma obra científica — como, de fato, não o é —, todas as suas afirmações podem ser confirmadas pela verdadeira ciência, quando esta consegue alcançar evidências relacionadas ao objeto da revelação escriturística, como é o caso da tecelura do corpo.

A ciência reconhece a formação dos órgãos e sistema do corpo humano exatamente dos tecidos formados pelas células presentes no embrião. Moore, Persaud e Torchia (2022, p. 29-33) explicam como durante o desenvolvimento embrionário são formados os órgãos do corpo numa complexa harmonia entre os tecidos que compõem o organismo. Junqueira e Carneiro (2018, p. 246) explicam que cada um dos tecidos é formado por vários tipos de células características

daquele tecido e por arranjos característicos de células grandes e complexas.<sup>8</sup> John e Michael E. Hall (2021, p. 48) falam dessa formação dos tecidos e órgãos como “um agregado de muitas células diferentes mantidas juntas por estruturas de suporte intercelulares”.<sup>9</sup> Todo esse processo, que escapa à ação direta do homem, acontece como estabelecido por Deus, o Autor da vida (Jr 1.5; Is 49.1).

## 2. Entendimento e louvor

O cristão não despreza a ciência, pois a reconhece como uma das manifestações da graça comum; uma capacidade dada por Deus ao homem para investigar, conhecer e produzir meios necessários e úteis para o seu bem-estar. Não somos inimigos da verdadeira ciência e nem a tememos em nada. Quem crê em Deus, contudo, não depende de comprovação científica para maravilhar-se diante da obra do Criador, pois, na sua compreensão espiritual da realidade, vê-se livre de toda especulação e dúvida, tendo o coração cheio de gratidão e louvor. Davi louvava a Deus porque a sua alma estava satisfeita com o entendimento que ele obtivera da maravilhosa obra de Deus (Sl 139.14). A verdadeira fé produz entendimento e percepção espiritual corretos, gerando quietude interior, mas a falta de reconhecer-se como obra divina deixa o ser humano em crise de identidade. Inquieto e em busca de explicações sobre si mesmo, torna-se vítima dos mais variados enganos.

Nos dias de Paulo, já era evidente a falência da filosofia dos gregos, que, desde os pré-socráticos, buscavam explicação para os fenômenos do Universo e da vida humana nas suas formulações epistemológicas. Também o período clássico, de Sócrates a Aristóteles, e dos seus sucessores (incluindo os estoicos), não deram respostas suficientes para a humanidade. Na verdade, contribuíram para um estado de loucura e aprofundamento no pecado, como aponta o apóstolo na sua carta aos romanos (ver Rm 1.21,22). A idolatria e a depravação são semelhantes às que vemos hoje, com um profundo ultraje ao corpo (Rm 1.18-32).

## 3. O perigo dos extremos

É muito comum ao ser humano a busca de extremos, inclusive em relação ao corpo. Vai-se do desprezo ao culto. Reconhecer-se como obra

<sup>8</sup> Essas células grandes e complexas formam o que é chamado de “matriz extracelular”, que é composta por muitos tipos de moléculas. (ABRAHAMSOHN, p. 244).

<sup>9</sup> Tortora e Derrickson (2016, p. 30) descrevem os tecidos como grupos de células mais o material que as circundam e informam que existem apenas quatro tipos de tecidos em nosso corpo: o tecido epitelial, o tecido conjuntivo, o tecido muscular e o tecido nervoso, os quais se juntam na composição de diversos órgãos do corpo, ou seja, os tecidos também se tecem entre si.

de Deus, criado à sua imagem, evita que isso aconteça. Essa compreensão leva-nos a valorizar nosso ser na sua integralidade, incluindo o corpo. Povos antigos, que eram politeístas e, portanto, não criam no Deus de Israel, que fez o homem, admitiam facilmente a oferta de sacrifícios humanos aos seus deuses, além de praticarem o escravismo às escâncaras.

No ambiente religioso dos primeiros séculos da Igreja, havia a influência de filosofias e heresias que depreciavam o corpo humano por considerarem a matéria intrinsecamente má, dentre as quais o platonismo, o gnosticismo e o maniqueísmo. Os gnósticos refletiam o dualismo platônico, que fazia uma clara distinção entre “o espírito bom e a matéria má” e pregavam que a salvação seria alcançada principalmente por atos ascéticos de negação dos desejos do corpo material e mau e por uma gnose especial ou conhecimento acessível somente a uma elite entre os cristãos (CAIRNS, 2008, p. 59). O maniqueísmo, fundado por Mani ou Maniqueu (216–277 d.C.), tinha alguns pontos semelhantes com o gnosticismo por comungar de uma visão dualista. Ele pregava que a alma do homem ligava-o ao reino da luz, enquanto o seu corpo levava-o a ser escravo do reino das trevas. Para Mani e os seus adeptos, a salvação compreendia a libertação da alma, que estava escravizada à matéria do corpo (*ibid.*, p. 85).

Observa-se quanto esses pensamentos filosófico-religiosos depreciavam o corpo e terminaram influenciando a fé cristã (principalmente no período medieval, quando o ascetismo teve grande crescimento, marcadamente com o surgimento do movimento monástico). Cairns, assim como outros estudiosos, consideram que foi essa visão dualista que levou a Igreja Católica a instituir o celibato, já que se exaltava a tal ponto a vida ascética que se considerava o instinto sexual um mal e enfatizava-se a superioridade do estado civil de solteiro. Earle Cairns assinala que o próprio Agostinho foi discípulo dos maniqueístas durante 12 anos (*ibid.*). De outro lado, havia o culto ao belo, como na Grécia Antiga, em que a beleza era considerada um dom divino, em constante exaltação pública.

O desequilíbrio permanece. Vícios, automutilações e outras atitudes extravagantes, como *piercings*, escarificações e tatuagens, deformam e desonram o corpo (Lv 19.28; Pv 23.29-35; 1 Ts 4.4). Por outro lado, há o narcisismo moderno, marcado pela supervalorização do corpo em detrimento da alma e do espírito. A idolatria do “eu” leva à prática excessiva de *selfies*, publicações de si mesmo em redes sociais, cuidados estéticos, cosméticos e físicos (2 Tm 3.2; 1 Pe 3.3-5). Embora cuidar do corpo seja necessário, principalmente em tempos de uma vida tão sedentária, assiste-se a um crescimento exacerbado de espaços dedicados a essa prática (como as academias), sempre bem espelhadas e com ampla reprodução de imagens nas redes sociais. Em um mundo de tantos

excessos, o cristão deve observar todas as coisas — não apenas se são lícitas, mas também se são convenientes — e ser equilibrado em tudo (1 Co 6.12).

#### **4. Princípios ou regras?**

Precisamos encarar a mordomia do corpo como envolvida em nosso propósito espiritual, sob pena de incorrermos nos mesmos erros de religiosos como os fariseus, que fizeram das coisas externas um fim em si mesmas. Como nossa tendência quando falamos em corpo é logo pensar em regras, devemos sempre nos lembrar de que nortear a vida cristã com base nos princípios bíblicos é mais importante. Um deles é a busca da glória de Deus e aplica-se às práticas mais simples de nosso cotidiano, inclusive o cuidado de nosso corpo (1 Co 10.31). Trata-se de um parâmetro espiritual, muito mais importante do que regras rígidas e inflexíveis, que podem levar-nos ao legalismo (Mt 23.1-7,23).

Um exemplo que deve levar-nos à reflexão é a proporção de tempo e dinheiro que dedicamos aos cuidados do corpo em relação ao que fazemos pela alma e o espírito (Lc 12.17-20). Considerar a proporção de nossos esforços em relação a esta vida e a vida eterna é uma necessária, prudente e sábia atitude. É isso que nos ensina Paulo quando traça um paralelo entre exercício corporal e piedade (gr. *eusebeia*), que é nossa dedicação à obediência e comunhão com Deus (1 Tm 4.8).

### **III – O CORPO E A COLETIVIDADE**

#### **1. A prática relational**

Qual a relação entre corpo e Igreja? Essa reflexão deve começar pelo entendimento de que o individualismo não combina com o sentido mais elementar de Igreja, que, aliás, é um reflexo neotestamentário de um dos propósitos para o qual fomos criados por Deus como seres relacionais, gregários e sociáveis. Isso está explícito na constatação da necessidade de companhia para o homem e na ordem de procriação e enchimento da terra (Gn 1.28; 2.18). Tornar esse aspecto da vontade Deus já superado pode ser uma escolha teológica, porém sem suporte algum nas Escrituras. É preciso compreender, portanto, que temos necessidades e deveres que vão além de nossa individualidade, os quais iniciam pelo propósito de gerar filhos e constituir família. Se negligenciarmos no âmbito da família, o que poderemos fazer em termos de Igreja?

O ser como um todo se multiplica, mas faz isso para quê? Para interagir inclusive fisicamente, já que é pelo corpo que expressamos as faculdades de nossa alma. Temos necessidades relacionais e afetivas, pois não fomos

criados para viver isolados social ou afetivamente. Embora os recursos digitais tragam muitas comodidades para o homem moderno, o contato físico continua sendo essencial para o ser humano. A troca de afetos por meio de expressões corporais não é substituída pela frieza da tecnologia. Tiago qualifica a verdadeira religião e a fé viva por práticas comunitárias reais, que exigem o envolvimento de nosso corpo (Tg 1.27; 2.14-18). Fala-se muito atualmente em sentimento de pertencimento, o que não pode ser desprezado pelo cristão (Mc 2.15-17; 6.1-3; 1 Co 5.9-10). Como está nossa comunhão?

## **2. A prática congregacional**

A leitura de Atos apresenta-nos a Igreja Primitiva dando especial lugar para a expressão corporal no culto, a começar pela presença, escuta e participação. Os primeiros discípulos “agregaram-se” e dedicaram-se com perseverança à doutrina dos apóstolos, à comunhão, ao partir do pão e às orações (At 2.41,42), práticas que tinham o corpo como um elemento fundamental — mesmo porque não há culto congregacional sem envolvimento dele e dos seus sentidos.

A Palavra de Deus adverte-nos de que, além da devocão pessoal diária, precisamos apresentar-nos a Deus regularmente no templo tanto quanto possível (Hb 10.24,25). Muitos têm sido seduzidos e enganados pelos falsos discursos dos que criticam a igreja como instituição, sugerindo o cultivo de uma fé individual ou meramente virtual.

O fenômeno dos desigrejados, que tanto cresceu na Europa e nos Estados Unidos nas últimas décadas e contribuiu para levar muitas igrejas locais à morte, é uma preocupante realidade também no Brasil. Conquanto se reconheça que, em muitos casos e em certos momentos, seja desafiante permanecer firme na comunhão diante de experiências comunitárias difíceis, o verdadeiro discípulo de Cristo firma a sua fé nEle e não dá ouvidos à multidão que tenta impedi-lo de seguir o Mestre, como fez o cego de Jericó, que, repreendido para que se calasse, gritava ainda mais pelo Filho de Davi. Ele sabia bem qual era a sua necessidade e tinha consciência de que, embora aquela estrutura estivesse repelindo-o, Jesus estava no meio (Lc 18.35-39). A rejeição à igreja como instituição é uma prática antibíblica e altamente prejudicial à verdadeira vida cristã (Ef 4.1-3; 1 Ts 5.11-15).

## **3. Tecnologia e culto**

Desafios ao culto sempre existiram para a Igreja, inclusive os mais violentos, desde a Roma antiga. Nos tempos modernos, contudo, impedimentos

igualmente modernos e tremendamente sutis podem impedir que haja um culto completo, que envolva espírito, alma e corpo. É preciso refletir sobre o perigo de levar-se o corpo a estar presente no templo, mas sem nenhum envolvimento direto com o culto, principalmente através das janelas da visão, da audição e da fala. O culto divino pressupõe contemplação e participação (Sl 27.4; 100.2-4). O uso excessivo de tecnologias está pondo em risco essa prática tão nobre e indispensável para a comunhão.

Muitos recursos tecnológicos da atualidade podem ser úteis ao culto, como telões, celulares, *tablets* e até mesmo drones em situações bem específicas. Contudo, em alguns casos, há um flagrante abuso no uso desses recursos, o que prejudica o ambiente de culto. A falta de disciplina de equipes de mídia, o registro intenso de imagens e a transmissão indiscriminada dos atos litúrgicos são algumas questões que merecem ser examinadas. Vivemos um processo de midiatização do culto. Além disso, práticas pessoais durante momentos de louvor e adoração, pregação ou ensino, já se mostram bem desproporcionais (inclusive no púlpito), como é o caso do uso do telefone celular para acesso a redes sociais, sem contar um número cada vez mais crescente de pessoas que mais fotografam e filmam que cultuam. A pergunta é: o uso que estamos fazendo da tecnologia é realmente necessário ou é a expressão de um mero modismo diante da crescente virtualização da vida?

Não podemos permitir que a tecnologia roube nossa atenção e comprometa nosso culto a Deus. Se não fecharmos as portas de nosso corpo para o mundo externo, tão flagrantemente presentes por meio dos aparelhos tecnológicos, deixaremos de oferecer um culto completo e verdadeiro (Lv 22.17-25; Mt 6.6,7). Talvez devêssemos hoje empregar Eclesiastes 5.1 não apenas como “guardar o pé”, mas também o celular, quando entrarmos na casa de Deus, pois o sentido do texto é exatamente a necessidade de reverência no ambiente do culto divino.

## CONCLUSÃO

Nossa compreensão da maravilhosa obra divina que é nosso corpo deve levar-nos a uma vida de inteira e constante adoração integral (Rm 12.1; 1 Co 6.20), o que inclui um cuidado equilibrado dessa matéria, que, com a alma e o espírito, compõe nosso ser como criação especial de Deus para a sua glória.



## CAPÍTULO 3

# O Corpo e as Consequências do Pecado

### INTRODUÇÃO

Os três elementos do ser humano foram afetados com a Queda. A primeira consequência foi de ordem espiritual: a imediata perda da comunhão com Deus, com terríveis consequências também na alma, como vergonha, culpa e medo, que Adão e Eva não conheciam. No versículo 19 de Gênesis 3, vemos uma síntese das consequências causadas ao corpo. Em um curto e objetivo texto, Moisés trata do sofrimento diário à falência total da matéria e o seu retorno ao pó. A expressão “até que tornes à terra” abrange a jornada de agruras do ser humano em toda a existência terrena, o que inclui trabalhos penosos e debilidades do corpo, até a sentença finalmente ser cumprida com o seu tombamento ao solo de onde foi tirado. E o homem volta a ser simplesmente pó: “és pó e em pó te tornarás”. Triste fim para quem fora criado para viver eternamente em comunhão com o Criador. É o fim funesto e miserável que nos foi legado pelo primeiro Adão, mas há também um fim glorioso assegurado por Cristo, o último Adão (1 Co 15.45,48).

### I – DA PERFEIÇÃO À MORTE

#### 1. A certificação divina

Um Deus perfeito criou tudo perfeito, inclusive o ser humano. O próprio Deus certifica a sua obra. Primeiro, depois de haver criado o Universo e todos os animais (Gn 1.25) e, segundo, criado o homem, a coroa da criação (v. 31). Trata-se, portanto, de uma certificação de toda a criação. A distinção entre as expressões “era bom” e “era muito bom” não significa a existência de defeito ou qualidade inferior na ordem antes criada, mas a constatação de que faltava um ser para dirigir tudo o que fora dantes criado, o homem. Assim, formado o regente, todo o conjunto da obra divina recebe o selo de “muito bom”.

O perfeito funcionamento do Universo incluía um espaço habitado pelo homem, adornado de seres animados e inanimados, todos à disposição do único ser racional, inteligente e autoconsciente, o ser humano. Adão e Eva receberam um lugar especial para viver, um jardim no Éden, especialmente plantado por Deus para abrigar a sua principal criatura (2.8). A vida humana era plena em todos os aspectos. Não havia infortúnio algum. O primeiro casal vivia em completa harmonia vertical (com Deus) e horizontal (entre si), além de não sofrer qualquer dano originado da natureza, incluindo os animais. Nada afligia o homem! Por mais que tentemos imaginar quão aprazível era a vida de Adão e Eva antes da Queda, ficaremos aquém da realidade que viveram. Afetada pelo pecado, nossa mente não concebe um ambiente sem o conhecimento do mal, da mesma forma como não conseguimos imaginar a plenitude da glória futura (Rm 8.18; 1 Co 2.9;13.12; 1 Jo 3.3).

## 2. Pecado e dor

De uma experiência literalmente paradisíaca, Adão e Eva passaram a viver os flagelos da dor no espírito, na alma e no corpo. Houve um complexo de alterações na ordem criada e na experiência humana, sendo o mais grave deles a perda da comunhão com Deus, que é a morte espiritual. Benthô e Plácido (2019, p. 65) trabalham o conceito de “separação global”, lembrando que a Queda levou o homem à separação não apenas de Deus, mas também de si mesmo, o que originou os problemas psicológicos (Gn 3.10), dos outros homens (origem de problemas sociológicos ou de relacionamento, Gn 4.8; 4.23; Rm 1.29-31) e da natureza (os problemas ecológicos, Gn 3.17; Rm 8.20-22).<sup>1</sup>

Nosso foco aqui é tratar das dores manifestadas no corpo, decorrentes de fatores imateriais e materiais. O ambiente tornou-se adverso, amaldiçoado por causa da transgressão de Adão (Gn 3.17,18,22-24). A beleza orgânica e a sua funcionalidade foram alteradas: a terra passou a produzir espinhos e ervas daninhas (Gn 3.18). A indizível sensação de bem-estar que o homem desfrutava, oriunda de Deus e que fluía em todo o seu ser (Gn 2.7,25; Jó 33.4), foi substituída por inadequação, vergonha, culpa, medo, angústias e tristezas. Todo esse complexo de problemas seria somado para promover padecimento e degeneração no corpo, culminando com a morte física (Gn 3.19). Um terrível inimigo de

---

<sup>1</sup> Walton, Matthews e Chavalas (2018, p. 37, 38) destacam o fato de que, segundo o pensamento mesopotâmico, as pessoas teriam sido criadas para serem escravas; para fazerem o trabalho que os deuses estavam cansados de fazer, grande parte dele relacionado à agricultura. Os autores citam o texto babilônico *Entâma Eliš*, segundo o qual o único propósito da criação dos homens era aliviar os deuses da sua fadiga. O Gênesis contrapunha esse e muitos outros entendimentos equivocados de povos antigos. No caso específico, demonstrava a sublimidade da criação do homem e o seu propósito, que era governar, e que o trabalho penoso foi uma das consequências da Queda.

todos os homens, nem mesmo todo o cuidado do corpo é capaz de evitá-la. Mesmo os maiores tesouros foram capazes de impedir que a morte pusesse um fim à existência dos homens mais ricos e poderosos de todos os tempos, desde os grandes impérios do Egito, Babilônia, Pérsia, Grécia ou Roma. Agora, em tempos de ciência tão avançada, por mais que se cuide do corpo, há um limite para essa vida terrena. Em um passado recente (2020–2023), todas as nações da terra experimentaram uma terrível pandemia, a da COVID-19, que ceifou mais de 15 milhões de vidas em todo o mundo, sem discriminar posição política ou condição social ou econômica. Depois da Queda, o caminho natural de todo o ser humano é envelhecimento e morte (Ec 12.1-7).

### **3. Velhice, autenticidade e gratidão**

O fato de a morte ser o destino de todos os homens nesta existência (ressalvados os salvos em Cristo vivos no dia do Arrebatamento), não significa que devemos viver descuidados em relação a nosso corpo. Devemos cuidar de nossa saúde, principalmente por meio de meios preventivos, evitando, sempre que possível, o acometimento de doenças. Ainda assim, devemos estar certos de que, mesmo saudáveis, avançaremos em idade e há um processo natural de degeneração das células ligada ao envelhecimento. Não é sábio negar essa realidade e procurar viver como se a juventude fosse eterna, como num conto de fadas.

Dentre as muitas patologias identificadas nesses tempos de vida tão agitada e estranha, surgiu uma nova síndrome chamada gerontofobia: um terrível e mórbido medo de envelhecer que causa ansiedade e produz comportamentos incompatíveis com a idade. O envelhecimento, no entanto, nada mais é do que um caminho natural para todo ser humano, não podendo ser diagnosticado como transtorno. Lembremo-nos de que a Bíblia fala da velhice de maneira natural, clara e direta, ressaltando a sua importância e honra (Lv 19.32; Jó 12.12). Não se pode considerar depreciativo o emprego do termo “velho”, como têm sido distorcidos os sentidos de tantas outras expressões atualmente. Pelo contrário! Os velhos são dignos de maior atenção e honra, seja pela idade alcançada, seja pelo exemplo e experiências de vida, seja pelas limitações que os anos trazem e precisam, sim, ser compensadas com cuidados adequados, devidos por todos nós. A questão, portanto, não é meramente vernacular.

No processo de rejeição da palavra “velho”, passou-se depois para o emprego do termo “ídoso”; logo após “pessoa idosa”; em seguida, “terceira

idade”; e, por fim, “melhor idade”, um eufemismo moderno usado para suavizar essa condição humana.<sup>2</sup> Deixando de lado qualquer discussão infrutífera, o mais sábio a cada um de nós é considerar o momento próprio da vida, compreendendo-o e adotando um comportamento compatível. Em alguns casos, a rejeição da idade leva idosos a práticas de pouca adequação. Estilos estéticos e cosméticos exagerados terminam por comprometer a própria sobriedade. As Escrituras ensinam-nos reconhecer as características e o valor de cada etapa de nossa existência (Pv 20.29). Cuidar de si é muito importante, mas é preciso ser sábio e viver todas as fases da vida de maneira sóbria, em profunda gratidão e temor a Deus (Ec 8.5,6; 12.13).

## II – A RESPONSABILIDADE HUMANA

### 1. Corpo e livre-arbítrio

A mordomia do corpo faz parte da responsabilidade pessoal de cada ser humano, a despeito das paixões da natureza pecaminosa herdada de Adão. Conforme enfatiza a *Declaração de Fé das Assembleias de Deus no Brasil*, o pecado original desfigurou a imagem de Deus no homem, mas não a aniquilou (Gn 9.6; Tg 3.9) (2025, p. 99). O homem passou a conhecer não somente o bem, mas também o mal, como consequência de sua infeliz e grave decisão no Éden (Gn 3.22). Mas apesar de todo o ser humano nascer com tendência ou inclinação para o pecado, continua dotado de livre-arbítrio. Por isso, a Queda não serve como justificativa para qualquer atitude de degradação do corpo. Cabe ao homem decidir como usá-lo, para o bem ou para o mal. Isso está explícito na afirmação de Deus a Caim (Gn 4.7).

Esse entendimento bíblico é fundamental para que não cedamos ao perverso pensamento de que o homem está liberado para seguir os desejos do seu coração, possuindo o corpo para os seus mais distintos e exóticos prazeres, e não para a glória do Criador, conforme o propósito por Ele estabelecido, a começar pelo casamento heterossexual e a procriação (Gn 1.27,28). A base do comportamento humano de negação dessa realidade bíblica é o entendimento de que o que deve prevalecer não é o sexo biológico, mas os sentimentos de cada pessoa. A partir disso, há um universo cada vez mais amplo e complexo de teorias e classificações de “gênero”, abarcando inúmeras categorias de pessoas: gênero-queer (pessoas que não se consideram nem masculinas nem femininas), bigênero, pangênero, gênero fluído e muitas outras, incluídas no

---

<sup>2</sup>Nos textos oficiais, como os atos normativos, o termo corrente é “pessoa idosa”. O emprego de “melhor idade” está mais no campo do uso comum, social, justificado como sendo um meio de mudar o que se considera uma perspectiva negativa para a velhice.

termo principal, transgênero, que passou a ser usado como um guarda-chuvas para essa variedade de categorias de “gêneros” (PEARCEY, 2022, p. 198).<sup>3</sup>

Essa questão de “gênero” domina cada vez mais o debate público e insere-se nas estruturas governamentais e não governamentais, enquanto intensificam-se as pesquisas científicas em busca de uma suposta causa genética para essas disfunções corporais. Mas, como acentua Pearcey (*ibid.*, p. 31), “apesar das pesquisas intensivas, os cientistas não conseguiram evidências claras de uma causa genética”. Muitas pessoas acreditam estar presas no “corpo errado”.<sup>4</sup> O apóstolo Paulo classificou como “concupiscências do coração”, “imundícia”, “paixões infames” e “torpeza” essas alterações do uso natural do corpo (Rm 1.24-27). As Escrituras advertem-nos de que devemos possuir nosso corpo em santificação e honra, o que inclui a observância da pureza inclusive no leito conjugal (1 Ts 4.4-6; Hb 13.4). Quanto aos que vivem presos às paixões carnais, nosso sentimento deve ser de compaixão, jamais de gracejos ou ultrajes. Pelo contrário! Devemos rogar ao Senhor, com sinceridade de alma, que opere neles uma profunda libertação, pois nada é impossível para Deus.

## 2. A potencialização do sofrimento

Na esfera da sua responsabilidade, o homem faz com que, além das consequências naturais decorrentes do pecado original, o corpo também sofra impactos das transgressões que pratica ao longo da vida, inclusive contra a sua própria matéria (Lm 3.39; Rm 1.24; 1 Co 6.18). Isso faz com que, ao mal natural, que é a desordem e decadência do Universo (calamidades naturais, algumas doenças etc.) seja somado o mal moral, que é a iniquidade cometida por criaturas dotadas de vontade, conforme assinala Bruce R. Marino (1996, p. 279). Essa potencialização do sofrimento decorre das obras da carne, listadas por Paulo em Gálatas 5.19-21. É a manifestação do espírito de inimizade contra Deus, que Satanás, a antiga serpente, instilou no coração humano ainda no Éden (Gn 3.1-6; Tg 4.1-4; Ap 12.9).

Esse quadro de corrupção foi observado logo nas primeiras gerações e somente se agrava ao longo dos tempos (Gn 6.1-5; Mt 24.12,37; 2 Tm 3.13).

<sup>3</sup>O destaque entre aspas do termo gênero é do autor.

<sup>4</sup>Esse sentimento de incompatibilidade entre sexo físico e gênero psicológico é chamado de disforia de gênero. A maioria das pessoas supõe que ela deve ter alguma base bioquímica, talvez uma causa hormonal. Até o dia de hoje, entretanto, não se descobriu nenhuma evidência científica clara. E, mais importante, os próprios defensores dos transgêneros argumentam o oposto: eles negam que a identidade de gênero esteja enraizada na biologia. O seu argumento é que o gênero é completamente independente do corpo (PEARCEY, 2022, p. 33). Mesmo assim, a disforia de gênero consta transtorno de desenvolvimento sexual no DSM-5, p. 451. Segundo o manual, pode ser identificado desde o início da infância.

As drogas têm sido um dos instrumentos de profunda degradação do corpo. O mais recente relatório mundial sobre drogas divulgado pela ONU (Organização das Nações Unidas), de junho de 2024, expõe o agravamento do problema. Há um surgimento cada vez mais crescente de substâncias entorpecentes ilícitas, provocado por um crescimento do número de dependentes dessas drogas. O resultado é o aumento de transtornos mentais e outros danos à saúde, além de agravar o problema da segurança pública, sem contar a multiplicação dos dramas pessoais e familiares. O relatório aponta que, no ano de 2022, mais de 292 milhões de pessoas usaram drogas, um aumento de 20% em relação à década anterior.<sup>5</sup> Os perigos na área da sexualidade também crescem, seja entre adultos, sejam entre crianças e adolescentes — estes, os mais vulneráveis.

Essas e tantas outras questões típicas das mazelas humanas produzidas pela degradação moral não podem ficar no campo do alarmismo ou da teorização. Cabe a cada família, especialmente as cristãs, refletir sobre os seus modelos de vida. A devoção dos pais, em amor responsável, é fundamental para a boa criação dos filhos. O ensino clássico de Provérbios 22.6 é para que os filhos sejam ensinados no caminho que devem andar e não no que querem andar. Isso exige dos pais a correta dosagem de carinho e disciplina desde os primeiros anos de vida. Como observa o dr. James C. Dobson (2000, p. 20), as crianças não nascem como “folhas em branco”, como ensinaram Sigmund Freud, o pai da psicanálise, e J. B. Watson, o criador do *behaviorismo*.<sup>6</sup> Esses autores, assim como tantos que seguem as suas ideias, consideram que tudo o que uma criança virá a ser, tanto mau como bom, será resultado das experiências proporcionadas pelo mundo ao seu redor, como acentua Dobson, o que é um terrível e perigoso equívoco. As crianças não nascem neutras em relação ao bem ou mal, e muito menos “boazinhas”. Todos viemos ao mundo já inclinados para o mal. Por isso, é preciso que os pais — principalmente estes — ensinem o caminho do amor, do respeito, da justiça, da verdade, da honestidade etc.

Nesse campo de responsabilidade dos pais e educadores em geral, estão os ensinos quanto ao corpo e o próprio cuidado deles, especialmente nas fases de vulnerabilidade. Crianças e adolescentes dependem cada vez mais de um vigilante, amoroso e firme cuidado dos pais no temor do Senhor (Pv 3.12; 4.10-15;14.27; Ef 6.4). Para a proteção física e moral, aliás, o cuidado deve ser presencial, evitando-se, o tanto quanto possível, toda e qualquer

<sup>5</sup> O relatório da ONU está disponível no sítio oficial (em inglês): <https://www.unodc.org/unodc/en/data-and-analysis/world-drug-report-2024.html> (acesso em 05 de junho de 2025).

<sup>6</sup> O behaviorismo, também conhecido como Psicologia do Comportamento, é uma doutrina ou corrente da psicologia fundada por John Broadus Watson no início dos anos de 1913, que tem como objeto de estudo o comportamento observável, rejeitando qualquer método de estudo subjetivo, como da mente e da consciência (HEIDBREGER, 1981, p. 208).

terceirização, além de uma vigilância espiritual constante. Qualquer exploração ao corpo de uma criança ou adolescente tem o potencial de produzir danos irreparáveis ou de difícil reparação para toda a vida.

### **III – DO ABATIMENTO À GLORIFICAÇÃO**

#### **1. A realidade das enfermidades**

As doenças também passaram a fazer parte da vida humana como consequência do pecado. Elas surgem no processo de degeneração dos órgãos e sistemas do corpo, em decorrência de causas internas e externas. Estão entre os fatores que levam o ser humano de volta ao pó (Gn 3.19). Como escreve Gregg R. Allison (2023, p. 243), existem muitos fatores que escapam de nosso controle, como nossa constituição genética e nossas vulnerabilidades biológicas, que podem levar ao desencadeamento de doenças físicas, como obesidade e problemas cardíacos, ou mentais, como depressão, transtorno bipolar, esquizofrenia. Há, também, fatores ambientais, como observa Allison: “Nossa família natural ou de criação exerce influência sobre nossos hábitos corpóreos, levando a sofrimentos provocados por descuido de nossa saúde geral ou à falta de desenvolvimento físico em razão de um déficit de amor familiar” (idem).

Há, também, muitas enfermidades causadas ou potencializadas por hábitos de nossa responsabilidade. De uma forma ou de outra, são fatores que nos levam ao abatimento. Ninguém está imune ou isento de sofrê-los, inclusive os cristãos. Escrevendo a Timóteo, Paulo menciona o seu cooperador Trófimo, que deixara doente em Mileto (2 Tm 4.20). Ao próprio Timóteo, o apóstolo já havia recomendado: “Não bebas mais água só, mas usa de um pouco de vinho, por causa do teu estômago e das tuas frequentes enfermidades” (1 Tm 5.23). Tudo indica que o jovem obreiro tinha um corpo debilitado por algumas doenças, provavelmente distúrbios gástricos. Jesus tem poder para curar-nos de todo o mal (Is 53.4; Mt 4.23; Hb 13.8), mas precisamos ter serenidade, sensatez, paciência e firmeza na fé se enfrentarmos sofrimentos persistentes (Jó 1.20-22; 19.25).

#### **2. Enfado e canseira**

Um dos textos bíblicos mais realistas sobre a velhice — e também dramático, apesar de poético — é Eclesiastes 12.1-7. Nele, Salomão procura ensinar-nos a melhor maneira de empreender a viagem dos fantásticos dias da mocidade ao crepúsculo da vida, culminando com o retorno ao pó. Esse processo, aliás, é implacável, mesmo para os que alcançam a extraordinária bênção de não ter o corpo abatido pelas doenças. O próprio processo de envelhecimento produz canseira e enfado (Sl 90.10). Limitações e fraquezas

aparecem ao longo do tempo, alterando toda a estrutura humana. Por mais que não se queira pensar nesse tempo, é uma realidade que pode ser assistida sempre próxima de nós, em pessoas da família, irmãos ou amigos, que já alcançaram idades avançadas.

Ter consciência da velhice como uma realidade iminente e não a sofismar é importante para nosso autoconhecimento, como já vimos, mas é fundamental também para uma convivência sem orgulho e acepção de pessoas (Gl 6.10; Tg 2.1). Ricos e pobres são como a erva que seca e a flor que murcha e cai (Tg 1.9-11; 1 Pe 1.24). As rugas chegam para todos. As debilidades da estrutura ósseo-muscular também. Todos dependemos uns dos outros e somos profundamente carentes de Deus (Jo 13.34; 17.20-23; Gl 6.2,9,10). Por isso, é importante que, na mordomia do corpo, invistamos mais em comunhão. Primeiro, na família, mas também na igreja, como nos legaram os crentes primitivos (At 2.42-46).

### **3. O corpo glorificado**

Apesar de todas as suas debilidades, o corpo humano pode ser alcançado pelos efeitos da Redenção em Cristo (Rm 8.23). Todo o salvo, que foi regenerado e vive em santificação, aguarda a glorificação. Como disse Paulo, nosso corpo abatido será transformado para ser conforme o corpo glorioso de Cristo, segundo o seu eficaz poder (Fp 3.20,21). O verbo transformar nesse texto é *metaschematizo*, no grego, e significa “mudar a forma”. Será a mudança do corpo carnal e mortal para o celestial, espiritual e imortal, semelhante ao de Cristo Jesus, o Homem Perfeito (Rm 8.29; 1 Co 15.40-49). Será um tipo de transformação sobrenatural, que ultrapassa nossa imaginação. O próprio Paulo conceituou como um “mistério”.

Será a vitória final do crente, proporcionada por Cristo, sobre todo o mal causado ao corpo pelo pecado, incluindo a morte, que não mais terá domínio sobre os salvos glorificados. Conforme o *Comentário do Novo Testamento Aplicação Pessoal* (2009, p. 180),

O maior inimigo de todo o corpo humano é a morte. Para aqueles que não têm esperança em Cristo, a morte representa o fim de tudo. Os cristãos receberam uma perspectiva inteiramente diferente. Para os crentes, a morte não representa o fim de tudo, mas simplesmente uma passagem para a vida eterna. A maioria dos cristãos irá experimentar a morte; aqueles que ainda estiverem vivos no momento da volta de Cristo não irão enfrentar a morte, mas reconhecerão muitos que morreram. Mas, quando o nosso corpo perecível, que é mortal, se revestir da imortalidade, a vitória final sobre a morte terá sido alcançada.

Na sua condição natural (“carne e sangue”), o ser humano não herda os céus, mas o corpo também não será descartado; será redimido (Rm 8.23). De alguma maneira gloriosa, Deus transformará nosso corpo abatido em um corpo glorificado (1 Co 15.50-54).

## CONCLUSÃO

Deus criou o homem em estado de perfeição, mas o pecado trouxe muitas consequências para a realidade humana em todos os aspectos, incluindo o corpo. Algumas dessas consequências são naturais por causa dos efeitos diretos da Queda; outras decorrem de práticas pecaminosas pessoais ou hábitos não saudáveis, individuais ou coletivos, que contribuem para a fragilização da matéria. Apesar de todo o abatimento e sofrimentos a que somos sujeitos em nosso corpo, temos em Cristo a certeza de uma Redenção completa, conquistada pela sua obra perfeita na cruz do Calvário. Ele certamente nos dará um novo corpo.



## CAPÍTULO 4

# O Corpo como Templo do Espírito Santo

### INTRODUÇÃO

O texto bíblico de que se extrai o título deste capítulo está contido na Primeira Carta de Paulo aos crentes de Corinto, cidade onde o apóstolo iniciou a sua missão após passar por Atenas na sua viagem pela Macedônia e Acaia (At 16–18). Conforme Lucas narra em Atos 18.1-3, foi em Corinto que Paulo encontrou Áquila e Priscila, casal judeu que tinha o mesmo ofício que ele: fazer tendas. Depois de algum tempo pregando na sinagoga, o trabalho começou a produzir frutos (At 18.8). Certamente diante de algum temor pelas resistências que já havia sofrido na cidade (18.6), Paulo precisou ser encorajado a continuar a sua missão em Corinto (At 18.9,10). O resultado foi o apóstolo dos gentios permanecer na cidade dos coríntios por um ano e seis meses (18.11), deixando uma igreja estabelecida, para qual agora escreve.

Um dos cenários que Paulo permite-nos ver em Corinto é de manifesta carnalidade (1 Co 3.1-4), o que bem justifica a sua ênfase na identificação do corpo como templo do Espírito Santo (3.16,17; 6.17-20). Pelas notícias recebidas por ele e que transparecem nos seus escritos, observa-se que o ambiente pernicioso da cidade estava influenciando a vida da igreja nascente. Corinto orgulhava-se dos seus templos pagãos e da sua antiga acrópole, a Acrocorinto, que também abrigava vários santuários de diversas divindades pagãs. (Hoje não passa de um amontado de pedras em ruínas no alto de uma grande montanha, próxima aos escombros daquela que foi uma das mais famosas cidades da região do Peloponeso, no centro-sul da Grécia).<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Craig S. Keener (2024, p. 3185) menciona quatro santuários para Serápis e Ísis (divindades originárias do Egito), que ficavam na base da Acrocorinto, como exemplo do culto pagão que ali era praticado. Mas ali também estavam o templo de Afrodite, além de santuários dedicados a Deméter e Poseidon, deuses gregos. O local continua sendo visitado, apesar de apresentar poucos cuidados de conservação.

## ***O Tenebroso histórico de Corinto***

Uma das características de Corinto era a licenciosidade, a busca desenfreada por prazeres carnais, inclusive estimulada pelos cultos pagãos que expunham e exploravam o corpo. O quadro de bestialidade era mais acentuado do que em outras cidades da região em razão de Corinto, como cidade portuária e de grande fluxo comercial, abrigar diversas culturas. Leon Morris (1981, p. 12) retrata bem esse cenário e menciona que, na cidade, era comum a concentração de gregos, latinos, sírios, egípcios e judeus, que, além de cuidar de negócios, se entregavam às diversões e a todo tipo de luxúria que Corinto oferecia, além de envolverem-se em brigas.

Morris usa a expressão “licenciosidade proverbial” para sintetizar o degradante nível moral de Corinto, cujos habitantes “eram pronunciadamente propensos a satisfazer os seus desejos, fossem de que espécie fossem” (idem). Craig S. Keener (2024, p. 3175) aborda a questão da notória imoralidade de Corinto mencionando expressamente a prostituição, que era considerada como uma “indústria importante”. O histórico da antiga Corinto (dos tempos do Império Grego) era de “culto à prostituição” e, segundo Keener, essa reputação permanecia na Corinto dos dias de Paulo (tempos do Império Romano), já que escritos posteriores registram a associação de Corinto com o prazer sexual e a com a lascívia, apontando que Afrodite, junto com Poseidon, continuaram a ser uma das principais divindades gregas adoradas na cidade (ibid., p. 3176).

Citando A. M. Hunter, Morris recorda que o conceito de Corinto era tão vil que o termo “corintianizar” era usado com o sentido de “ir para o diabo”. Não é preciso ir mais longe para entender, então, como o corpo humano era usado para todo tipo de prática abjeta e pecaminosa nas plagas corintianas, degradando a criação divina.

Paulo escreve aos coríntios para conscientizá-los da nova vida que agora deviam viver, como templos do Espírito Santo, buscando exortá-los a uma consagração integral ao Deus Criador a fim de glorificá-lo, pois Cristo Jesus já os redimira por inteiro. Assim, não deveriam mais servir aos seus próprios desejos ou aos espíritos das trevas, que agiam mediante o paganismo da época. Os ensinos de Paulo são absolutamente necessários em todos os tempos, e ainda mais hoje, pois o Maligno continua agindo por meio de um sistema mundano cada vez mais corrupto e hostil, que prega a degradação do corpo.

## **I – CORPO: PROPRIEDADE E HABITAÇÃO DIVINA**

### **1. Comprado e selado**

Como já destacamos nesta obra, a Queda afetou o ser humano por inteiro. Por isso, Deus, o Pai, planejou e executou uma obra de completa

Redenção através do sacrifício de Jesus Cristo, o seu próprio Filho. Esse resgate, efetuado mediante preço de sangue (1 Pe 1.18,19), não alcança apenas a parte imaterial do homem, mas também o corpo (1 Co 6.20). Essa visão da integralidade do ser humano, como uma unidade composta, é essencial em todos os aspectos de nossa existência, para que não tenhamos um pensamento dualista, que nos conduz a condutas que busquem compartimentar a vida, valorizando o espírito e desprezando a matéria, como se ela fosse má.

Como seres integrais, pertencemos a Deus no espírito, na alma e no corpo. Este, aliás, é, literalmente, templo e santuário; morada de Deus, como Jesus prometera aos discípulos (Jo 14.16,17). É importante observar a mudança de condição que Jesus prenunciava. A expressão “habita convosco e estará em vós” indica dois estados distintos. Antes da morte e ressurreição de Jesus, os discípulos tinham a presença do Espírito com eles. Depois passaram a tê-lo dentro deles pela experiência da regeneração (Jo 20.22), como acontece com todos os que nascem de novo (Jo 3.3-8; Tt 3.4-7; 1 Pe 1.23). Essa mudança de condição já havia sido mencionada por Jesus em João 7.37-39. Com a sua glorificação, Jesus conquistou o poder de outorgar o Espírito Santo a todos os que nEle creem, como um selo de propriedade e habitação. Isso não deixa dúvida da necessidade que temos de consagrarmo-nos por inteiro. Os que usam o argumento de que Deus quer “apenas o coração” ignoram essa cristalina verdade bíblica e tornam comprometida a real presença do Espírito na sua vida (1 Ts 4.4; 1 Pe 1.15).

## 2. “Não sabeis vós?”

Como já destacado, Paulo teve um tempo significativo de ministério presencial em Corinto: ficou um ano e seis meses ensinando a Palavra de Deus à nova igreja (At 18.11). É bem provável, portanto, que a pergunta retórica feita aos coríntios tenha o sentido de lembrá-los de que haviam recebido uma doutrina integral e não dualista, que incluía o aspecto corpóreo espiritual; o ensino de que o corpo é o templo do Espírito Santo. A ênfase paulina certamente foi necessária pelo histórico e pelas características vigentes no ambiente coríntio. Qualquer semelhança com nossos dias não é mera coincidência, mas, sim, a clara demonstração de que o ser humano continua inveterado para satisfazer as suas próprias paixões, invariavelmente detratando o corpo. Ressaltar a doutrina da santificação integral continua sendo necessário e urgente. Pertençamos a Deus por inteiro.

A interpelação feita por Paulo indica que havia certa displicência espiritual na igreja de Corinto, o que o levou a usar por quatro vezes a expressão “não

sabeis” ou “não sabeis vós” (1 Co 3.16; 6.15,16,19). Esse é um claro indicativo de falta de maturidade espiritual. Os coríntios eram imaturos e carnais, como Paulo bem enfatizou (1 Co 3.1,2). A dificuldade de apreensão espiritual daqueles crentes foi percebida por Paulo durante o período de plantação da igreja e ainda persistia. Talvez até tivesse sido agravada diante das péssimas notícias chegadas ao apóstolo (1 Co 5.1,2,9-11). Paulo diz claramente que precisou limitar-se nos seus ensinos (3.1), dirigindo-se aos coríntios como a “meninos em Cristo” em função da carnal compreensão que demonstravam.

O que se espera de todo cristão (da Igreja) é que haja progresso espiritual à medida que a Palavra de Deus é ensinada e exercita-se a comunhão, o amor, a fé, a esperança e as demais virtudes do Espírito (Gl 5.22). Contudo, há casos em que infelizmente parece haver estagnação e até retrocesso, com crentes e igrejas repetindo os mesmos problemas infantis; girando em torno de questões banais e rasteiras, disputas pueris e lutas fratricidas. Às vezes, isso é visto até mesmo entre os que tem o dever de trabalhar pelo aperfeiçoamento dos santos, como acontecia em Corinto (2 Co 11.12-15). Esse tipo de cenário costuma florescer em igrejas que misturam manifestações de dons espirituais e obras da carne (Gl 5.19-21).

Os dons espirituais são maravilhosos e devem ser buscados, mas ainda há um caminho ainda mais excelente (1 Co 12.31). O ponto mais alto da vida cristã é uma fluente produção do fruto do Espírito, principalmente o amor (1 Co 13.1-8). Em relação ao corpo, esse sublime estágio espiritual traz-nos a compreensão do que é a verdadeira liberdade cristã, tema que Paulo procurou ensinar especialmente aos coríntios, dado o número de questões carnais que apresentavam. A liberdade cristã faz-nos entender que não podemos viver segundo o que agrada ou consideramos ser lícito. Devemos considerar, antes de tudo, se o que queremos fazer edifica ou convém; se pode ou não ser motivo de escândalo ou tropeço a nosso irmão (Mt 18.6; Rm 14.2-11; 1 Co 6.12; 8.8-13).

Frequentemente se verifica questões ligadas à santificação do corpo, o que gera longas discussões e contendas, que por si só demonstram imaturidade e carnalidade. O padrão de vestuário costuma ser um dos pontos mais debatidos. O mais sábio e espiritual, contudo, é seguir o caminho da moderação, em apreço ao modelo de santificação plena, isto é, sem desconsiderar o aspecto corporal. Aliás, convém observar que, após tratar o pecado de Adão e Eva num claro confronto de ordem espiritual, o próprio Deus voltou-se para a questão corpórea. O casal cobriu-se com aventais de folhas de figueira (Gn 3.7). O Senhor, contudo, substituiu-os por roupas de peles, demonstrando que o corpo — seja da mulher, seja do homem — não deve ser fragilmente coberto e ficar sujeito à

exposição, como objeto de tentação e cobiça (Gn 3.21; 1 Tm 2.9). Se Deus não se importasse com que tipo de roupa cada um veste, ali teria sido o primeiro sinal dessa liberdade estética ou de expressão pessoal que o ser humano tanto buscou. Deus, porém, substituiu as vestes de folhas para vestes de couro. O padrão moral segundo Deus é sempre mais elevado do que o nosso.

### **3. Propriedade e domínio**

Ao referir-se ao corpo do cristão como uma “propriedade” de Deus, devidamente comprado por bom preço (1 Co 6.20), Paulo transmite a clara lição de direito absoluto; o domínio pleno que o Remidor tem sobre a sua posse. Esse, ademais, é o conceito de propriedade comum, visto, inclusive, no Direito Civil: o detentor da propriedade deve ter também o domínio. Assim, se pertencemos ao Espírito, devemos viver sob o seu domínio a fim de glorificá-lo.

De fato, na sua carta aos coríntios, a ênfase de Paulo volta-se ao aspecto do domínio divino em relação ao corpo e o dever que o cristão tem de possuí-lo para a glória de Deus, pois, como já observado, Corinto experimenta graves problemas voltados ao aspecto corporal. Assim, o apóstolo acentua que nosso corpo “[...] não é para a prostituição, senão para o Senhor” (1 Co 6.13). Também apresenta uma clara ideia de pertencimento integral (1 Co 6.15; 2 Co 6.16). Por tudo isso, não resta dúvida de que o pecado contra o corpo ofende gravemente a santidade de Deus e produz terríveis sofrimentos (Sl 31.9,10; 51.4; 1 Co 3.17; 5.1-5; 6.18). Quando é cometido, de nada adianta esconder-se, como fez Adão. Precisamos apresentar-nos a Deus, arrependidos e humilhados, em sincera confissão. Somente isso nos conduz a uma verdadeira e completa cura e restauração pela poderosa ação do sangue de Jesus (Sl 32.1-6; Tg 5.16; 1 Jo 1.7-9).

## **II – O CORPO COMO TABERNÁCULO**

### **1. Portador da Presença**

Assim como usa o termo “templo” (gr. *naos*), inserido na realidade hebraica como *hekal* (palácio, templo) no período da monarquia, Paulo recorre a um termo anterior — “tabernáculo” (gr. *skenos*; hb. *mishkan*) —, que Israel conheceu durante a peregrinação pelo deserto do Sinai (2 Co 5.4). A mesma invocação metafórica foi feita pelo apóstolo Pedro (2 Pe 1.14). Essa alusão demonstra, a princípio, o entendimento espiritual da sacralidade do corpo, principalmente pela remissão que faz ao Antigo Testamento; ao Tabernáculo de Moisés, acerca do qual o próprio Deus declarou que seria a sua habitação entre o povo (Êx 25.8).

Assim como em relação ao Tabernáculo de Moisés e ao Templo dos dias da monarquia judaica, a presença de Deus, que enche todo o Universo, poderia ser considerada apenas na forma transcendente, como suficientemente realizada entre a comunidade de crentes sob o Novo Pacto.<sup>2</sup> Contudo, Deus não é apenas um Ser transcendente, mas também imanente; por isso se agrada de habitar com o seu povo, como fez no Antigo Testamento, e agora o faz na Nova Aliança, vivendo no interior de cada um que crê no seu Filho e recebe-o como Salvador e Senhor. Esse uso imagético do Tabernáculo para simbolizar o corpo, portanto, solidifica o entendimento de que o crente é, literalmente, portador da presença de Deus (Rm 8.11). O Todo-Poderoso decidiu viver em nós, uma tão frágil habitação, assim como se manifestou numa tenda levantada no deserto (Jo 14.23; 2 Co 4.7; Ap 3.20).

## 2. Tabernáculo e tricotomia

A figura do Tabernáculo de Moisés é também invocada de forma análogica em relação à tríplice composição humana. Alguns autores fazem essa comparação, como Eurico Bergstén (2013), que afirma:

Assim como o tabernáculo no deserto era dividido em três partes, também o homem o é. O pátio do tabernáculo representa a parte externa e visível do homem, que é o seu corpo; o lugar santo, que não se podia ver de fora, representa a alma, e o lugar santíssimo representa o espírito do homem.

De fato, é possível ver a imagem tricotômica do ser humano nas três partes da edificação feita no deserto: (1) o pátio — um espaço externo aberto —, (2) o Lugar Santo e (3) o Lugar Santíssimo — um espaço interno único, coberto, separado apenas por um véu (Êx 26.33; 27.9), o que lembra a tênue divisão entre alma e espírito (Hb 4.12). O pastor Antonio Gilberto (2021, p. 1921) faz a mesma analogia, acrescentando também o próprio templo. Comentando 1 Tessalonicenses 5.23, ele recomenda: “Confronte as referências do homem ao Tabernáculo e Templo, os quais eram tripartidos (1Co 3.16; 2Co 5.1; 2Pe 1.13-14)”. Severino Pedro da Silva (1988, p. 61) desenvolve o mesmo raciocínio.

Muito mais do que a invocação de figuras, as referências a Tabernáculo e Templo indicam a vontade de Deus em encher-nos, assim como aconteceu

---

<sup>2</sup> A transcendência diz respeito ao fato de Deus ser distinto da sua criação. Como afirma Grudem (2010, p. 202), não faz parte dela, pois Ele a fez e a governa. Deus é muito maior do que toda a criação. Ele, contudo, apraz-se em estar envolvido na criação, pois esta continuamente depende dEle para existir e manter-se em atividade. Isso corresponde à imanência de Deus. Em relação aos seus fiéis, revela-se de modo mais íntimo e especial, ou seja, por meio da habitação interior.

quando o Tabernáculo foi levantado (Êx 40.34,35) e o Templo foi inaugurado (2 Cr 7.2). Não tenhamos dúvida: Deus quer encher-nos e manter-nos cheios do seu Espírito, permitindo que o sintamos em todo o nosso ser: espírito, alma e corpo (Ef 3.19; 5.18). Essa profunda experiência espiritual e sensorial sempre foi marca distintiva dos pentecostais clássicos e assim continuará se permanecermos buscando a santa e doce presença do Espírito de Deus. Não pode tornar-se estranho entre nós as visíveis e audíveis manifestações divinas (At 10.44-46; 1 Co 12.7-11). “O fogo arderá continuamente sobre o altar; não se apagará” (Lv 6.13).

### **3. Um Tabernáculo guiado**

A presença de Deus no Tabernáculo não era estática, mas dinâmica. Servia de direção para o povo de Deus durante toda a peregrinação pelo deserto. Essa é outra lição espiritual que podemos extrair da metáfora do Tabernáculo: a importância da presença de Deus como guia permanente e eficaz em nossa vida. O texto de Êxodo 40.36-38 informa-nos que a caminhada do povo de Israel dava-se à medida que a nuvem movimentava-se ou parava.

Essa é uma aplicação direta para nossa realidade corpórea. Deus está interessado em guiar-nos também em nossa movimentação física, isto é, onde moramos, onde estudamos, onde trabalhamos, enfim... Não podemos permitir que sejamos enganados pelo secularismo, fazendo-nos pensar que Deus não interfere nas questões de nosso cotidiano. É Ele quem nos guia por caminhos espirituais, mas também nos guia por caminhos físicos. Tiago aconselha-nos a submetermos todos os nossos projetos à soberana direção divina e cuidar com nossas afirmações (Tg 4.15). Ser dependente de Deus e sensível ao Espírito livra-nos de decisões e movimentos errados em nosso viver diário (Êx 33.15).

## **III – CUIDANDO DO TEMPLO DO ESPÍRITO**

### **1. “Fugi da prostituição”**

Como vimos inicialmente, a igreja de Corinto mostrou-se imatura e carnal, e isso comprometia a sua missão de influenciar a sociedade coríntia. Alguns dos seus membros estavam incorrendo em práticas pecaminosas graves. Paulo aponta um caso específico, que estava abaixo do já degradante padrão da época (1 Co 5.1). O pior de tudo é que havia tolerância para a prática, já que a igreja não disciplinava o abusador. A falta de disciplina eclesiástica é um desvio grave e compromete a santidade da comunidade de fiéis e a sua autoridade para pregar o evangelho.

No capítulo 16, a partir do versículo 15 da mesma carta, o apóstolo volta a referir-se aos pecados sexuais, novamente enfatizando a gravidade de tais transgressões, que era o fato de que, sendo o corpo o templo do Espírito Santo — e membro de Cristo —, a prostituição é um pecado contra o próprio corpo.

Os pecados sexuais produzem consequências de gravidade e dimensão incalculáveis. Além de afetarem diretamente o corpo, mancham profundamente a alma e o espírito, trazendo culpa, vergonha, angústia, dor e muitas outras consequências. O seu raio de destruição costuma não ficar restrito aos autores da prática, e isso diz respeito a todo e qualquer pecado sexual. Aliás, o substantivo grego *porneia*, traduzido como prostituição em 1 Coríntios 6.18, tem um significado amplo, referindo-se à “impureza” (ARA) ou “imoralidade sexual” no sentido geral (NAA e NVI). Toda prática sexual fora do casamento está abarcada nessa expressão. Ao usar o verbo “fugir” na voz ativa (*pheugo*, “fugir de ou para longe”), Paulo aponta para a necessidade de ações concretas que nos ponham a salvo dos terríveis malefícios das impurezas sexuais, o que começa pelo cuidado com os olhos (Jó 31.1; Sl 101.3). O que vemos e como vemos determina se nosso corpo será cheio de luz ou trevas (Mt 6.22.23). Além dos nefastos efeitos espirituais, os pecados sexuais produzem graves consequências físicas e mentais. A pornografia, por exemplo, tem-se tornado um vício altamente destrutivo, amplificado diante das múltiplas possibilidades abertas com as redes sociais. O alerta divino é imperativo e radical: “Fugi!” (1 Ts 5.22).

## **2. Disciplinas espirituais**

Uma vez que compreendemos o aspecto espiritual de nossa realidade corpórea, é salutar que nos apliquemos fisicamente às disciplinas espirituais necessárias para uma vida cristã equilibrada e integralmente saudável. Nosso corpo tem um papel fundamental nesse processo, que é o exercício em piedade de que Paulo fala a Timóteo (1 Tm 4.7,8). De fato, já vimos que não há como compartimentar a vida espiritual, como se fosse apenas uma atividade do espírito ou da alma ou de ambos como substâncias imateriais inseparáveis que são.

O corpo deve estar sempre presente, como veículo indispensável de nossas atitudes de adoração e serviço a Deus. Para que tenhamos uma vida espiritual plena como templo do Espírito Santo, não basta que os membros de nosso corpo deixem de ser instrumentos do pecado. As Escrituras recomendam-nos que nossos membros devem ser “apresentados” a Deus como instrumentos

de justiça (Rm 6.12,13) e culto. O conhecido texto de Romanos 12.1 prevê essa entrega que não dispensa jamais a estrutura física integral, pois devemos apresentar-nos “[...] em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus” (Rm 12.1).

O corpo é parte essencial do culto, pois é através dele que praticamos as mais importantes disciplinas de nossa vida espiritual, como o jejum, a oração e o estudo da Palavra de Deus, fundamentais para uma contínua e fluente agência do Espírito de Deus em nosso interior. O pastor José Orisvaldo Nunes de Lima abordou o tema *Disciplina do Jejum Bíblica* na Revista *Obreiro Aprovado* (2025, 3º trim., p. 18-23), destacando que “O jejum não é essencial à salvação, mas ele, a oração, a leitura e escuta da exposição da Palavra e participação nas ordenanças do evangelho (batismo e Ceia do Senhor) são considerados “meios da graça”, ou seja, canais que conduzem à operação da graça de Deus na vida do crente”.

### **3. Disciplinas corporais**

Assim como o Tabernáculo de Moisés e o Templo de Salomão, que foram objeto de esmero desde a descrição das suas composições (feitas pelo próprio Deus), a designação de materiais e o cuidado permanente com a sua manutenção, o corpo humano deve ser preservado adequadamente como templo do Espírito Santo. Seria um contrassenso se pensássemos ou agíssemos de forma diferente (3 Jo 2). Um dos cuidados fundamentais está ligado à nossa alimentação, seja no aspecto quantitativo, seja no qualitativo. O quanto e o que comemos pode fazer toda a diferença para a saúde de nosso corpo. De fato, observa-se que este é um desafio comum a muitas pessoas. Geralmente se ouve entre os cristãos, em tom jocoso, que crente não bebe, mas come muito. Não seria isso um reflexo da falta de moderação de alguns?

Como é comumente recomendado, é razoável moderação na ingestão de açúcar, sal, gorduras e glúten (massas). Além do aspecto alimentar, descanso (especialmente o sono, Sl 127.2), exercícios físicos também são importantes cuidados para o corpo e a mente (Mt 15.32-38; Mc 4.38). Além disso, devemos fazer uso regular dos meios de saúde preventivos e curativos disponíveis (Is 38.21).

## **CONCLUSÃO**

Sendo nosso corpo o templo do Espírito Santo, devemos cuidar bem dele, abstendo-nos de todas as práticas pecaminosas e dos malefícios à saúde física. Com corpo e mente saudáveis, assim como a alma e o espírito santificados, podemos adorar a Deus e servi-lo melhor (Mc 12.30). Por outro lado,

o descuido no cuidado do corpo pode comprometer a missão divina em nossa vida. Sobre a importância de cuidar do corpo, há uma conhecida expressão atribuída a Robert Murray M'Cheyne, avivalista escocês do século XIX, que, no seu leito de morte aos 29 anos, teria dito: “Deus me deu uma mensagem e um cavalo, eu matei o cavalo e agora não posso levar a mensagem”.

## CAPÍTULO 5

# A Alma — A Natureza Imaterial do Ser Humano

### INTRODUÇÃO

No Capítulo 1, fizemos uma abordagem preliminar a respeito da alma quando tratamos da tríplice natureza do ser humano. Destacamos que, na tricotomia, a alma aparece como integrante da parte imaterial, distinta do espírito, porém inseparável dele. (Sobre essa inseparabilidade, Timothy Munyon (1996, p. 248) cita Myer Pearlman, que afirma que “alma e espírito são inseparáveis porque o espírito está entretecido na própria textura da alma. Fundidos e caldeados numa só substância”. O pastor Antonio Gilberto (2021, p. 1922) refere-se à distinção e à inseparabilidade entre alma e espírito afirmando que eles interpenetram-se de modo profundo e misterioso. O pastor Severino Pedro da Silva (1988, p. 142) também menciona a unidade de substância e natureza e junção entre alma e espírito: “A alma humana e o espírito são, de fato, duas substâncias espirituais formadas pelo sopro de Deus (Gn 2.7; Sl 33.15; Ec 12.7; Is 57.16; Zc 12.1; Hb 12.9), para que juntos habitem no corpo humano”).

Essa comum composição e o caráter de inseparabilidade em relação ao espírito são essenciais para o estudo da natureza da alma, inclusive no que diz respeito à sua imortalidade, atributo destacado por Jesus no texto introdutório deste capítulo. Nele o Senhor menciona que a alma (1) está fora do alcance do homem em relação à morte (a alma é imortal) e (2) que está sujeita a perecer eternamente no inferno. Como veremos mais adiante, no texto de Mateus 10.28, assim como em diversos outros, a referência à alma inclui necessariamente o espírito, assim como acontece em muitas passagens relativas ao espírito, como Eclesiastes 12.7, que trata do destino final da parte imaterial mencionando apenas o *ruah* (o espírito): “e o pó volte à terra, como

o era, e o espírito volte a Deus, que o deu”. Feita essa consideração inicial, passemos ao estudo da alma e os seus atributos.

## I – ATRIBUTOS DA ALMA

### 1. De volta ao Gênesis

As mais claras e fundamentais características do ser humano estão presentes na descrição da sua formação contida no Gênesis. Aliás, a literatura hebraica é rica, altamente espiritual e profunda, além de ser mais ampla, dinâmica e integral em relação à visão grega, que tende a ser mais racionalista e, portanto, mais fragmentada. Os textos hebraicos dedicam-se mais a apresentar o homem como uma unidade, como um todo, com mais concretude e menos abstração, um expediente que é mais típico do pensamento grego. Considerando as influências da epistemologia moderna, científica e antropocêntrica, Hans Walter Wolff (2007, p. 25) alerta para o perigo de antropolizar-se a teologia se não estivermos abertos à compreensão teológica dos fenômenos antropológicos, ou seja, se não buscarmos na própria Escritura os fundamentos para nosso entendimento acerca do homem. Como diz Wolff,

Tanto no conjunto como nos pormenores, apenas a exploração dos textos esclarecerá a função de uma antropologia bíblica. Quanto mais conseguimos conhecer as questões, percepções e expectativas dos autores dos escritos veterotestamentários tanto melhor poderemos precaver-nos contra os perigos atuais de questionamentos estreitos demais ou a incompreensão de problemas concretos; assim, contribuiremos para enfocar o essencial do ser humano.

O que Wolff está afirmando é que, no estudo da antropologia bíblica, devemos sempre nos guiar pelo que nos diz as Escrituras, considerando a sua natureza espiritual como Revelação divina, completa, perfeita, inerrante, infalível e imutável. A Bíblia não é um livro de ciências ou filosofia. Não se preocupa em satisfazer as especulações humanas, geralmente dedicadas a formulações de meras teorias, cíclicas e superáveis, que mais produzem confusão do que entendimento e edificação. Como Revelação completa, as Escrituras Sagradas têm tanto a linguagem hebraica, com a sua característica peculiar de perspectiva de mais integralidade e concretude, quanto a especificidade de uma mente neotestamentária como a de Paulo. Profundo conhecedor dos textos veterotestamentários, ele apresenta-os para nós com precisa linguagem espiritual, assomados às revelações que recebeu (Ef 3.1-8). Nenhuma influência linguística ou cultural comprometeu

a perfeição da Bíblia. Isso é reconfortante em relação a todas as doutrinas nela contidas, inclusive a triunidade humana (ver 2 Pe 1.21).

### ***Alma e imagem de Deus***

Diferentemente dos animais, que foram criados cada um segundo a sua espécie (Gn 1.24,25), o homem é um ser pessoal, criado à imagem e semelhança de Deus. Portanto, o estudo da alma humana está diretamente relacionado ao tema da “imagem de Deus”, considerando as suas faculdades específicas e as que desempenha junto e através do espírito. O homem foi criado com autoconsciência e autodeterminação, que é a capacidade “de dar respostas a Deus, de perguntar a Deus, e ter comunhão com Deus e de amar a Deus” (HOEKEMA, 2018, p. 92). Entende-se que esse aspecto fundamental — de relacionamento com o Criador — é a base do conceito da *imago Dei*, que inclui todas as características pessoais dadas por Deus ao homem, a fim de que este se relacionasse com aquEle em amor. O autor bíblico não se preocupa em explicar o significado de “imagem de Deus”, apenas o apresenta. Nessa apresentação, algumas questões estão implícitas, e outras, explícitas.

Em primeiro lugar, ao decidir criar o homem à sua imagem, Deus outorgou-lhe parte dos seus perfeitos atributos (os atributos comunicáveis), tais como amor, santidade, justiça e bondade.<sup>1</sup> Tais virtudes seriam empregadas pelo homem na sua vida relacional tanto com Deus quanto com o seu semelhante. Não há, portanto, como prescindir dessas características ao considerar-se o que significa a “imagem de Deus” no homem. Em segundo lugar, verifica-se que a imagem de Deus tinha como propósitos funcionais a procriação e o governo da terra. Para tanto, o homem precisava ser dotado de habilidades específicas, também inerentes à imagem divina nele plasmada. O Criador constituiu o homem como o seu representante, dando-lhe poder de governo sobre toda a obra criada (Gn 1.28).

A capacidade de administração, compreensão e decisão moral que o ser humano possui é resultado do caráter consciente e autônomo da alma. De forma prática, Gênesis apresenta a missão laborativa primordial dada a Adão, que era lavrar e guardar o jardim, o que necessariamente exigia a concessão divina de aptidão intelectual compatível (2.15). O aspecto da imagem também se apresenta na sua condição de discernir entre o certo e o errado e fazer escolhas (2.16,17) e de dar nomes aos animais (2.19). Outro aspecto — este ligado à disposição amorável do homem — é a sua cons-

---

<sup>1</sup>Uma relação mais ampla dos atributos comunicáveis de Deus pode ser encontrada na obra *Teologia Sistemática Pentecostal*, publicada pela CPAD (2021, p. 72-78).

tituição afetiva, demonstrada na afirmação divina da necessidade de uma companheira e na própria expressão de satisfação de Adão ao receber Eva, a primeira composição poética da história humana, segundo alguns eruditos (Gn 2.18,23). Nesse resumo, são verificadas as três faculdades principais da alma, que são: emoção ou sentimento, razão ou intelecto e volição ou vontade.

## **2. Entre o espírito e o corpo**

Como já visto, a alma do homem é a sua personalidade ou distintivo pessoal. É a sede dos afetos, raciocínio, impulsos e desejos, atributos que levam o ser humano a comunicar-se com Deus e com o mundo físico, principalmente os seus semelhantes. Para ter comunhão com Deus, a alma serve-se do espírito. Para a comunicação com o próximo, o veículo é o corpo e os seus órgãos sensoriais (pele, olhos, ouvidos, nariz, boca).

Pode-se dizer, então, que a alma tem um funcionamento intermediário, situando-se entre o espírito, que se conecta com Deus, o Ser Divino, e o corpo, que se conecta com o mundo dos homens, a realidade física em geral, incluindo os animais. Acerca dessa relação de mediação feita pela alma, Gilberto (2021, p. 12) destaca a expressão da vida espiritual, afirmando que o espírito é a fonte da vida recebida de Deus e que usa e transmite essa vida à alma, que, por sua vez, a expressa por meio do corpo, utilizando os sentidos físicos para explorar o mundo exterior e dele receber as necessárias impressões.

Isso pode ser visto na experiência de Maria, narrada no texto de Lucas 1.46,47. Nele, vemos a mãe de Jesus exultante após o seu afetuoso e espiritual encontro com a prima Isabel, de cujo ventre saltou a criança (que seria chamado João, o futuro João Batista). Cheia do Espírito Santo, Isabel saúda Maria. O clima espiritual eleva-se, e ela irrompe em cântico. O que temos aí? Maria expressa através do corpo a alegria que sentia na sua alma, em profunda comunhão com Deus, por intermédio do seu espírito. É uma típica cena da interação e comunicação entre alma e corpo e alma e espírito e entre alma, espírito e corpo. É a unidade humana plenamente ativa.

## **3. A alma abatida**

A mesma interação entre os três elementos que compõem a unidade humana pode ser vista em diversos textos bíblicos, como os Salmos, que são ricos em expressão de sentimentos. O Salmo 42 é um dos principais textos que contém essa exposição dos afetos da alma em relação a Deus. Nele o salmista conversa consigo mesmo: “Por que estás abatida, ó minha alma, e por que te perturbas em mim? Espera em Deus, pois ainda o louvarei na salvação da

sua presença” (Sl 42.5). O contexto indica que o autor experimentava aflição espiritual e alguma crise na sua comunhão com Deus (vv. 4,9; 43.2), por isso a sua alma estava entristecida e suspirava: “A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo; quando entrarei e me apresentarei ante a face de Deus?” (v. 2).

No seu comentário ao Salmo 42, Matthew Henry (2022, p. 43) aborda essa dinâmica espiritual da alma, que incluía a esperança de uma mudança no espírito, sede da comunhão com Deus. Para Henry, a alma expressava esperança de que ainda experimentaria uma mudança significativa na sua situação, que não lhe faltaria motivo para louvar a Deus: “uma mudança tal no meu espírito, que não me faltará louvor no coração”. São inquietações espirituais que afligem a alma e que reclamam um reposicionamento em termos de comunhão com Deus. O Salmo 84.2 também ilustra essa função da alma. Na sua oração no Salmo 51, Davi fala da tristeza que afetava a sua alma e do anseio por um espírito reto, voluntário e renovado, o que devolveria alegria à integralidade do seu ser (Sl 51.7-12). Esses textos mostram a alma como uma espécie de centro condutor da ação humana, exatamente pela sua posição intermediária entre espírito e corpo. Não sem razão, a alma é considerada o “eu”, o “ego” (cf., Brunelli, 2017, p. 59). Conforme Renovato (*ibid.*, p. 271), a “própria vida”, “o princípio vital da vida humana”.

## **II – A NATUREZA DA ALMA: IMATERIALIDADE E IMORTALIDADE**

### **1. Distinção de substâncias**

É extraordinário como o Mestre dos mestres transmite tantas verdades profundas e irrefutáveis acerca da alma em um texto tão curto. Jesus está encorajando os seus discípulos para o exercício da missão de proclamação do Reino de Deus, prevenindo-os de que encontrariam inúmeros desafios, incluindo a morte. É nesse ponto que faz a diferenciação entre o poder dos homens e o de Deus em relação à alma humana (ver Mt 10.28). A passagem de Mateus 10.28 é um excelente fundamento para o estudo da alma como parte da natureza imaterial do ser humano em termos da sua imortalidade.

As profundas verdades espirituais reveladas por Jesus a respeito de nossa *psyche* estão relacionadas a debates alimentados ao longo de toda a história, inclusive no contexto da Igreja. Norman Geisler (2017, p. 40-44) apresenta um resumo de várias perspectivas acerca da natureza humana e da sua relação com o corpo. Com base no esboço feito por Geisler, seguem as principais perspectivas:

- 1) **Materialismo antropológico:** afirma que os seres humanos têm um corpo, mas nega que tenham uma alma imaterial. Segundo essa visão, somente o corpo existe; o que se costuma chamar de alma racional, na verdade, não existe. O corpo estaria para a mente (alma), assim como o cérebro está para um sonho; a mente seria simplesmente uma manifestação da matéria.
- 2) **Epifenomenalismo antropológico:** uma forma modificada de materialismo; o seu fundador afirmava que a alma não passa de uma silhueta do corpo; o corpo estaria para a alma, assim como a árvore está para a sua sombra.
- 3) **Idealismo antropológico:** é outro extremo da teoria não-teísta do materialismo; considera que os seres humanos têm uma alma, mas não um corpo. O corpo estaria, supostamente, para a alma como uma miragem está para a mente. Seria meramente uma ilusão. Somente a mente existe.
- 4) **Monismo antropológico:** a visão de duplo aspecto segundo a qual alma e corpo seriam dois lados (interno e externo) da mesma coisa. Alma e corpo são substâncias, ou seja, a alma está para o corpo como um lado de um prato está para outro, sendo somente um aspecto da mesma entidade.
- 5) **Dualismo antropológico:** considera que alma e corpo são entidades separadas e paralelas. O problema com o Dualismo é a falta de qualquer tipo de contato, unidade ou interação entre alma e corpo, uma visão atribuída a Platão.

Expondo o engano presente em todas essas teorias, o ensino de Cristo mostra a clara distinção de substâncias entre as partes material e imaterial do homem, apesar da sua interação, inclusive na eternidade. A parte material e tangível (o corpo, que pode perecer por ação humana) e a parte imaterial e intangível (a alma, que não pode ser destruída pelo homem). Como já destacado, esse é um dos textos nos quais alma ou espírito aparecem representando o todo imaterial, devido ao caráter de inseparabilidade entre ambos. Mas nele Jesus também trata da ressurreição do corpo, já que aborda o seu sofrimento eterno, junto com alma.

## 2. Imaterialidade e responsabilidade pessoal

Ao tratar do perecimento da alma e do corpo no Inferno, Jesus refuta as concepções antropológicas materialistas existentes desde a Antiguidade, como

as mencionadas anteriormente. O que é relevante ressaltar aqui é o reflexo dessas concepções em movimentos modernos, como o marxismo, que, pregando que o homem resume-se à matéria, ignora a existência de uma alma consciente após a morte (Lc 16.19-31). Isso faz dessa corrente mais do que uma ideologia política, uma vez que o seu ateísmo nega a pecaminosidade e a responsabilidade moral do indivíduo. Considera que o mal é estrutural; que a culpa é da sociedade; que as pessoas individualmente são vítimas de estruturas opressoras. Os marxistas identificam pecados sociais, mas não individuais.

Embora se saiba que, em conjunto, a sociedade também é capaz de formar estruturas corruptas e opressoras, ainda assim isso não passa da reunião de culpas pessoais, como bem observam César Moisés Carvalho e Céfora Carvalho (2022, p. 1505): “Identificar uma estrutura pecaminosa em nossa realidade não exclui a culpa de cada indivíduo; muito pelo contrário, ajuda a trazer ainda mais profundidade a esse conceito”. O grande problema de ver-se apenas os problemas das estruturas sociais é que isso leva a desconsiderar a necessidade de arrependimento, conversão e salvação pessoal e mantém as almas dos seus adeptos no caminho da perdição eterna (At 3.19; Jo 17.3).

Há, também, o terrível engano de imaginar-se que é possível desfazer essas estruturas pecaminosas através do engajamento político. Na verdade, toda ideologia humana que promete solução para os problemas do homem por meio de doutrinas sociais, políticas ou econômicas não passa de uma proposta humana falível. Sabemos, porém, que o único caminho eficaz para a libertação do pecado é o arrependimento e a conversão do indivíduo pela fé em Cristo como Salvador e Senhor. O avanço desse processo de salvação em cada pessoa e de pessoa a pessoa é que pode influenciar a sociedade; ainda assim, sempre haverá uma geração perversa de cujo modelo de vida devemos escapar (At 2.40).

### **3. Materialismo e teologia**

À medida que avança na política secular, a visão antropológica materialista também se infiltra e molda teologias, alterando, e muito, as concepções relativas principalmente ao que é a missão da Igreja, a ortopraxia, a prática correta a ser adotada pelos seguidores de Jesus. No campo católico, inspirou a Teologia da Libertação, surgida na América Latina na década de 1960. Diante da inequívoca influência da concepção antropológica materialista do marxismo, a Teologia da Libertação concentra-se em fatores políticos, econômicos e sociais na sua luta pelo que entende ser justiça social. A sua proposta, contudo, não passa de um aprofundamento da deturpação do sentido de igreja feito pelo catolicismo de muitas maneiras ao longo da história.

O protestantismo também tem os seus próprios movimentos teológico-político-ideológicos, que alteram a sua missão, afastando-se da dependência de Deus e do poder do Espírito para confiar em estruturas humanas. Geralmente se considera que, nos tempos modernos, esse movimento de mudança radical de visão missiológica tem como um dos pontos de partida a publicação do livro *Nos Seus Passos o que Faria Jesus*, de Charles M. Sheldon, em 1896, visto como um fato de grande incentivo para uma guinada de muitas denominações para o Evangelho Social.<sup>2</sup> Na década de 1970, surgiu a Teologia da Missão Integral, que também se alimenta de concepções socioeconômicas e políticas comuns ao marxismo, que, por sua vez, tem como fundamento o ideário antropológico materialista histórico, que busca tirar Deus do cenário humano e instigar as lutas de classes.

Toda negação da condição pecaminosa do homem é, no mínimo, um ateísmo prático, independentemente do viés que assuma (Lm 3.39; Tt 1.16). Outras teologias surgiram dessa visão humanista e fracionária da busca por “libertação” de “estruturas opressoras”, como, por exemplo, a Teologia Negra e a Teologia Feminista, que também são enquadradadas como teologias da libertação. Por isso, pertencem ao mesmo campo pernicioso (Lc 11.17; 1 Co 14.33). O materialismo tem-se incorporado também à cultura popular de muitas maneiras, como através de crenças refletidas em frases bem conhecidas, como “Aqui se faz, aqui se paga!” e “Morreu, acabou!”. Isso ignora a imortalidade da alma, que Jesus reafirmou em Mateus 10.28.

### **III – ALMA RENOVADA E SUBMISSA A DEUS**

#### **1. Edificação e saúde**

Conhecer os atributos da alma, a sua importância e natureza deve estimular-nos a dar-lhe mais valor e devotar-lhe o devido cuidado. Jesus contou a parábola do rico insensato, que se preocupou com o ajuntamento de bens materiais, mas descuidou-se do cuidado da alma (Lc 12.13-21). A corrida desenfreada às coisas da vida é um dos fatores de frieza e adoecimento espiritual. Para não ser vítima desse terrível mal, é preciso fazer escolhas certas, renunciar aos tesouros da terra e trabalhar para ajuntar tesouros no céu (Mt 6.19).

A ansiedade é um dos problemas da alma mais recorrentes em nossos dias e costuma desencadear transtornos mentais graves. Como escreve a psicóloga Elaine Cruz (2020, p. 134),

---

<sup>2</sup> O Pacto de Lausanne, celebrado na Suíça por teólogos de mais de 150 nações em 1974, também influenciou consideravelmente o avanço de uma visão teológica que inclina igrejas mais para o ativismo social do que para ações evangelizadoras.

Na ansiedade ocorre o desequilíbrio de certas substâncias químicas no cérebro, chamadas neurotransmissores. Destes, dois neurotransmissores, chamados serotonina e noradrenalina, estão relacionados aos transtornos de ansiedade. Quando o nível de serotonina cai e os níveis de noradrenalina se elevam, podemos ter um quadro de ansiedade, que pode ser situacional e passageira, ou persistente.

Além de decidir não viver em torno das demandas terrenas, orar é fundamental para vencer a ansiedade e ter uma alma cheia de paz (Fp 4.6,7). Na verdade, não se imagina que tenhamos força para vencer as tentações deste mundo sem a oração. O apóstolo Pedro escreveu que devemos lançar sobre Deus toda a nossa ansiedade, porque Ele tem cuidado de nós (1 Pe 5.7). É o Senhor que nos dá paz e protege nossas emoções e pensamentos (Fp 4.7) e que também nos guia no caminho da sua vontade (Cl 3.15). Fatores espirituais, ambientais e relacionais sempre devem ser buscados antes de outros recursos, como é o caso do uso de medicamentos, em relação ao qual sempre é preciso ter a devida cautela, como afirmamos no Capítulo 1. Aliás, no caso da ansiedade, a dra. Elaine Cruz observa:

Quando a ansiedade perdura por seis meses no mínimo, causando sofrimento pessoal ou familiar, sendo desproporcional e irracional, podemos estar diante de um quadro ansiolítico ou TAG — Transtorno de Ansiedade Generalizada —, cuja incidência é maior nas mulheres. Nesse caso, é importante um diagnóstico clínico realizado por um profissional de saúde, podendo até mesmo ser necessário o uso de medicamentos ansiolíticos (*ibid.*, p. 134).

## 2. Purificação e renovação

Uma condição fundamental para uma vida cristã dinâmica é o cristão apresentar a sua alma diariamente a Deus para que seja purificada e viva em constante renovação. E, para conservar a alma pura e renovada, precisamos cuidar das fontes às quais diariamente expomos nossos sentidos. O que falamos, o que ouvimos, o que lemos e vemos pode determinar nosso estado interior. O Salmo 1 ensina-nos que devemos sempre nos esquivar dos que proferem maus conselhos, praticam maldades, vivem afastados de Deus e zombam do que é sagrado. Não é incomum que isso seja feito em filmes, séries, programas de TV e redes sociais. Abster-se dessas fontes e dedicar-se à meditação na Palavra de Deus é cuidar da alma. Ainda quanto à mordomia desse nosso ente imaterial, a Bíblia adverte-nos dos maus pensamentos (Mt 15.19), dos desejos impuros e perversos (Pv 21.10; Tg 1.14,15) e das intenções e inclinações malignas (Nm 21.5; 1 Pe 2.1).

## CONCLUSÃO

Pensar na imortalidade da alma deve produzir em nós um temor maior e levar-nos a uma vida mais zelosa em relação a nossos pensamentos, sentimentos e vontades, que devem sempre ser conduzidos segundo a vontade de Deus. Embora não tenhamos um controle absoluto dessas faculdades, com a graça de Deus podemos ter nosso coração guardado por Cristo Jesus e uma contínua purificação pelo seu sangue (1 Pe 1.22; 1 Jo 1.7). O que não podemos é entregar nossa alma a qualquer tipo de pecado, ainda que em pensamentos. Atribui-se a Lutero a frase que diz: “Não podemos impedir que os pássaros voem sobre nossas cabeças, mas podemos impedir que eles façam ninhos sobre elas”.

## CAPÍTULO 6

# A Consciência — O Tribunal Interior

### INTRODUÇÃO

Na madrugada da noite em que Jesus foi preso, muitos ouviram o galo cantar, mas ninguém como Pedro, o discípulo que negou a Jesus três vezes: “Então, começou ele a praguejar e a jurar, dizendo: Não conheço esse homem. E imediatamente o galo cantou. E lembrou-se Pedro das palavras de Jesus, que lhe dissera: Antes que o galo cante, três vezes me negarás. E, saindo dali, chorou amargamente” (Mt 26.74,75). É assim com a consciência. Cada um tem a sua e vive as suas próprias experiências.

#### *A experiência de Pedro*

Temos alguns pontos fundamentais relacionados ao funcionamento da consciência no episódio envolvendo Pedro. Em primeiro lugar, Pedro foi devidamente avisado (Mt 26.31-35). O funcionamento acusativo da consciência pressupõe a indicação prévia de uma conduta vedada, como aconteceu com Adão e Eva em relação à arvore do conhecimento do bem e do mal (Gn 2.16,17). Em segundo lugar, Pedro agiu deliberadamente, confiando em si mesmo (Mt 26.35). Foi dissimulado e reticente no que fez: negou três vezes e ainda se embruteceu, praguejando. Terceiro, o galo “cantou imediatamente”. A consciência funciona tão logo uma conduta pecaminosa ou antiética é praticada. Não dá trégua. O quarto ponto fundamental: Pedro sentiu não apenas uma indicação de culpa, mas também terríveis consequências no espírito, na alma e no corpo: “E, saindo dali, chorou amargamente”. O Pedro impulsivo e cheio de si perdeu a graça e deixou o ambiente em que estava cheio de tristeza e amargura de alma. Quinto, affligido pela sua consciência, ele experimentou arrependimento sincero, levando o Mestre

a, no momento oportuno, trazê-lo de volta à restauração. Se não sufocarmos nossa consciência, mas seguirmos o caminho da humildade diante de Deus, seremos restaurados por Ele à sua presença, pois o funcionamento da consciência não é para nosso mal, mas para nosso bem.

## I – ANTES E DEPOIS DA QUEDA

Deus dotou o homem de um senso moral chamado consciência. Em tempos de tanta tecnologia, podemos compará-la a um sensor capaz de detectar falhas e emitir juízos morais e espirituais em relação a elas; ou, diante de condutas corretas, emitir sinais de aprovação. Esse é o funcionamento adequado desse sensor se não estiver com defeito. Terrivelmente acusado pelos judeus diante do governador Félix, em Cesareia, Paulo responde serenamente: “procuro sempre ter uma consciência sem ofensa, tanto para com Deus como para com os homens” (At 24.16).

Paulo refere-se a essa faculdade espiritual que Deus deu a todos os homens, que tem como função acusar, defender e julgar. O seu funcionamento segue parâmetros estabelecidos pela lei moral, comum a todas as pessoas, pelas Escrituras Sagradas e por outras fontes normativas, como a família, a Igreja e o Estado, as quais devem ser observadas sob o escrutínio da consciência (Rm 13.1-7; Ef 6.1-9; Hb 13.17). Os parâmetros podem ser absolutos ou relativos. Os absolutos têm valor universal. Não mudam com o tempo ou lugar. Os relativos variam conforme a época, cultura ou lugar. Absolutos ou relativos, a consciência absorve tais parâmetros e passa a emitir os seus juízos sobre nossa conformidade ou não a eles.

### 1. A primeira manifestação

Os textos de Gênesis 2.16,17 e 3.6-10 tratam da primeira manifestação negativa da consciência na experiência humana. Criado como um ser moral, o homem recebeu de Deus a capacidade de discernir entre o certo e o errado e, assim, orientar-se nas suas decisões. Havia condutas permitidas, dentre elas comer livremente de toda árvore do jardim, mas também havia uma conduta proibida: comer do fruto da árvore da ciência do bem e do mal, com uma punição correspondente devidamente fixada: “no dia em que dela comeres, certamente morrerás”.

O homem, portanto, era livre quase absolutamente, e, enquanto agisse dentro desse amplo espaço de vivência, a sua consciência iria aprová-lo, como, de fato, ocorreu por algum tempo (não sabemos quanto). Se, contudo, violasse a lei divina, agindo em rebeldia, a mesma consciência funcionaria

em sentido oposto, acusando-o. Foi o que ocorreu: o homem violou a ordem de Deus e experimentou o funcionamento acusativo da consciência: culpa, vergonha e medo.

Do grego *syneidesis* (“saber com”) e do latim *conscientia* (*con*, “com ou junto” e *scientia*, “ciência”), o sentido literal da palavra consciência é “com concordar com algo ou alguém”, permitindo entender, então, que seu papel é concordar com um princípio estabelecido no âmago do espírito humano (CABRAL, p. 47). Trata-se de uma faculdade inata, ou seja, todos nascem com ela.

Há, todavia, uma discussão entre os teólogos sobre a consciência ser uma faculdade do espírito ou da alma, havendo opiniões nos dois sentidos. Como já indicado, o pastor Elienai Cabral, assim como vários outros teólogos pentecostais, considera que a consciência situa-se no espírito: “Ela existe dentro de cada ser humano como um sensor inevitável na parte mais elevada, instalado no âmago do nosso espírito” (ibid., p. 15).<sup>1</sup>

As características e funções da consciência, como um agente de Deus inserido no homem, corroboram esse entendimento de ser ela uma faculdade do espírito, principalmente a sua localização no ponto mais elevado ou profundo do ser humano.

## 2. O direito natural

O homem não nasceu como um ser bruto, praticamente irracional, como querem fazer crer os adeptos da teoria da evolução. Não é originário do que chamam “o homem pré-histórico”, os primatas (ancestral comum de animais como os chimpanzés) ou o “homem das cavernas”. O homem foi criado à imagem de Deus, como um ser moral inteligente. A comunicação de Deus com Adão e os seus atos iniciais (assim como os de Eva) demonstram isso com muita clareza. Assim como Adão, todo o ser humano nasce com um conteúdo normativo fundamental, que é a lei moral — também chamada de lei da natureza ou direito natural — escrita no coração. Em Gênesis, isso é visto pela primeira vez em Caim, que, tomado pela ira, feriu o direito natural tirando a vida do próprio irmão (4.8).

Como consequência imediata da terrível violação praticada por Caim, a sua consciência afligiu-o com pesada culpa, dada a gravidade do seu pecado (vv. 13,14). Isso demonstra que a atitude de Caim foi a escolha entre a vontade de Deus (a preservação da vida humana, criada à sua imagem) e

---

<sup>1</sup> Na *Bíblia de Estudo Pentecostal Edição Global*, Donald Stamps (2022, p. 1107) também menciona a consciência como faculdade do espírito.

o seu ímpeto assassino, pela sua malignidade. Como escreveu o evangelista João, Caim era do maligno e praticava obras más (1 Jo 3.12). Assim, ao tirar a vida do próprio irmão, a sua consciência acusou-o implacavelmente, e ele, como fez Pedro, sentiu-se inquieto e procurou afastar-se. Quando a consciência acusa, a tendência humana é buscar um lugar de adequação, mas não adianta tentar esconder-se (ver Sl 139.7,8; Jn 1.3-12).

### **3. Escrita no coração**

Em Romanos 2.12-16, Paulo faz referência à Lei Mosaica, dada a Israel, e à lei moral, o direito natural, comum a todos os homens, inclusive aos gentios (v. 15). Em princípio, é com base nessa lei geral que a consciência atua, “ora acusando-os, ora defendendo-os” (NVI).

À medida que as sociedades eram organizadas, desde os primórdios do mundo antigo, os princípios da lei natural estabelecida por Deus eram registrados, segundo a compreensão própria e imperfeita de cada povo — não sem distorções diante da maldade do coração humano. Com maior ou menor aproximação do propósito divino, o processo de codificação foi ocorrendo à medida que surgiu a escrita. Em relação aos hebreus, essa positivação do Direito Natural deu-se de forma perfeita, já que foi feita pelo próprio Deus. Foi a outorga do Decálogo, os Dez Mandamentos, escritos em pedras “com o dedo de Deus” (Êx 34.1-9; Dt 9.9-11). Mas a Lei Mosaica também incluía ampla regulação da vida civil (direito de propriedade e direito de família, (ver Êx 22; Dt 24), além do estabelecimento de leis cerimoniais, necessárias para o culto a Jeová (e.g. Lv 1-7).

Antes da codificação do direito natural pela Lei Mosaica, outras sociedades antigas tinham os seus regramentos. Edwin M. Yamauchi e Marvin R. Wilson (2023, p. 892-894) referem-se a vários códigos de leis e as listas de leis do antigo mundo do Oriente Próximo, tais como: o “código” de Ur-Mammu (2070 a.C.), também conhecido como “Código Sumério”; o código de leis de Lipit-Ishtar (1850 a.C.); as leis babilônicas de Hamurabi (1792–1750 a.C.); as leis de Eshnunna; o Código da Lei Assíria Média, o Código Hitita, além de leis do Egito. Séculos depois, surgiram as leis do mundo greco-romano, do mundo judaico e do mundo cristão, até os tempos modernos. Consideradas as muitas variações e diferenças existentes nas leis de todos os povos, o que há de bom nas imperfeitas leis humanas é inspirado na lei moral escrita no coração humano: “Toda boa dádiva e todo dom perfeito vêm do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não há mudança, nem sombra de variação” (Tg 1.17).

## II – O FUNCIONAMENTO DA CONSCIÊNCIA

### 1. Acusação, defesa e julgamento

Como já destacado, a consciência funciona como um órgão de acusação ou defesa, mas também exerce função judicante (Sl 51.3). A respeito do funcionamento da consciência, o pastor Elienai apresenta quatro modos distintos de julgamento. Em primeiro lugar, a consciência julga com total imparcialidade, não fazendo acepção de pessoas ou aceitando qualquer tipo de discriminação. Em segundo lugar, a consciência não aceita apelação. O seu julgamento é irrefutável, absoluto e inapelável. Não faz alteração nos seus juízos, motivada por bajulação contida em palavras bonitas e orações poéticas. Em terceiro, a consciência julga nossas ações mediante os fatos. Não julga em cima de especulações e suposições. Em quarto lugar, a consciência age individualmente. A consciência de cada pessoa exerce juízo sobre os atos dela, e não de outrem (ibid., p. 79-81).

À luz de Gênesis 3.7, entendemos que a ação da consciência é exatamente tornar conhecida a transgressão. Tão logo Adão e Eva pecaram, “foram abertos os olhos de ambos, e conheceram que estavam nus”. O verbo “conhecer”, *yada*, traduz o apontamento negativo feito pela consciência, reprovando a conduta do primeiro casal. Antes do pecado, conheciam somente o bem e viviam em plena alegria e paz (Gn 2.25). Ao pecarem, a consciência ecoou na alma (refletiu nos pensamentos e sentimentos), como uma voz secreta e incômoda (3.7-10). Às vezes, essa experiência é de dor no coração, como aconteceu com Davi após contar o povo (2 Sm 24.10). Uma consciência pesada produz males ao espírito, à alma e ao corpo (Sl 32.1-5).

Como observa Brunelli, a ação acusativa da consciência gera um sentimento que abate nosso ânimo, rouba nossa paz e traz a sensação de que alguma coisa não saiu como devia, atormentando nossa mente; uma noção intrínseca de certo e errado que grita em nossa alma e leva-nos tanto ao remorso quanto ao arrependimento; a consciência atua como juíza, cumprindo o dever de culpar ou absolver a pessoa (ibid., p. 68).

### 2. Vãs justificativas

Desde o exemplo de Adão e Eva, o ser humano costuma reagir com vãs justificativas diante da ação acusativa da consciência, apesar de esse senso moral ser claro o suficiente acerca da transgressão praticada. No caso do primeiro casal, Gênesis 3.7 diz que “foram abertos os olhos de ambos”, demonstrando, assim, uma alteração cognitiva imediata — e não apenas

cognitiva, mas também moral. Houve uma experimentação imediata da malícia, antes inexistente em Adão e Eva. Ao ouvir a voz do Criador, o casal escondeu-se com medo (Gn 3.8).

Mesmo sabendo tudo o que Adão e Eva haviam feito, Deus dirigiu uma pergunta retórica a Adão (3.11). O Criador apelou à própria consciência humana, porque ninguém, senão ela, havia apontado o pecado de Adão. Assim, apesar de o texto não mencionar a consciência, ali está ela agindo em vários momentos.

Em Adão, a sua agência foi implacável, a ponto de ele não ter o que responder a Deus. Estava patente a sua rebeldia. Impossibilitado de negar o seu pecado, Adão fez o que se tornaria comum ao ser humano: tentou justificar-se, certamente buscando aplacar a consciência (3.12). Eva seguiu o mesmo caminho, culpando a serpente (3.13). Tentativas como essas são meros placebos: parecem resolver, mas não trazem cura para a chaga do pecado. A consciência é implacável e não cede a vãs formulações humanas, ainda que teológicas, como as inclusivas (Rm 1.18-27; 2 Tm 4.3). A confissão e o afastamento do pecado são o remédio eficaz para a alma (Pv 28.13; Tg 5.16).

### **3. O debate no tribunal**

Quando uma causa chega a um Tribunal são feitos debates entre acusação e defesa. No Tribunal do Júri, onde há julgamento popular (sete pessoas do povo), são longas horas ouvindo testemunhas, o depoimento do réu e as palavras da acusação (promotor público) e da defesa (advogados do réu). Razões e mais razões são apresentadas a fim de, ao final, alcançar-se um veredicto. Isso também acontece na consciência, principalmente quando questões controvertidas são postas a exame. Ela é como um tribunal que julga condutas, aprovando-as ou reprovando-as. A consciência examina fatos do presente (At 23.1) e do passado (2 Sm 24.10; 1 Co 4.4), mas também exerce uma função de orientação de conduta em relação ao futuro. Isso pode ser visto na expressão de Paulo, de que procurava conservar uma consciência sem ofensa, ou seja, sem o registro de transgressões, contra Deus e contra os homens (At 24.16).

Quadro semelhante vemos em Davi. O senso moral e espiritual que ele tinha em relação ao princípio de autoridade impediu-o de ferir a Saul (tempo presente), mas, em caráter continuado, guardava o coração de fazê-lo no futuro. Por haver cortado a orla do manto do rei de Israel, o belemita sentiu dor no coração e, cheio de temor, rogava a Deus que o guardasse de estender a mão contra o monarca, por ser este o escolhido e constituído pelo Senhor (1 Sm 24.6). Davi tinha uma consciência ativa, que o permitia compreender a gravidade de violar o princípio de autoridade.

A consciência não funciona de forma isolada ou sem relação às demais faculdades do espírito e da alma. Em Romanos 2.15, Paulo trata do conhecimento contido no coração (base moral) e dos pensamentos, como caixa de ressonância do papel da consciência. De fato, a mente fica agitada quando a consciência age, principalmente se acusando. Isso leva a longas horas de preocupação, que, não raro, comprometem o sono. Em muitos outros casos, os males de uma consciência com ofensa podem ser somatizados, isto é, sentidos no próprio corpo.

Que o Senhor nos guarde de todo o pecado e nos conserve com uma consciência pura, sem ofensa, diante dEle e dos homens.

### **III – A CONSCIÊNCIA É FALÍVEL**

#### **1. Defeitos da consciência**

Como tudo o mais que há no ser humano, a consciência também foi afetada pela Queda, principalmente pela confusão de juízos e sentimentos que o homem passou a criar por sua própria conta, fruto do seu imaginativo e maldoso coração: “E viu o SENHOR que a maldade do homem se multiplicara sobre a terra e que toda imaginação dos pensamentos de seu coração era só má continuamente” (Gn 6.5). Apesar de ainda funcionar, a consciência humana passou a apresentar defeitos. E isso pode agravar-se conforme a possuímos, principalmente se ignorarmos o seu funcionamento, tentando manipulá-la. A Bíblia menciona consciências defeituosas.

A consciência cauterizada é aquela que se mostra insensível ao pecado; que perde a sensibilidade para as coisas boas e corretas; significa a neutralização de todo sentimento humano que qualquer criatura possui; a perda da capacidade de distinguir entre o certo e errado, entre o que é puro e o que é impuro, o profano e o sacro (Ef 4.19; 1 Tm 4.2): “A cauterização da consciência pode acontecer mediante a persistência numa atitude de desobediência e a recusa em dar ouvidos à sua voz (da consciência)” (Cabral, p. 111). A consciência fraca não é orientada corretamente pela verdade, tornando-se legalista (1 Co 8.7-12). É imatura, hipersensível e vulnerável. É típica do cristão que facilmente se escandaliza e chega a abandonar a fé. O crente de consciência fraca vive preocupado com exterioridades terrenas e temporais em detrimento das coisas mais sublimes e eternas, não conseguindo avaliar a sua vida pela Palavra de Deus, porque está sempre preocupado com os outros cristãos e com o que eles fazem (p. 113).

Cabral ainda aborda a consciência contaminada ou corrompida (Tt 1.15), que é “contagiada” por agentes externos, como um vírus contagia o corpo e

pode torná-lo doente. É a fraqueza da consciência que a faz corromper-se, como escreveu Paulo: “Mas nem em todos há conhecimento; porque alguns até agora comem, no seu costume para com o ídolo, coisas sacrificadas ao ídolo; e a sua consciência, sendo fraca, fica contaminada” (1 Co 8.7). Para que não haja contaminação, o cristão deve abster-se de tudo o que seja pecaminoso ou que tenha dúvida acerca da sua licitude ou conveniência. O ensino de Paulo é bastante elevado, porque chega a tratar da irrelevância espiritual de comer alimentos sacrificados aos ídolos, pela ciência de que eles (os ídolos), na verdade, nada são: “Para aqueles que sabiam que os ídolos não eram nada, Paulo afirma o óbvio: Ingerir alimentos (mesmo comida sacrificada a ídolos) não torna os crentes inaceitáveis perante Deus” (HOWARD, 2018, p. 1827).

Para a consciência funcionar bem, é preciso que ela esteja corretamente educada e cuidada à luz da genuína Palavra de Deus, no Espírito Santo (Rm 9.1; 1 Tm 1.5,19). Todo desequilíbrio é perigoso. A insensibilidade leva à complacência com o pecado, e a hipersensibilidade produz extremismo, fazendo considerar tudo como pecado. E é nesse campo que agem as seitas, manipulando e aprisionando almas incautas, como faziam os falsos mestres do primeiro século (Cl 2.16-23). O esclarecimento da consciência pela luz das Escrituras faz com que o fiel não se prenda ao controle humano, fazendo-o viver nos limites da liberdade cristã.

Raymond Franz foi um destacado membro do corpo governante das Testemunhas de Jeová na sua sede, nos Estados Unidos da América, instituição a que pertenceu até os seus sessenta anos de idade. O seu livro *Crise de Consciência* (2002) é um forte testemunho do que acontece com milhões de pessoas ao redor do mundo, que se ligam aos chamados grupos heterodoxos, ficando presas em função da consciência e práticas legalistas dessas entidades religiosas. Em relação às Testemunhas de Jeová, Franz afirma que, no seu processo de saída da organização, ficou evidente que os líderes da organização não estavam dispostos a discutir pontos de dúvida em relação às Escrituras, pois consideravam determinante a lealdade à organização e aos seus ensinos: “Na mente dos interrogadores, a questão principal era, não a lealdade a Deus e à sua Palavra, mas a lealdade à organização e aos seus ensinos” (p. 309). Toda instituição que põe as suas normas acima das Escrituras apresenta característica de seita, ainda que negue sê-la.

## 2. Deus, o Supremo-Juiz

O testemunho de Raymond Franz ilustra a fundamental necessidade de estudo e ensino das Escrituras, no lar e na igreja para a correta formação da consciência. Quanto mais a mente humana for iluminada pelo Espírito

de Deus, mais conhecerá o que está revelado na Bíblia, gerando firmeza na fé e convicção da boa, agradável e perfeita vontade do Senhor para todas as áreas da vida. O cristão que assim age deixa de ser presa fácil de heresias. Como ensina Elenai Cabral (*ibid.*, p. 134,135), “Se a nossa consciência for moldada na Palavra de Deus, poderá produzir uma vida feliz. A Bíblia Sagrada é o melhor e singular molde para a consciência cristã”. O processo de modelagem da consciência, diz Cabral, envolve três práticas essenciais: (1) ler assiduamente as Escrituras, (2) meditar nelas (refletir e concentrar a mente sobre certas passagens) e (3) memorizar trechos ou versículos da Bíblia.

É preciso estar ciente, contudo, de que mesmo nos esforçando para ter uma consciência plenamente eficaz, ficamos isentos de engano ou mesmo de resistir ao reconhecimento de erros e pecados de nossa parte. Por causa disso, a palavra final jamais deve ser nossa. Ainda que, examinando nossa consciência, sejamos achados sem ofensa, devemos deixar que a palavra final, o juízo absoluto ou definitivo, seja sempre do Supremo-Juiz, que conhece todas as coisas. Como fazia Paulo: “Porque em nada me sinto culpado; mas nem por isso me considero justificado, pois quem me julga é o Senhor” (1 Co 4.4).

Mesmo com uma consciência pura, devemos estar humildemente submetidos a Deus para que sejamos inteiramente examinados por Ele. Só Ele, o Supremo-Juiz, pode sondar nosso interior e expor os mais profundos designios de nosso coração, mesmo os que nos sejam ocultos (Sl 19.12,13; 139.23,24;). Pela dureza de nosso coração, corremos o risco de considerarmo-nos justos, mesmo estando em falta. Às vezes, só o confronto divino faz com que reconheçamos nossos pecados. Davi, por exemplo, permaneceu insensível e rigoroso até ser repreendido pelo profeta Natã (2 Sm 12.1-13). Já Pedro precisou ouvir o canto do galo (Lc 22.54-62). Em suma: pecados do espírito, como soberba e orgulho, são os que mais se escondem em nosso íntimo (Pv 16.18).

## **CONCLUSÃO**

Bendito seja Deus que nos deu a consciência, pela qual podemos discernir entre o certo e o errado, identificar erros e acertos e rogar-lhe o perdão. É nosso dever preservar uma consciência sem ofensa tanto para com Deus como para com os homens, como fazia Paulo. É fundamental mantê-la viva e sempre renovada mediante o estudo contínuo da Bíblia, nossa infalível regra de fé e prática (2 Tm 3.16,17). Se formos acusados por ela, não nos esqueçamos de que o sangue de Cristo é poderoso para purificar a consciência de todo aquele que, arrependido, confiar no poder do seu sacrifício (Hb 9.14). Cheguemo-nos sempre a Ele com inteira certeza de fé (10.22).



## CAPÍTULO 7

# Os Pensamentos — A Arena de Batalha na Vida Cristã

### INTRODUÇÃO

Neste capítulo e nos dois seguintes, nosso foco de estudo serão as faculdades da alma: razão ou intelecto, sensibilidade ou sentimentos e volição ou vontade. A razão diz respeito à capacidade de pensar. E é sobre o pensamento que estudaremos neste capítulo.

No campo da psicologia, talvez em nenhuma outra época tenha sido dado tanto valor ao pensamento como atualmente, quando está muito em voga a abordagem da Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC), que destaca como os pensamentos estão diretamente relacionados às emoções e comportamentos do indivíduo. Como afirma Judith Béck (2022, p. 4), “o *modelo cognitivo* propõe que o pensamento disfuncional (que influencia o humor e o comportamento do cliente) é comum a todos os transtornos psicológicos. Quando as pessoas aprendem a avaliar o seu pensamento de forma mais realista e adaptativa, elas experimentam um decréscimo na emoção negativa e no comportamento mal-adaptativo”. Embora a vida e os seus problemas não se resumam a isso, a TCC dá a sua contribuição com estudos que ajudam a compreender um pouco sobre a influência dos pensamentos nas emoções e no comportamento humano, embora não tenha suficiente explicação para essas realidades humanas, no que não difere de outras correntes e abordagens. Muito antes da psicologia, a Bíblia expõe a relação que os pensamentos têm com outros fenômenos da vida humana, estimulando reflexões corretas, verdadeiras, puras, sensatas e edificantes.

### I – UMA VISÃO INTRODUTÓRIA

#### 1. A experiência de Adão e Eva

Gênesis registra não apenas a criação do homem, mas também as suas primeiras experiências, que são exemplares do complexo funcionamento

do ser humano. Por isso, é sempre fundamental recorrer a esses registros quando se estuda Antropologia Bíblica. São deles que podemos extrair uma compreensão teológica mais abalizada do homem e os seus caracteres pessoais. No relato hebraico, os traços da personalidade humana manifestam-se originalmente na vida do primeiro casal. O aspecto cognitivo é visto na capacidade de comunicação, compreensão e governo do homem sobre a criação e no seu relacionamento interpessoal com o Criador (Gn 1.26-28; 2.18-23; 3.8). Para todos esses processos, Adão e Eva usavam o intelecto raciocinando, elaborando pensamentos e tomando decisões. Exemplo disso é o comportamento que tiveram quanto ao pecado original.

Apesar de sucinto, o relato de Gênesis 3.1-6 demonstra que houve um tempo de comunicação entre Eva e a serpente, durante o qual a mulher elaborou alguns pensamentos acerca da árvore da ciência do bem e do mal. Foi o seu imprudente diálogo com a serpente que a levou a pensar o que não devia. O apóstolo Paulo explica que a mulher foi enganada (1 Tm 2.14), ou seja, ela iniciou a conversa com um entendimento e passou a ter outro. Experimentou a alteração do seu sentimento (desejou o fruto) e da sua vontade e conduta (tomou do fruto e comeu) (Gn 3.6).

Eva abstinha-se antes do fruto da árvore da ciência do bem e do mal. Depois o desejou, tomou e comeu. Destacam-se no texto os adjetivos “boa”, “agradável” e “desejável”, todos ligados a sentimentos. Também se observa a expressão “vendo a mulher que”, que traduz a conclusão cognitiva, a manifestação de um novo entendimento. Houve, portanto, um ciclo de pensamentos do início do diálogo à decisão e ato. A mudança de pensamento alterou o sentimento e, via de consequência, o comportamento. Eva, portanto, pensou o que não devia e foi enganada. Quanto a Adão, que não foi enganado, agiu de forma negligente, deixando de pensar o que devia. Adão simplesmente cedeu a sua vontade à oferta da mulher e pecou (Gn 3.6; 1 Tm 2.14).

## **2. Conceito e origens**

Não há um conceito fechado a respeito do pensamento, até pelo caráter amplo e abstrato da possibilidade de pensar. Beck (*ibid.*, p. 231) conceitua-o como ideias que se processam em palavras, quadros ou imagens; ou seja, quando pensamos, passa pela nossa mente a formulação de palavras, formas, cores etc. Podemos afirmar que pensamentos são processos mentais constituídos de informações, reflexões, lembranças, emoções, sons, imagens. Cruz (*ibid.*, p. 284) entende que “Todos os nossos pensamentos, sem exceção, são construídos a partir do que vemos, ouvimos, imaginamos e vivenciamos”.

A despeito dos mistérios da mente humana, sabe-se que os pensamentos originam-se de fatores internos (biológicos, psicológicos e espirituais) e externos ou ambientais (experiências do cotidiano). Podem também ser uma combinação desses fatores. Sobre o dinamismo dos pensamentos e da possibilidade que temos de educá-los, Cruz escreve:

A interação com o meio físico e social, num primeiro momento, selecionado e direcionado pelas escolhas familiares, nos direciona a pensar as coisas, os objetos, as possibilidades, os afetos e as pessoas. E essas relações nos levam a elaborar e formular conceitos e valores particulares, inclusive nossa autoimagem e autoestima. Com o passar dos anos, entretanto, vamos percebendo que não precisamos mais simplesmente refletir o que experienciamos. Aprendemos também com os erros e acertos dos outros, e percebemos que podemos pensar melhor, mais positivamente, escolhendo pensar de preferência no que edifica e santifica. Nossas vivências, percepções e racionalizações podem nos fazer pensar o pior. Muitas vezes as lembranças e sentimentos ruins insistem em dominar nossos pensamentos, tornando nossos dias mais tristes e sombrios. Mas lembre-se sempre de que eu e você podemos escolher onde colocar nossos pensamentos e nossas esperanças.

As Escrituras ensinam que, qualquer que seja a origem dos pensamentos, cabe ao ser humano aceitá-los ou rejeitá-los, reprovando-os (Js 1.8; Pv 3.1-7; 15.28; Jr 17.9,10; Fp 4.8).

### **3. Características dos pensamentos**

A capacidade imaginativa do ser humano é muito ampla. Não podemos afirmar que seja infinita, pois a infinitude não é dada ao homem em aspecto algum. Ainda assim, a possibilidade de pensamento é amplíssima. O homem pode construir os mais diversos cenários na mente: silenciosos ou barulhentos; simples ou complexos; neutros ou coloridos. Quantas imaginações já tivemos desde os tempos de criança! Na fase dos porquês — geralmente dos 2 aos 4 anos —, a mente infantil chega a ficar absorta em tantos pensamentos, geradores de curiosidades, além de muitos questionamentos. A literatura, o cinema, a TV e tantos outros meios modernos de criação de conteúdo são uma prova inconteste da capacidade imaginativa do ser humano. Em tempos tão remotos, Salomão já escreveu: “[...] não há limite para fazer livros” (Ec 12.12).

Os pensamentos não são apenas múltiplos e neutros. Eles guardam em si características de índole ético-moral. Podem ser bons ou ruins, puros ou impuros, verdadeiros ou falsos. Os que são originados de fatores externos

são fruto de experiências sensoriais. Como já destacado, a mente faz criações a partir de conteúdos que obtém por meio dos órgãos dos sentidos, como os olhos, o ouvido, a boca, as mãos, o nariz etc. Nesse sentido, abster-se de toda aparência do mal é essencial (1 Ts 5.22). Não podemos alimentar nossa mente com conteúdos enganosos ou impuros (Sl 101.3-5). Deles podem surgir gravíssimos pecados, como violências, imoralidades sexuais, mentiras, calúnias e maledicências. Os fariseus foram chamados de “raça de víboras” porque as suas palavras más eram a reprodução do coração perverso que tinham com pensamentos e sentimentos ruins (ver Mt 12.34; cf. 15.19).

## II – A GESTÃO DOS PENSAMENTOS

### 1. Imperativo ético e espiritual

A Bíblia não nos recomenda nada que nos seja impossível fazer mediante a graça de Deus. Um desses deveres que nos atribuem as Escrituras é a gestão de nossos pensamentos, como Paulo trata na Epístola aos Filipenses. Aliás, essa carta é rica em relação ao registro de bons sentimentos ou emoções — não sem razão tem, entre os seus epítetos, o de “Epístola da Alegria” (cf Fp 1.7,8; 2.1,2,20,26; 3.15; 4.1,2,7), mas também é nela que está uma das mais contundentes afirmações paulinas acerca da boa gestão dos pensamentos: “Quanto ao mais, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se há alguma virtude, e se há algum louvor, nisso pensai” (Fp 4.8). Como podemos fazer isso? Em primeiro lugar, é preciso observar que o imperativo bíblico não diz respeito a um processo mecânico, automático, formal ou meramente humano. O cristão não pode, por si só, simplesmente decidir gerir a mente e passar a fazê-lo, como se tivesse, com as suas próprias forças, pleno controle sobre os seus pensamentos. Antes de tratar do aspecto positivo da atividade intelectiva (o que pensar), Paulo apresenta-nos a necessidade de uma atitude espiritual indispensável, que é a oração (Fp 4.6). Se deixarmos nossa mente envolta nas inquiétudes dessa vida, não teremos como ordenar nossos pensamentos.

O cristão precisa lutar espiritualmente para vencer a ansiedade. E como fazemos isso? Não há outro meio senão uma consagração pessoal a Deus, diariamente, em oração. A mente não se aquietá com técnica de meditação. Devemos orar e fazer “conhecidas diante de Deus” todas as nossas petições. Tudo de que precisamos, tudo o que nos aflige e tudo o que nos inquieta: nada deve ficar fora de nossa oração. E não se trata de uma oração curta, uma repetição, como uma mera formalidade. Paulo refere-se a “oração e súlicas, com ação de graças”. Deve haver intensidade na oração até ao ponto de nosso

coração ser realmente aberto (se possível, derramado) e nosso espírito e alma irromperem em gratidão a Deus, louvando-o pelos seus feitos e maravilhas.

Tudo isso faz parte do processo de gestão do pensamento, como condição prévia indispensável. Parece-nos que isso combina com o conselho de Davi no Salmo 37.4: “Deleita-te também no SENHOR, e ele te concederá o que deseja o teu coração”. Observe que é preciso, a princípio, estabelecer um relacionamento íntimo, vencendo a ansiedade e todas as inquietações. Enquanto estivermos ansiosos, tentando estabelecer o alvo de nossas preocupações, não encontraremos paz e estabilidade espiritual e mental que nos permita gerir bem nossos pensamentos. Um turbilhão de ideias agitadas estará em nossa mente, longe do alvo divino estabelecido em Filipenses 4.8.

O passo seguinte na conquista espiritual, vencida a ansiedade em oração, é receber a paz de Deus, que excede todo entendimento e que é poderosa para guardar corações e mentes em Cristo (Fp 4.7, NVI). É somente nessa condição — com a mente guardada por Deus — que alcançaremos a graça de fazer uma gestão consagrada de nossos pensamentos, focando no alvo descrito por Paulo em Filipenses 4.8. Ao usar o pronome indefinido “tudo”, o apóstolo abre uma ampla possibilidade para os pensamentos, desde que qualificados com os adjetivos “verdadeiro”, “honesto”, “justo”, “puro”, “amável”, “de boa fama”, virtuoso e digno de louvor. O emprego do verbo pensar no imperativo afirmativo (“pensai”) indica que é nosso dever pensar em coisas boas, rejeitando as más. Uma conduta ativa e não passiva. Precisamos refletir, portanto, a respeito de como estamos gerindo nossos pensamentos. Embora saibamos que não é simples ou fácil cogitar o controle do que pensamos — e não se espera que isso ocorra de forma absolutamente rígida —, se estivermos munidos de armas espirituais, podemos levar cativo todo entendimento à obediência de Cristo.

Elaine Cruz (*ibid.*, p. 284–285) afirma que, se podemos levar cativo todo pensamento à obediência de Cristo, como Paulo afirma em 2 Coríntios 10.4,5 (“levando cativo todo o entendimento à obediência de Cristo”), podemos controlar o que pensamos, a despeito de muitos dizerem o contrário:

Quanto mais conhecemos a Bíblia, mais facilmente reconhecemos os pensamentos pecaminosos: difamatórios, egoístas, arrogantes, enganosos, autodestrutivos, afrontosos quanto ao nosso caráter, e mentirosos quanto a Deus. Esses pensamentos errôneos não podem ser aceitos como nossos, e nem podemos nos demorar ponderando seus desdobramentos. Afinal, sabemos que podem ser resultado de nossa humanidade ou da ação sugestiva de Satanás. Portanto, assu-

mir o domínio dos pensamentos é mais do que apenas recusar maus pensamentos — até devemos fazer isso, mas é eliminar rapidamente os que são errôneos ou maléficos, ao mesmo tempo em que incluímos nossa mente pensamentos que venham agradar a Deus.

## 2. Acima da técnica

Há uma profusão de técnicas de gerenciamento do pensamento, como a ênfase na importância de pensar positivo, como afirma Beck no seu livro (p. 18). São estratégias de valor relativo, que se limitam ao plano da realidade humana; ao nível terreno. A Palavra de Deus vai muito além disso e ensina-nos que devemos pensar “nas coisas que são de cima e não nas que são da terra” (Cl 3.2). Isso nos liberta da atmosfera de conflitos mentais comuns a todas as pessoas, dando-nos percepção e discernimento espirituais, fazendo com que tenhamos a mente de Cristo (1 Co 2.15,16). Além de encher nosso coração da esperança que não traz confusão (Rm 5.5), a visão do celestial, que é infinitamente superior, é o mais elevado padrão para inspirar e guiar todos os sistemas da vida terrena, que é inferior, efêmera e passageira, somado ao fato de que é um preventivo eficaz contra a ansiedade (Mt 6.25-34; Fp 4.6).

Outra questão fundamental a ser considerada é que as Escrituras apresentam-nos um cenário de luta espiritual, que exige o emprego de armas espirituais: “porque não temos que lutar contra carne e sangue, mas, sim, contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais” (Ef 6.12). A descrição paulina demonstra a possibilidade de uma série de combates que o cristão pode enfrentar, internos e externos, dentre os quais estão os ataques do Inimigo à nossa mente.

São múltiplas e terríveis as possibilidades de o cristão ser atacado com pensamentos perturbadores,<sup>1</sup> fazendo com que tenha que resistir firme para não ser vencido nesse “dia mal”, que pode ter duração de tempo indeterminado (6.13). Na verdade, eles também podem ser originados em nossa própria natureza carnal, caída e rebelde em relação a Deus. Em função disso, precisamos tomar toda a armadura de Deus, que inclui, sobretudo, o escudo da fé e o capacete da salvação, com o qual podemos apagar todos

---

<sup>1</sup>Judith S. Beck (2022, p. 207) refere-se aos pensamentos automáticos disfuncionais, que distorcem a realidade, estão associados a uma reação emocional e/ou fisiológica inútil, originam um comportamento inútil ou interferem no sentimento de bem-estar da pessoa e na sua habilidade de atingir os seus objetivos. Existem também os pensamentos intrusivos, que são pensamentos indesejados, sendo alguns altamente perturbadores. Costumam produzir cenários macabros e tenebrosos na mente, por vezes relacionados a iniquidades. Estão entre os grandes desafios aos quais os cristãos estão sujeitos na sua jornada rumo ao Céu.

os dardos inflamados do maligno (6.14-17). Não resta dúvida, portanto, que pensar nas coisas que são de cima deve ser uma conduta constante do cristão, o que o previne de ataques rasteiros do maligno, os quais, quando ocorrerem, possam ser vencidos na força do poder de Deus, em quem o crente deve estar fortalecido (6.10).

### **3. Recursos espirituais**

Jesus foi submetido a grandes tentações direta e pessoalmente pelo Diabo depois de quarenta dias jejuando e orando (Lc 4.1-13). O que se verifica em comum em todas as fases da tentação de Cristo foi o recurso que Ele usou para vencê-las: as Escrituras. A Palavra de Deus produz fé e profunda convicção em nosso espírito, trazendo esclarecimento e firmeza para a alma. Para que possamos ter nossa mente cheia da revelação divina, precisamos ler a Bíblia e ouvir a exposição do texto sagrado. Esse é um recurso extraordinário para a produção de bons pensamentos, inspirados em verdades eternas. É uma disciplina que traz profunda edificação e firmeza espiritual (Sl 37.31; 119.33,93). Meditar é refletir, pensar de maneira detida, o que exige o emprego da vontade (a decisão, o querer) (Sl 119.131). Produz sentimentos elevados (amor, alegria e paz pelas verdades apreendidas) (119.97), abundante sabedoria e correta direção (Sl 119.98-102).

### **4. Jerusalém e Betânia**

Além dos recursos espirituais, precisamos compreender que nossa mente também é influenciada por fatores orgânicos, físicos e ambientais. Por isso, os cuidados com a saúde mental incluem a observância de uma rotina saudável, mediante a exposição a experiências que não agredam a mente, mas sejam agradáveis. Acentua-se cada vez mais a incidência da chamada Síndrome do Pensamento Acelerado (SPA) diante do estilo de vida moderno, principalmente depois da invasão das telas. Uma torrente de informações de todos os lados produz uma atividade cognitiva intensa — ainda que superficial e produtora de baixo nível de conhecimento. Não são mais apenas as fontes profissionais de informação (os meios de comunicação de massa). Bilhões de pessoas querem ser portadoras de notícias, sejam estas verdadeiras ou falsas, enchendo a mente coletiva global de conteúdo e mais conteúdo. As redes sociais estão entulhadas de textos, imagens, áudios e vídeos. Isso tem contribuído seguramente para promover mais agitação mental, ansiedade, irritabilidade, dificuldade de concentração, fadiga, insônia, dores de cabeça, dores musculares, problemas de memória e outras incômodas consequências.

A vida sempre teve os seus centros de agitação em todas as épocas. Seja qual for a circunstância, Jesus ensina-nos a importância de descansar o corpo e a mente. Ele mesmo tinha o costume recolher-se a lugares tranquilos, principalmente para dedicar-se à oração, mas também para buscar refúgio físico e mental (Mt 14.23; Mc 6.31,32). O Mestre tinha o cuidado de deixar Jerusalém em momentos estratégicos e caminhar até a pequena aldeia de Betânia para fugir da agitação. Com Ele aprendemos, portanto, que há o tempo de Jerusalém, mas há também o tempo de Betânia (Mt 21.17; Jo 12.1,2). Ativismo religioso não é espiritualidade cristã sadia.

### **III – A BATALHA NA ARENA DOS PENSAMENTOS**

#### **1. Influências espirituais**

Já abordamos os desafios que a mente do cristão geralmente enfrenta nos conflitos com o tentador quando falamos da gestão dos pensamentos. Essa constatação evita que simplifiquemos o processo de controle dos pensamentos e muito menos neguemos o aspecto espiritual dessa batalha travada na arena dos pensamentos, como fazem alguns cristãos naturalistas, que chegam a negar que haja mesmo esse conflito com principados e potestades do mal e dominadores espirituais deste mundo tenebroso. São cristãos que rejeitam a linguagem bíblica, que descreve a vida espiritual e os seus conflitos (FOULKES, 1983, p. 142). Além de crermos em tudo o que a Bíblia diz, não poucos cristãos sabem, por experiência própria, que a mente é um campo de batalhas sujeita a intensos combates, verdadeiros bombardeios, inclusive espirituais. Como afirma Leslie Parrott (2013, p. 77),

As maiores batalhas não foram travadas nas praias da Normandia nem nas plantações de arroz do sudeste da Ásia, mas na mente humana. A sua mente não é apenas o maior campo de batalha da sua vida, como também é a maior e mais poderosa arma que você empunha nos grandes riscos por uma vida realizada. A mente fraca, que perdeu a batalha por bons pensamentos e ideias poderosas, se contenta com uma vida que sofre de atrofia, tédio e utilidade limitada; ao passo que a mente forte vence o ataque de mesquinharia, pensamentos ressentidos e opiniões egocêntricas. A vida realizada começa na mente.

É em função disso que a Bíblia adverte-nos de que devemos guardar nosso coração (ou mente), porque o que pensamos tem grande potencial de influenciar nossos sentimentos, desejos e decisões: “Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o teu coração, porque dele procedem as saídas da vida”

(Pv 4.23). Na versão NTLH, está escrito: “Tenha cuidado com o que você pensa, pois a sua vida é dirigida pelos seus pensamentos”. Judas e Ananias são exemplos de personagens bíblicos que deixaram Satanás influenciar os seus pensamentos e fazer “ninhos” na mente. Ambos tiveram fins trágicos (Mt 27.3-5; Jo 13.2,27; At 5.1-5).

## 2. Cuidados práticos

Para encontrar quietude e paz na alma, num viver equilibrado, o cristão deve adotar algumas atitudes no processo de proteção da sua mente, como já enfatizamos. Elaine Cruz (*ibid.*, p. 285) afirma que devemos construir muros de proteção mental, que equivale a guardar o coração mencionado por Salomão. Essa guarda da mente depende de como interagimos com o mundo externo, bem como das influências espirituais que recebemos, pois estas podem gerar emoções boas ou ruins e moldar nosso comportamento. Devemos ser cuidadosos com a maneira como nos expomos a pessoas que queiram produzir perturbações em nossa mente. Relacionamentos conflituosos costumam ser fatores indutores de profundas crises mentais. Contendas verbais poluem a mente, produzindo pensamentos aflitivos ou perturbadores (Pv 12.18; 15.4,18; 21.19): “Evitar contendas é sinal de honra; apenas o insensato insiste em brigar” (Pv 20.3, NVT). Devemos procurar nutrir relacionamentos saudáveis.

No aspecto espiritual, nossa comunhão com o Espírito Santo é fundamental, pois é Ele quem se comunica com nosso espírito que somos filhos de Deus (Rm 8.16). Isso traz paz ao coração, produzindo pensamentos e sentimentos saudáveis. É como no processo de justificação: pensamentos e sentimentos unem-se e produzem um estado de regozijo; a fluência da paz com Deus: “Sendo, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus por nosso Senhor Jesus Cristo” (Rm 5.1).

Podemos, por fim, relacionar as seguintes medidas práticas de proteção da mente à disposição do cristão: (1) não nutrit pensamentos distorcidos de si mesmo, que produzem complexos de inferioridade ou superioridade (2 Co 10.13); (2) purificar a mente dos maus pensamentos e vigiar contra a mentira e todo tipo de engano (Tg 4.8). Jacó sofreu por mais de vinte anos pensando que o seu filho José estava morto (Gn 37.31-35; 45.26-28; 46.30); (3) livrar-se da intoxicação — o excesso de informações (principalmente das redes sociais) que produz fadiga, exaustão e ansiedade; (4) focar a mente no que edifica ou no que, pelo menos, instrui (1 Co 10.23); (5) construir relacionamentos saudáveis. Fugir de contendas verbais geram

pensamentos aflitivos e perturbam a mente; (6) deixa-se ser transformado por Deus “pela renovação da mente” (Rm 12.2, NAA). Isso nos coloca em sintonia com a vontade divina.

## **Conclusão**

Não são poucos os prejuízos experimentados pelo ser humano em toda a história por causa dos maus pensamentos, que têm o potencial de produzir sentimentos ruins e podem levar-nos a decisões e práticas pecaminosas de gravíssimas consequências. Quem já não viveu a experiência de agir com base em maus pensamentos e arrependeu-se depois? Como cristãos, não podemos ficar conformados com a agitação deste mundo. Precisamos seguir o que nos ensinam as Sagradas Escrituras: nada que nos inquieta deve ficar fora de nossas orações e súplicas diante de Deus, a fim de que nosso coração seja cheio de paz e nossa mente flua em pensamentos bons, puros, verdadeiros, honestos, cheios de virtude e louvor: “[...] e o Deus de paz será [conosco]” (Fp 4.9).

## CAPÍTULO 8

# Emoções e Sentimentos — A Batalha do Equilíbrio Interior

### INTRODUÇÃO

O texto de Filipenses 4.7 traz, no original, os termos gregos *nous* (mente, raciocínio), *kardia* (coração) e *noema* (um pensamento, aquilo que é pensado). Nesse texto específico, o termo *kardia* tem um sentido amplo, mas com uma ênfase maior em emoções e vontade, conforme assinalam Coenen e Brown citando Rudolf Bultmann: “É, portanto, a pessoa, o ego do homem, que pensa, sente e deseja, com especial atenção à responsabilidade diante de Deus, que o NT denota mediante o emprego de *kardia*” (2000, p. 426).

O ensino de Paulo nesse texto é de como Deus quer e pode guardar todas as nossas fontes de vida interior para que tenhamos uma vida equilibrada, manifestada por meio de uma nova natureza, gerada em Cristo Jesus. É a nova criatura mencionada em 2 Coríntios 5.17. Nessas “coisas velhas”, estão incluídos pensamentos, sentimentos e vontades, os quais agora devem ser novos em Cristo. Esse deve ser o alvo de todo o cristão.

### I – O HOMEM, UM SER AFETIVO

#### 1. Propósitos do estudo

Como já ressaltado, o propósito central do estudo da Antropologia Bíblica é uma compreensão correta do homem como um ser integral para um viver equilibrado (espírito, alma e corpo) à luz da Palavra de Deus. Isso inclui entender o que são emoções e sentimentos e como podem e devem ser compatibilizados entre si. A luta interna em torno dos pensamentos está relacionada à gestão das emoções e sentimentos, pela profunda conexão que há entre o que pensamos e o que sentimos, além da relação desses fenômenos

com a vontade e as decisões humanas. Pensar, sentir, desejar e agir. Nada em nós pode estar fora do propósito de amar a Deus, servi-lo e adorá-lo (Sl 103.1; Mc 12.30).

No capítulo anterior, estudamos sobre os pensamentos e como eles podem influenciar nossos sentimentos, nossa vontade e, consequentemente, nossas decisões. Observamos que há, sim, uma forte correlação entre essas faculdades da alma em processos complexos, nem sempre iguais. Neste capítulo, abordaremos a parte afetiva do ser humano buscando definir e diferenciar emoções e sentimentos e compreender a sua importância na experiência humano-espiritual. Apresentaremos uma visão bíblica com aplicações práticas para um viver diário saudável e equilibrado, guiado pelo Espírito Santo.

### ***O ciclo entre pensar, sentir e agir***

Da mesma forma como pensamentos podem influenciar sentimentos, o que sentimos tem ressonância no que pensamos e fazemos. Assim como há uma batalha na mente em função dos pensamentos, há uma luta interior em torno do que sentimos. Equilibrar razão e emoção não é uma tarefa fácil. Quanto mais compreendemos que esses processos existem e são altamente influenciadores de nossas condutas, mais devemos depender de Deus, acima de qualquer método ou técnica, pois somente Ele é poderoso para guardar todas as faculdades de nosso interior.

A falta de equilíbrio interior tem produzido um crescente processo de adoecimento mental em todo o mundo, inclusive no Brasil. Como já mencionamos, esse fenômeno é acompanhado do surgimento de diagnósticos excessivos, além de um consumo desproporcional e preocupante de medicamentos para o tratamento de problemas emocionais, principalmente ansiolíticos e antidepressivos. O psiquiatra norte-americano Allen Frances, que liderou a equipe de profissionais responsáveis pela elaboração do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais DSM-IV, expõe a inflação diagnóstica que viu retratada na versão seguinte do manual (o DSM-V). Frances aponta numerosas causas para essa distorção, algumas delas inerentes à própria psiquiatria, que, segundo ele, apontam para a necessidade de uma cura que venha de dentro da profissão (*ibid.*, p. 105).<sup>1</sup>

Isso deve servir de alerta para todas as pessoas e, principalmente, para os cristãos. Nosso propósito aqui é apresentar uma análise equilibrada do problema, recomendando cuidados pessoais necessários, principalmente espirituais. Isso inclui um correto entendimento do que sejam as emoções

---

<sup>1</sup> Frances cita Aldous Huxley, que afirma: “A pesquisa médica avançou de tal forma que quase não restaram pessoas saudáveis”.

e os sentimentos, qual a conexão existente entre o que pensamos e o que sentimos e qual a relação desses fenômenos com a vontade e as decisões humanas. Não nos esqueçamos de que a vontade de Deus é que tenhamos essas faculdades em pleno funcionamento para que possamos amá-lo com o emprego de todas elas (ver Mc 12.30).

## **2. Afetividade: emoções e sentimentos**

O termo “afetividade” não tem um conceito único ou fechado. Não aparece muito em uso atualmente com o sentido geral que aqui será invocado, que é expressar o conjunto de sentimentos humanos. Heidbreder (1981, p. 123) entende os afetos (que chama de afecções) como elementos característicos da emoção, manifestados em experiências como o amor e o ódio, a alegria e a tristeza, o que outros autores conceituam incluindo expressamente os sentimentos. Ele ainda diz que as afeições possuem três atributos: qualidade, intensidade e duração (ibid. p. 124), o que é bastante relevante especialmente quando tratarmos da diferença entre emoção e sentimento.

Em um conceito simplificado, afetividade é a capacidade humana de expressar emoções e sentimentos. São processos psicológicos e fisiológicos e envolvem alma e corpo, além do próprio espírito, como se observa na expressão de Salomão em Provérbios 15.13, na qual o termo “coração” refere-se à totalidade do intelecto, da emoção e da vontade de uma pessoa (STAMPS, 2022, p. 1048): “O coração alegre aformoseia o rosto, mas, pela dor do coração, o espírito se abate” (Pv 15.13).<sup>2</sup>

### ***Diferenciando emoção e sentimento***

Tomando afetividade como um conjunto de vivências ou aspectos afetivos, podemos situar neles as emoções e os sentimentos.<sup>3</sup> Como diferenciação básica, pode-se afirmar que emoções são reações instintivas, predominantemente inconscientes e passageiras, enquanto os sentimentos são vivências afetivas mais duradouras. (É exatamente por isso que é comum situar as paixões entre as emoções ou simplesmente tratar as paixões como emoções,

<sup>2</sup> Como já afirmamos no Capítulo 1, o sentido bíblico mais corrente da palavra “coração” na Bíblia é “alma”, a sede de nosso intelecto, sentimentos (e emoções) e vontade. Como assinala Donald Stamps (2022, p. 1048), “Quando a Bíblia fala sobre o ‘coração’, não está se referindo ao órgão físico que bombeia o sangue para todo o corpo. O ‘coração’, conforme a Bíblia usa o termo, pode representar a totalidade do intelecto, da emoção e da vontade de uma pessoa”.

<sup>3</sup> Alguns estudiosos fazem uma diferenciação maior, apresentando cinco aspectos afetivos: humor, emoções, sentimentos, afetos e paixões. Trataremos apenas das emoções e dos sentimentos, englobando nelas reflexos das demais afeições. Autores como Daniel Goleman, por exemplo, tratam emoções e paixões como sinônimas (2012, p. 30,31).

dado o caráter de instintividade e curta durabilidade). Já os sentimentos só são formados e aferidos a partir do critério temporal, da estabilidade da emoção. Como um prolongamento ou repetição de emoções, o sentimento é uma percepção consciente de um determinado estado emocional. A diferença principal, portanto, está na estabilidade do afeto. Enquanto a emoção é rápida e fugaz — geralmente não evitável —, o sentimento permanece por algum tempo, alguns por longo tempo ou até pela vida toda!<sup>4</sup>

### **3. Principais afetos**

Alegria, medo, raiva, surpresa, nojo e tristeza são as seis emoções básicas universais, comumente citadas por autores conhecidos, como Paul Ekman no seu livro *Linguagem das Emoções* (2011). Admitindo que tanto cientistas quanto leigos ainda saibam muito pouco a respeito das emoções, Ekman analisa que “está na natureza das próprias emoções sobre como elas nos influenciam e como é possível reconhecer seus sinais, em nós mesmos e nos outros” (p. 14). Ekman também trata do aspecto passageiro das emoções:

As emoções podem começar rapidamente, e isso ocorre muitas vezes; tão rápido que nossa consciência não participa ou testemunha o que ativa uma emoção em nossa mente em determinado momento. Essa velocidade pode salvar nossas vidas em uma emergência, mas também pode arruiná-las quando reagimos de forma exagerada. Não temos muito controle a respeito do que nos deixa emocionados, mas é possível, embora não seja fácil, fazer algumas mudanças naquilo que ativa nossas emoções e em nosso comportamento quando nos emocionamos.

Isso demonstra, desde logo, o quanto devemos estar dedicados não tanto a tentar explicar nossas emoções, mas buscar em Deus força espiritual para não sermos vítimas delas. Mesmo não sendo bem compreendidas, as emoções fazem parte de nossa vida diária. Certamente as sentimos nas mais distintas experiências cotidianas. É necessário, portanto, que prestemos mais atenção às emoções pelo tanto que somos influenciados por elas, inclusive em nossas condutas.

#### ***Exemplos bíblicos***

A primeira emoção expressamente retratada na Bíblia foi a reação de Adão ao acordar e contemplar Eva. Foi uma expressão de alegria (ver Gn

<sup>4</sup>É possível que alguém experimente uma tristeza, por exemplo, por longos anos da vida, como ocorreu com Jacó, em função da notícia que recebeu (ainda que falsa) da morte do seu filho (Gn 47.9).

2.23). Não sabemos por quanto tempo, mas essa emoção sobreviveu como um sentimento igualmente prazeroso pela feliz convivência cheia de cumplicidade que Adão e Eva tiveram. O texto de Gênesis 2.25 diz que “ambos estavam nus, o homem e a mulher; e não se envergonhavam”, o que significa que não havia emoção negativa alguma entre Adão e Eva. Pode-se imaginar a alegria que o casal tinha na santa contemplação mútua que faziam!

Esse ambiente de emoções e sentimentos, todos positivos, durou até o pecado entrar na história. Depois do pecado, o casal passou a viver emoções e sentimentos negativos, como vergonha e medo. Dentre as reações externas imediatas, estão a percepção da nudez, o cobrir o corpo e o esconder de Deus (Gn 3.7-10). Tristeza e dor passaram a ser sentimentos constantes na vida do primeiro casal, a começar pelas sentenças resultantes da rebeldia praticada (Gn 3.16-18). A trágica cena descrita em Gênesis 3.23,24 — Deus lançando Adão e Eva para fora do jardim — certamente foi carregada de profunda frustração e angústia. O termo hebraico *garash* tem o sentido de expelir, expulsar, como visto na NVI e na NVT.

#### **4. Inveja, ira e ódio**

O rol de emoções negativas cresceu com a tragédia envolvendo Caim e o seu irmão Abel. Em Caim, é vista a emoção da ira, transformada em ódio ao irmão, que ficou estampado no seu rosto (Gn 4.5). Pelo texto, fica claro que houve na emoção as características de intensidade e duração, dois dos atributos mencionados por Heidbreder como próprios das emoções (*op.cit.*). Trata-se, ademais, de um claro exemplo de reação fisiológica (Gn 4.6), que é a resposta do corpo a uma emoção.

As reações fisiológicas produzidas pelas emoções podem ser as mais diversas, dentre as quais o aumento da frequência cardíaca, respiração acelerada, transpiração, boca seca, pupilas dilatadas, mãos e pés frios, náuseas, diarreia e tensão muscular. Ekman (*ibid.*, p. 36,37) analisa esse momento de manifestação da emoção no corpo tendo como exemplo a iminência de um acidente de trânsito:

No momento em que uma emoção começa, ela se apodera de você nos primeiros milésimos de segundo, comandando o que você faz, diz e pensa. Sem escolher fazer isso, você vira o volante automaticamente para evitar a colisão, pressionando o pedal do freio com o pé. Ao mesmo tempo, uma expressão de medo atravessa seu rosto: sobrancelhas levantadas e unidas, olhos arregalados e boca esticada para trás, na direção das orelhas. O coração começa a bater aceleradamente, você começa a transpirar e o sangue corre para os

grandes músculos das pernas. Observe que você teria feito aquela expressão facial mesmo se não houvesse ninguém sentado no carro, da mesma forma que seu coração bateria mais rápido se você não se envolvesse em algum esforço físico repentino, exigindo maior circulação sanguínea. Essas respostas acontecem porque, ao longo de nossa evolução, se tornou útil para os outros saber quando sentimos perigo e, também, estar preparado para fugir em ocasiões assim.

No caso de Caim, a origem das suas emoções negativas era a sua própria conduta. O apóstolo João afirma que as obras de Caim “eram más, e as de seu irmão, justas” (1 Jo 3.12). Com isso, houve aceitação da oferta de Abel, e não da dele, Caim, o que o fez ficar irado. A ira de Caim, portanto, era decorrente do seu próprio estado pecaminoso, o que é bem relevante considerar. Não poucas hipóteses de emoções negativas são fruto de pecados praticados ou enraizados no coração. De qualquer sorte, toda a origem do mal manifesto na vida humana vem do pecado, a Queda ocorrida no Éden, além do agravamento em função de nossas próprias condutas más.

Ainda sobre o exemplo de Caim, é importante observar que, mesmo com o sentimento ruim instalado e agravado na sua alma, ele tinha a possibilidade de desviar-se do curso para o qual o seu perverso intento apontava. Mesmo advertido por Deus (Gn 4.7), Caim permitiu que a emoção fosse transformada num sentimento de ódio e matou o próprio irmão (4.8). Ele passou a viver outros sentimentos negativos, como culpa e medo, que o acompanhariam por toda a vida (4.10-14).

## **II – EMOÇÕES: EXPERIÊNCIA E CONTROLE**

### **1. Reação e decisão**

É correto afirmar que, como reações instintivas, muitas emoções acontecem fora do controle humano. Em casos assim, não constituem um pecado em si mesmas. Mas cabe-nos decidir como agir diante de uma reação emocional. Uma coisa é a emoção, e outra coisa é a decisão. A frase paulina “Irai-vos e não pequeis” (Ef 4.26) demonstra essa verdade, separando bem emoção (“irai-vos”) e decisão (“não pequeis”). Paulo aconselha os efésios a que controlem a ira e não deixem ser dominados por ela. Permanecer irado é dar lugar ao Diabo e abrir caminho para terríveis pecados (4.27). A ira, portanto, é uma experiência emocional que deve ser repelida e jamais cultivada. Aliás, o versículo termina com a expressão “não se ponha o sol sobre a vossa ira”, que trata do fator cronológico ou temporal: a ira não deve durar muito tempo; nem até o fim do dia. Na NVT, o texto é: “Acalmem a ira antes que sol se ponha”.

Esse fator está ligado ao que vimos tratando acerca da transformação da emoção em sentimento. À medida que a ira é alimentada, deixa de ser uma emoção e vira um sentimento, que, quanto mais dura, mais pensamentos e desejos ruins produz, servindo de ocasião para o Diabo, como adverte Paulo no versículo 27: “Não deis lugar ao diabo”.

### ***A mortificação da carne***

No versículo 31 do mesmo capítulo de Efésios, Paulo diz para livrarmo-nos de toda amargura, ira e cólera. Assim, admite-se a ira como emoção, mas não como sentimento. O verdadeiro cristão não pode viver irado, e só é possível alcançar isso pelo processo de mortificação da natureza carnal. Em Colossenses 3.5, Paulo diz: “Mortificai, pois, os vossos membros que estão sobre a terra” e, no versículo 8 do mesmo capítulo, cita, dentre outras obras da carne, as emoções da ira e da cólera, que são indignação e raiva. A NTLH traduz como raiva, paixão e sentimentos de ódio. *Thumos*, no grego, é uma “raiva ardente”. Indignar-se é “estar muito bravo” (VINE, p. 709). Nota-se, portanto, que já não se trata apenas de uma emoção, mas um sentimento, e num estado emocional bem prolongado: estar muito bravo.

Em Romanos, Paulo também trata desse processo de mortificação da natureza carnal (ver Rm 8.13). Essa “mortificação” é um processo contínuo, em que o cristão deve avançar a cada dia. Justificar os próprios arroubos emocionais e permanecer neles é negar a eficácia da obra de Cristo (2 Co 5.17). Há os que colocam a culpa na natureza dos pais ou dos avós — “eles eram assim, e eu sou assim” — como se comportamentos pecaminosos fossem determinados por fatores genéticos. Se houve regeneração, houve um novo nascimento, que é o recebimento de uma nova natureza, uma natureza espiritual, gerada em Cristo em nós pelo Espírito Santo, mediante a Palavra recebida (1 Pe 1.23).

Não nos conformemos, portanto, com emoções e sentimentos ruins. Devemos crucificar nossa velha natureza com as suas tendências pecaminosas, inclusive as ligadas ao temperamento: “E os que são de Cristo crucificaram a carne com as suas paixões e concupiscências” (Gl 5.24). Assim fazendo, o Espírito produz em nós o seu glorioso fruto: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio (Gl 5.22).

### **2. Emoção e pecado**

No tópico anterior, já observamos que as emoções não podem ser tidas simplesmente como reações instintivas. Se é fato que existem reações que não constituem pecado — como o medo diante de uma fera, por exemplo

—, existem outras que, mesmo que instintivas, decorrem de nossa natureza pecaminosa ainda não subjugada. Medo, raiva, inveja, tristeza e outras emoções reiteradas podem ser expressões de pecados enraizados no coração. Uma pessoa orgulhosa, por exemplo, é muito suscetível a reações emocionais negativas como irritação, raiva, inveja, rejeição e outros comportamentos hostis às pessoas com as quais convive. Não é apenas uma emoção, mas uma manifestação de pecados do coração.

Alguém que não consegue conter-se no trânsito, por exemplo, precisa buscar em Deus um espírito de mansidão. Um personagem bíblico que tem muitas lições para ensinar-nos nesse campo é Moisés. Aos quarenta anos, ele feriu um egípcio e matou-o (Êx 2.12). Quarenta anos depois, era outro Moisés, chegando ao ponto de ser chamado de o homem mais manso da terra (Nm 12.3), pois não reagia mesmo afrontado muitas vezes. Moisés foi tratado por Deus durante quarenta anos.

Aos colossenses, Paulo trata de um processo semelhante. Depois de listar emoções negativas como a ira e a cólera e apontar o caminho da mortificação da carne (o velho homem), o apóstolo incentiva os crentes a progredirem e trocarem emoções negativas por emoções e sentimentos positivos (ver Cl 3.12,13). Não há lugar, portanto, para a permanência de qualquer emoção ou sentimento que seja expressão de pecado.

No dia em que Moisés descuidou-se e agiu segundo o seu velho temperamento, experimentou um incalculável prejuízo. Deus havia ordenado que ele falasse à rocha para que dela jorrasse água para o povo. Indignado, Moisés chamou o povo de rebelde e feriu a rocha. Moisés não se conteve e desobedeceu a ordem de Deus (Nm 20.10,11), e o anúncio da consequência foi imediato (20.12).

O Antigo Testamento também menciona o exemplo de Nabal, um homem soberbo, mal-humorado e ingrato (1 Sm 25.10,11). A sua insensatez custou-lhe a vida (25.36-38). Um coração altivo é muito propenso a emoções negativas e sentimentos facciosos (Pv 13.10; 21.24). Como Davi, devemos rogar a Deus que nos livre da soberba para que ela não nos domine e leve-nos a transgressões (Sl 19.13).

### **3. O aspecto positivo das emoções**

Apesar de experiências negativas que temos com algumas de nossas emoções, precisamos considerá-las também em aspectos e aplicações positivos. Como enfatiza Elaine Cruz (2024, p. 34), “As emoções nos motivam a agir. Só estudamos para um concurso se formos capazes de sentir orgulho

por nossas conquistas. Reclamamos de um produto entregue com defeito se sentirmos um mínimo de indignação por isso". A autora cita o exemplo de Davi, que se emocionou (sentiu indignação) ao ouvir Golias afrontar o povo de Israel, reação que foi importante para a sua prontidão de enfrentar o gigante. Menciona também a disposição de Davi à adoração: "Davi, o homem segundo o coração de Deus, não tinha vergonha ou medo de expressar suas emoções; ele as vivenciava com intensidade, dançando, lutando, cantando, compondo poemas e adorando a Deus!".

Uma emoção que geralmente é vista como negativa, mas que também pode ser positiva, é o medo. Quando sentimos medo, nosso cérebro inicia um processo instantâneo de descarga de adrenalina, hormônio que põe o corpo em imediato movimento, para luta ou fuga. Em casos assim, o medo funciona como um ativador de nosso mecanismo de defesa. O corpo ficaria inerte, sem ação e totalmente vulnerável sem essa emoção. Conforme afirma Paul Ekman (*ibid.*, p. 66), o medo é algo que nos protege porque nos faz reagir às ameaças de modo protetor e instantâneo, sem o pensamento. Ele cita como exemplo o pisar instintivo no freio como uma resposta ao medo de ser atingido por outro carro (p. 74). Foi tomado de uma justa indignação que Jesus expulsou os vendilhões do Templo (Mt 21.12).<sup>5</sup>

### *Memórias afetivas*

Alegria, felicidade e amor são emoções agradáveis, também fundamentais para a vida, principalmente em função de nossos relacionamentos. Dentre tantos outros benefícios que as emoções positivas trazem a nós, Elaine Cruz (p. 35) menciona o efeito que produzem relação ao processo de memorização dos fatos: "Emoções fazem bem para a memória, e sempre nos lembraremos com mais detalhes das situações que foram envolvidas com maior carga emocional". São as chamadas memórias afetivas, que podem ser despertadas e remeter-nos a experiências emocionais vividas. Cruz refere-se às memórias associativas, conceito que inclui as memórias afetivas:

Cada vez que você vivencia uma emoção forte, as células do seu cérebro desenvolvem uma conexão. Essa conexão vai ficando cada vez mais forte conforme você repete aquela emoção e vai ficando cada vez mais provável repetir aquela emoção porque você construiu uma conexão em seu cérebro. Isso é o resultado da aprendizagem, que garante que quanto

---

<sup>5</sup>Jesus expressou muitas outras emoções durante a sua vida e ministério: sentiu compaixão da multidão (Mt 9.36), chorou diante do cenário de tristeza pela morte de Lázaro (Jo 11.35,36), indignou-se e entristeceu-se pela dureza de coração dos fariseus (Mc 3.5).

mais potente for a emoção, maior seja a conexão. Quantas músicas e louvores, que ouvíamos com frequência em uma época da vida, nos fazem voltar no tempo, para quando estávamos muito felizes ou amargurados.<sup>6</sup>

Isso nos ensina o quanto é importante promover boas emoções nas pessoas com as quais convivemos. Isso fará bem a elas e a nós.<sup>7</sup> (Há uma passagem bíblica que geralmente cito, que é Gênesis 27.4. Isaque pediu a Esaú que lhe preparasse um guisado saboroso, como ele gostava, para que a sua alma fosse abençoada. A emoção positiva que seria sentida por Isaque teria uma conexão direta com a sua disposição de alma para abençoar o filho). Jacó, na sua velhice, recorda-se das tristezas que viveu por tenebrosas condutas dos seus filhos, como o caso de Rúben, memória que lhe custou a perda das prerrogativas de primogênito (ver Gn 49.4). Que Deus nos guarde de produzir emoções e sentimentos negativos nas pessoas com as quais nos relacionamos.

### **III – SENTIMENTOS GUARDADOS POR DEUS**

#### **1. A falsa autonomia humana**

A Bíblia apresenta várias passagens sobre a necessidade que temos de que Deus guarde nosso coração, o que inclui nossos sentimentos. No Salmo 121.7, o salmista roga que o Senhor guarde a sua alma. No Salmo 62.5, Davi expressa: “Ó minha alma, espera somente em Deus, porque dele vem a minha esperança”. No texto bíblico introdutório deste capítulo (Fp 4.7), Paulo menciona que o Deus de paz guarda nossos corações. Essa dependência, contudo, não é vista na maioria dos seres humanos. Como em tantas outras áreas da vida, no aspecto das emoções e dos sentimentos, o homem prefere acreditar na sua própria capacidade. O mercado está cheio de conteúdo sobre inteligência e gestão emocional. São diversas as técnicas com as quais se promete o reconhecimento, a compreensão e o controle não só das próprias emoções, mas também das dos outros. É uma espécie de novo racionalismo: a crença no poder da razão em relação aos sentimentos.

Um dos autores mais citados nessa área é Daniel Goleman, que, no seu mais conhecido livro, *Inteligência Emocional* (2012), fala sobre a importância de conhecermos as próprias emoções e as de terceiros e aprendermos a lidar

<sup>6</sup>O conceito de “memória associativa” trabalhado pela dra. Elaine Cruz é amplo, pois considera memória emocional de forma indistinta, ligada a emoções boas ou ruins (tristeza, medo, alegria etc.) (p. 35).

<sup>7</sup>A carta de Paulo aos filipenses é uma nítida expressão das boas lembranças do apóstolo em relação àquela igreja. As suas memórias afetivas em relação aos filipenses eram vividas inclusive enquanto orava por eles: “Dou graças ao meu Deus todas as vezes que me lembro de vós, fazendo, sempre com alegria, oração por vós em todas as minhas súplicas, pela vossa cooperação no evangelho desde o primeiro dia até agora” (Fp 1.3,4).

com elas. O autor defende a ideia de que é possível gerenciar as próprias emoções, assim como é possível reconhecer e influenciar as emoções dos outros. Ele menciona, por exemplo, que é necessário conhecer o que está por trás de um sentimento, como a mágoa que dispara a raiva, e aprender a lidar com ansiedades, ira e tristeza (p. 284). Não podemos negar o valor de uma reflexão cuidadosa sobre as emoções. O equilíbrio não nos admite desprezar métodos inteligentes de ajuda ao ser humano nesse tão complexo processo. Todavia, é falso e enganoso acreditar num fantástico controle absoluto que os “mestres” das emoções parecem prometer. Não raro eles mesmos se surpreendem com os seus próprios fracassos, na inglória empreitada de serem emocionalmente invencíveis (Jr 17,5,9).

O cristão tem como auxílio a presença do Espírito Santo, que, operando muito além da inteligência humana, age em nosso espírito e inunda nossa alma, produzindo o seu fruto, que inclui a temperança ou domínio próprio. Assim, mais do que inteligência emocional, precisamos ter esse controle espiritual. O termo grego para temperança é *enkratēia*. Conforme Vine (p. 1012), refere-se à operação do Espírito de Deus controlando nossa vontade, para que não ocorra abuso, como é a tendência do homem. Conforme o dicionarista explica, Deus concede várias capacidades ao homem, as quais são passíveis de abuso. O uso correto delas só acontece mediante o controle divino. Agindo em nós, o Espírito de Deus faz com que nossas emoções não tenham mal uso. Sem a ação divina controladora, o homem jamais consegue conter as suas emoções satisfatoriamente.

## 2. Obediência, humildade e oração

Um aspecto fundamental na vitória sobre nossas emoções é trilhar o caminho da obediência e da humildade. Não podemos esperar que nossas emoções sejam apenas positivas ou que estejam sempre alinhadas com a vontade de Deus. Todos estamos sujeitos a emoções negativas, inclusive com potencial de causar-nos grandes prejuízos. Por isso, jamais podemos ser guiados por nossas emoções ou sentimentos. Precisamos conhecer, acima de tudo, qual é a vontade de Deus e segui-la integralmente. O maior de todos os exemplos é o de Cristo, citado por Paulo em Filipenses, a mesma carta em que enuncia que o Deus de paz guarda nosso coração. O apóstolo exorta-nos a ter o mesmo sentimento que houve em Cristo Jesus, cuja vida foi marcada pela disposição de completa obediência ao Pai (Fp 2,5-8).

Jesus experimentou profundas emoções negativas no Getsêmani. Os evangelistas Mateus, Marcos e Lucas retratam a cena mencionando tristeza,

angústia, pavor e agonia; todas em grau intenso, ao ponto de o seu suor transformar-se em grandes gotas de sangue (Mt 26.37; Mc 14.33; Lc 22.44). Apesar de todo esse sofrimento, Jesus tomou a decisão correta: entregou-se para cumprir a vontade do Pai (ver Lc 22.42). Jesus não negou seus sentimentos. Expressou-os. Mas não escolheu segui-los. Decidiu obedecer. E foi obediente até a morte de cruz. Esta deve ser a nossa firme disposição: não viver de acordo com nossas emoções ou sentimentos, mas segundo a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.

## **CONCLUSÃO**

Não devemos confiar em nós mesmos, mas depender da graça divina, para que possamos vencer todas as batalhas, alcançar equilíbrio interior e não viver segundo nossas paixões. Se estivermos realmente dispostos a cumprir a vontade de Deus, Ele guardará nosso coração e também nos guiará para o seu eterno propósito.

## CAPÍTULO 9

# Vontade — O que Move o Ser Humano

### INTRODUÇÃO

Já estudamos duas das principais faculdades da alma: o intelecto (razão ou pensamentos) e a sensibilidade (os afetos ou sentimentos). Neste capítulo, estudaremos a terceira faculdade: a vontade (volição ou desejo). Vale enfatizar novamente que o homem é um ser que pensa, sente e deseja — e que, como resultado disso, age. Essas faculdades podem operar distinta e separadamente (sem conexão direta uma com a outra), mas também podem fazer parte de um mesmo fenômeno da experiência humana, o que é bastante comum. É necessário que entendamos como isso funciona à luz da Bíblia.

#### *O homem, um ser que deseja*

No seu clássico *Antropologia do Antigo Testamento*, Hans Walter Wolff enfatiza bastante o aspecto racional do ser humano (2007, p. 89), mas também apresenta uma longa análise do homem como um ser que deseja, que ele chama de “ser humano necessitado” (p. 33-56).<sup>1</sup> No seu texto, o autor apresenta um estudo do emprego do termo hebraico *nephesh* (alma) ao longo do Antigo Testamento, destacando que, em várias passagens, tem o significado de goela, boca ou garganta, como é o caso de Isaías 5.14, Habacuque 2.5, Salmos 107.5 e Eclesiastes 6.7. O que mais nos importa notar aqui é a relação da alma com a fonte dos desejos humanos. O último texto citado (Ec 6.7) é bem exemplificativo: “Todo trabalho do homem é para a sua [*nephesh*] boca, e, contudo, nunca se satisfaz a sua cobiça”. Os demais textos apresentam a

<sup>1</sup> Gordon Clark também dá muita ênfase ao aspecto humano racional, inclusive como sendo o principal sentido com o qual o termo “coração” é empregado na Bíblia, mas também admite que o significado de “vontade” está presente em diversas passagens bíblicas, mencionando que seja trinta por cento das referências (2022, p. 114).

alma do homem (ou figuras, como a própria sepultura em Isaías 5.14) com o sentido de fome ou sede. Nesses textos, *nephesh* sempre aparece como um órgão necessitado e que não alcança plena satisfação (WOLFF, p. 35).

Mais à frente, Wolff analisa textos que retratam a alma como uma garganta sequiosa, “que Javé restaura e sacia ‘como um jardim irrigado’” (Jr 31.12,25) (p. 36). Os versículos citados referem-se à restauração de Israel: “Hão de vir, e exultarão na altura de Sião, e correrão aos bens do SENHOR: o trigo, e o mosto, e o azeite, e os cordeiros, e os bezerros; e a sua alma será como um jardim regado, e nunca mais andarão tristes”; “Porque satisfaz a alma cansada, e toda a alma entristecida sacie”. Nota-se com clareza que a alma é a sede dos desejos que só podem ser realmente saciados por Deus. Do universo de figuras bíblicas, Wolff destaca elementos como água, mel, pão e ar (respiração), reforçando a garganta como representação da alma, “pois para os semitas o ato de comer, de beber e de respirar realizava-se na garganta; assim, ela era simplesmente a sede das necessidades elementares da vida” (p. 39). A partir dessa análise, podemos encontrar sinônimos para a volição humana, alguns deles citados pelo próprio Wolff: anseio, desejo, busca ou anelo (p. 41). Com base nisso, o autor elabora o que podemos chamar de um conceito para alma: o impulso da ânsia humana como sujeito do desejar (p. 42).

Talvez o texto bíblico que mais nos lembre essas figuras destacadas por Wolff seja o Salmo 42, em que o salmista é enfático quanto ao anelo da sua alma, usando principalmente a sede para expressar a sua necessidade ou desejo (vv. 1,2). O autor bíblico não poderia usar figura mais simbólica para descrever o estado da sua alma que a corça cansada, certamente perseguida, intensamente desejosa por encontrar água e saciar-se. É com esse panorama inicial que queremos situar nosso estudo da vontade humana, como força que nos move à ação. Se guiada por Deus, a vontade é uma bênção extraordinária, vital para nossa existência.

## I – VONTADE: MOTIVAÇÃO E AÇÃO

### 1. Conceito de vontade

A vontade é uma força interior dada por Deus e que põe o ser humano em movimento em todas as áreas da vida. Essa força foi corrompida com a Queda (assim como tudo o mais no homem), mas ainda se mostra vital para a existência humana. Num sentido geral, vontade ou volição pode ser conceituada como a capacidade humana de desejar, querer, almejar, escolher e agir. Analisando os termos gregos utilizados com o sentido de vontade na literatura secular antiga e na Bíblia (*boulomai* e *thelo*), Coenen e Brown

(2000, p. 2674-2683) extraem diversos significados: “ter vontade”, “desejar”, “querer”, “almejar”, “intenção”, “propósito”, “ter em vista”, “eleger”, “estar resoluto”, “decidir”. A diferença entre os dois termos seria que o primeiro tem um sentido mais racional, e o segundo, mais emocional: “Sugere-se que *boulomai* fosse originalmente mais a determinação que surge da consideração consciente, livre da emoção, um esforço, em contraste com o desejo mais emocionalmente orientado que é expresso por *ethelo*” (p. 2675). Referindo-se mais especificamente ao emprego de *boulomai* no Novo Testamento, os citados autores afirmam que o termo pode denotar a volição consciente como consequência da reflexão específica, uma decisão da vontade e que pressupõe a possibilidade de liberdade da decisão; que pode denotar uma vontade determinada pelas inclinações pessoais (p. 2676).

Da análise do emprego de *thelo*, Coenen e Brown destacam da literatura secular os sentidos de “estar pronto”, “preferir”, “estar inclinado”, “ter vontade”, “desejar”, “ter em mente”, “determinar”, “ter vontade de”, “intenção” e “desejo”. Quanto ao emprego do termo em relação ao homem frente à vontade de Deus na literatura paulina, os autores destacam o aspecto da regeneração, que é conformação da vontade humana à vontade divina, pela graça de Deus, de forma que “o crente já não fica em contradição com a vontade de Deus, Deus é quem age nele. O desejar e o realizar ficam sendo dádivas de Deus (Fp 2:13). Toda a volição e o comportamento humanos devem, portanto, realizar-se baseados na obediência a Deus, e de acordo com Sua vontade salvífica” (p. 2680).<sup>2</sup>

A vontade pode ser entendida também como motivação. Sem desejo ou vontade, não há motivação e, via de consequência, ação. Em um sentido geral, sempre agimos movidos por nossa vontade. Nesse conceito amplo, há manifestação da vontade mesmo quando o que fazemos não era originariamente nossa vontade, mas de outrem, se a ela aderirmos voluntariamente (Sl 143.10; Lc 22.42). A conversão é um exemplo de mudança na vontade humana, que se dá por meio do arrependimento (At 3.19). Como afirma Daniel B. Pecota (HORTON, 1996, p. 368): “Embora o arrependimento envolva as emoções e o intelecto, é a vontade que está mais profundamente envolvida”. Todo o verdadeiro cristão é alguém que, impulsionado pela graça de Deus, renunciou a sua própria vontade para fazer a vontade de Cristo (Mt 16.24). É o livre-arbítrio funcionando (Hb 2.3; 3.7-13; Ap 22.17).

---

<sup>2</sup> A obra da salvação atinge nosso ser por inteiro, incluindo nossa vontade, cuja transformação acontece conforme nos submetemos a Deus em obediência (Fp 2.12). Assim, passamos a viver segundo a vontade de Deus, e não a nossa (ver Fp 2.13)

Essa análise do conceito de vontade tem muita relevância na Doutrina da Salvação. Como nos ensina a *Declaração de Fé das Assembleias de Deus* (*ibid.*, p. 114,115):

Deus derrama sua graça, sem a qual o homem não pode entender as coisas espirituais, ou seja, foi Deus quem tomou a iniciativa na salvação, “*do SENHOR vem a salvação*” (Jn 2.9), agindo em favor das pessoas. Graça é um favor imerecido. É por meio da graça que Deus capacita o ser humano para que ele responda com fé ao chamado do evangelho: “*Mas, se é por graça, já não é pelas obras; de outra maneira, a graça já é graça*” (Rm 11.6). Todavia, os seres humanos, influenciados pela graça que a habilita a livre escolha, são livres para escolher, por isso a graça divina pode ser resistida: “*Se alguém quiser fazer a vontade dele, pela mesma doutrina, conhecerá se ela é de Deus ou se eu falo de mim mesmo*” (Jo 7.17). Deus proveu a salvação para todas as pessoas, mas essa salvação aplica-se somente àqueles que creem: “*isto é, a justiça de Deus pela fé em Jesus Cristo para todos e sobre todos os que creem*” (Rm 3.22). Nesse sentido, não há conflito entre a soberania de Deus e a liberdade humana.

## 2. Do pensamento à ação

Ao estudar o conceito de vontade, é imperativo considerar a relação que essa faculdade da alma tem com as demais (o pensamento e o sentimento). Um pensamento pode ser apenas um pensamento sem relação alguma com um sentimento ou um desejo. A relação entre pensamento e vontade pode ser ilustrada com o seguinte quadro: podemos pensar numa viagem que fizemos sem sentir nenhuma emoção. Mas podemos recordar com profunda nostalgia, desejando viajar novamente. E esse desejo pode motivar-nos a comprar as passagens e repetir a experiência. Em um caso assim, ocorre um fenômeno completo: pensamento, sentimento, desejo e ação. Esse ciclo ocorreu com Eva no Éden. Na sua conversa com a serpente, a mulher refletiu (pensou) sobre o significado do fruto da árvore da ciência do bem e do mal até ser enganada (1 Tm 2.14). Ao imaginar a suposta elevação que obteria (ver Gn 3.5) certamente sentiu alguma emoção (uma empolgação, talvez). O próximo passo foi a manifestação do desejo, que gerou a ação: tomou do fruto e comeu (3.6).

Assim, houve pensamento, emoção, vontade e ação (esta última é a exteriorização, pelo corpo, das faculdades e impulsos da alma).

### ***Sentimento e vontade***

Quanto à relação entre vontade e sentimento, não é incomum ocorrer a confusão entre essas duas faculdades. Um exemplo disso está relacionado com a fome. Às vezes afirmamos que estamos *sentindo vontade de comer*. Em princípio, a fome é apenas uma necessidade fisiológica, mas sabemos que banquetes não são preparados apenas por causa do estômago. Como vimos no início deste capítulo, os desejos humanos em geral têm relação com a alma, tanto que *nephesh* aparece, às vezes, na literatura hebraica com esse sentido. A linguagem bíblica é ampla e não fragmentada, como já abordamos. Assim, o conceito de desejo à luz da Bíblia não é apenas fisiologia — principalmente porque as Escrituras buscam descrever o ser humano na sua integralidade. Em relação à vontade, o apetite é um desejo que surge para que o ser humano satisfaça uma necessidade. (Veremos isso melhor no tópico II. subtópico 1, quando tratarmos da experiência do povo de Israel no deserto). Por que, então, às vezes tratamos essa vontade como um sentimento? Em alguns casos, isso é correto, já que a “vontade de comer” pode não ser real ou fisiológica, mas emocional. A ansiedade pode ser um fator desencadeador da “vontade de comer”, mesmo não havendo uma necessidade fisiológica real. A tristeza também pode estimular-nos à busca de alimento, na vã tentativa de superá-la. Em casos assim, sentimento e vontade confundem-se e relacionam-se com a própria fisiologia.

### **3. Fraqueza de vontade**

Enquanto Eva pecou por ter sido enganada, Adão pecou em consequência do que podemos chamar de fraqueza de vontade. Isso significa que o seu entendimento não foi alterado quanto à proibição e consequências relativas ao fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal. O problema de Adão deu-se na esfera da volição. Em vez de manter-se firme no seu propósito, decidiu pecar aderindo à vontade de Eva, que lhe deu o fruto (Gn 3.6; Rm 5.12). Isso nos adverte de situações nas quais tomamos decisões erradas mesmo conscientes das suas consequências. Um exemplo comum é quando violamos uma restrição alimentar (como tomar um refrigerante ou exagerar no açúcar, no sal ou na gordura) ao mesmo tempo que falamos dos seus malefícios! É o desejo acima da razão.

Os vícios são terríveis demonstrações do triste quadro de dominação dos desejos maléficos. O drama entre a razão e a vontade costuma produzir profundo desespero diante da total incapacidade de autocontrole a despeito da tentativa de racionalizar o comportamento. Só Jesus pode libertar o ser humano de suas terríveis inclinações pecaminosas, dominando sua vontade (Jo 8.36).

## II – DESEJOS: DA ESCRAVIDÃO À REDENÇÃO

### 1. A experiência do deserto

Ser escravo dos próprios desejos é uma das circunstâncias mais trágicas que o ser humano pode enfrentar. Isso, porém, não acontece senão após uma rebelde insistência do homem em agir frontalmente contra a vontade divina. Não raro essas atitudes revelam ingratidão, como aconteceu com o povo hebreu no deserto. O texto de Números 11.1-10 nos apresenta um povo cheio de fraquezas, que provocava a Moisés e a Deus com lembranças infantis, pela influência do vulgo (os não israelitas) que acompanharam Israel desde o Egito (Nm 11.4-6).

A *nephesh* dos hebreus recusava o maná que Deus havia-lhes enviado (Nm 11.7-9) e ansiava pelas comidas do Egito. Isso mostra mais uma vez a correlação entre a alma e os desejos do homem necessitado no seu aspecto fisiológico, além de apontar para a conexão da volição com a condição espiritual. Tudo neles conspirava contra a vontade de Deus. Numa condição emocional deplorável, o povo chorava como uma criança birrenta. O Senhor decidiu satisfazer-lhes os desejos, enviando-lhes carne até que ficassem enfatiados (Nm 11.18-20). É esse quadro que o salmista descreve: “Cedo, porém, se esqueceram das suas obras; não esperaram o seu conselho; mas deixaram-se levar da cobiça, no deserto, e tentaram a Deus na solidão. E ele satisfez-lhe o desejo, mas fez definhá-la sua alma” (Sl 106.13-15).

Esse episódio demonstra a condescendência de Deus com a vontade-própria humana e da sequela infeliz que isso causou, conforme observa Derek Kidner (1981, p. 397).<sup>3</sup> O texto mostra que Israel tornou-se escravo dos seus desejos. E não foi um mero desejo, mas um desejo insaciável (NVT), uma cobiça excessiva (BKJ). Encontramos o mesmo registro em Salmos 78.29-33. Donald Stamps (p. 999) comenta a ação divina em relação à insistência humana de apresentar os seus próprios desejos a despeito de contrários à vontade de Deus: “Quando insistimos em satisfazer os nossos desejos egoístas, às vezes Deus nos permite fazer as coisas à nossa maneira, mas também nos deixa sofrer as consequências físicas e espirituais”. É a condescendência de que fala Kidner.

Fica evidente o quanto a atitude soberba e impenitente do povo de Israel — que buscava impor os seus próprios desejos contra a vontade de Deus — causou prejuízos à sua alma, trazendo profunda tristeza e angústia.

---

<sup>3</sup> Deus abdicou voluntariamente a sua posição de autoridade para satisfazer os desejos do povo, a fim de ensinar-lhes uma dura e necessária lição: nossos desejos carnais causam-nos terríveis danos.

É possível imaginar como os poucos momentos de prazer (enquanto comiam carne) eram sucedidos por longos dias, meses e anos de lamentos. O culto aos desejos — naquela e em outras ocasiões — trouxe-lhes terríveis consequências: perecimento e morte no deserto. Como nos adverte Paulo, tudo isso foi escrito para aviso nosso, para que não nos deixemos levar por nossos próprios desejos (1 Co 10.1-13). A renúncia dos desejos é fundamental para uma vida espiritual saudável.

## 2. Os desejos na era cristã

O drama dos desejos humanos continua na era cristã com uma diferença fundamental: Cristo venceu o pecado e dá poder a nós para que também o vençamos (ver Rm 6.6). Mas, enquanto estamos neste corpo mortal, há um conflito espiritual constante. Todo cristão precisa decidir diariamente entre a sua vontade e a vontade do Espírito (Gl 5.17). A carne (*sark*, natureza pecaminosa) tem os seus próprios desejos, que são contrários ao Espírito. Vê-se, então, uma luta travada em nosso interior. Compete-nos decidir entre satisfazer os desejos da carne, que são pecaminosos, ou atender a voz do Espírito e viver segundo a sua direção (Gl 5.18).

Donald Stamps (p. 2073) aborda a questão das duas naturezas que coabitam no crente, explicando que a rejeição dos desejos carnais é, pela graça de Deus, um ato de vontade (uma escolha) da pessoa regenerada:

Embora os cristãos nascidos de novo tenham recebido a nova vida do Espírito de Deus, eles ainda retêm a natureza pecaminosa com as suas más inclinações e tendências de se rebelar contra Deus (Gl 5.16-21). Essa natureza pecaminosa jamais pode ser considerada boa; ela deve ser condenada à morte espiritual — ‘crucificada com Cristo’ (cf. Rm 6.6; Gl 2.20; 5.24) — e vencida com a ajuda e o poder do Espírito de Deus (Rm 8.13). Os seguidores de Cristo vencem a sua natureza humana negando-se a si mesmos diariamente (isto é, deixando de lado seus próprios desejos egoístas e escolhendo o caminho de Deus, Mt 16.24; Rm 8.12-13; Tt 2.12). Eles fazem uma escolha deliberada de eliminar de suas vidas tudo o que poderia comprometer seu relacionamento com Deus ou levá-los a desafiar ou desagravar a Ele [...].

Paulo expõe o seu drama pessoal entre a vontade do homem espiritual e a vontade do homem carnal, vendido sob o pecado: “Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem algum; e, com efeito, o querer

está em mim, mas não consigo realizar o bem” (Rm 7.18). Isso significa que a vontade do homem natural, não regenerado, não é suficiente para vencer a força do pecado. No versículo 22 do mesmo capítulo, o apóstolo refere-se ao homem espiritual, cuja vontade é inclinada para a vontade de Deus: “Porque, segundo o homem interior, tenho prazer na lei de Deus”. Na sequência, refere-se ao conflito que persiste entre as duas naturezas no cristão nascido de novo: “Mas vejo nos meus membros outra lei que batalha contra a lei do meu entendimento e me prende debaixo da lei do pecado que está nos meus membros” (7.24).

### **3. A decisão do homem redimido**

Como já enfatizado, a luta interior entre as inclinações da natureza pecaminosa e do espírito do homem regenerado exige do cristão uma tomada de decisão. Com a graça de Deus, é possível vencer a força do pecado e não ceder às paixões carnais, pois é a obra da salvação realizada por Cristo que nos liberta do poder do pecado. Diante dos desejos da carne e da vontade do Espírito, o homem espiritual recebe de Deus a graça para decidir pelas “coisas do Espírito” (Rm 8.5), como resultado da sua nova natureza em Cristo (Ef 4.24; 2 Co 5.17). Nossa papel é não nos conformar com os desejos da velha natureza, dedicando-nos, pelo poder do Espírito, ao processo de mortificação de nossa carne (Rm 8.11-13; Cl 3.5). Como já observado no comentário de Stamps, o novo nascimento não significa que nossos desejos pecaminosos deixarão de existir, mas que triunfaremos sobre eles vivendo, andando e frutificando no Espírito (Gl 5.22-25).<sup>4</sup>

Conforme o *Comentário do Novo Testamento Aplicação Pessoal* (p. 295),

Enquanto os crentes vivem neste mundo, enfrentam uma tensão constante entre o que a carne e o que o Espírito querem. Não devemos concluir, com base nas palavras de Paulo, que a nossa personalidade tem duas partes, nem que temos duas forças iguais e opostos lutando para assumir o controle. Em Cristo e no Espírito Santo, nós temos uma nova vida de ressurreição que é vitoriosa. O Espírito Santo em nós assegura a nossa total redenção e modificação futura. Embora tenhamos uma vida nova em Cristo, nós ainda temos uma mente e um corpo inclinados à rebeldia e seduzidos por desejos pecaminosos. Devemos resistir a estes desejos.

---

<sup>4</sup> Na Carta aos Coríntios, Paulo faz referência à possibilidade de o ser humano ter “poder sobre a sua própria vontade” quando se referiu ao estado de solteiro (1 Co 7.37).

### III – O ENSINO SOBRE OS DESEJOS EM TIAGO

#### 1. Atração e engano

O apóstolo Tiago certamente nos legou um dos textos mais claros e contundentes a respeito do processo de atração do pecado em decorrência dos maus desejos humanos: “A tentação vem de nossos próprios desejos, que nos seduzem e nos arrastam. Esses desejos dão à luz o pecado, e quando o pecado se desenvolve plenamente, gera a morte” (Tg 1.14,15, NVT). Em primeiro lugar, vemos que a tentação só tem efeito porque existem desejos pecaminosos. Em segundo lugar, há um processo que começa sutil, sedutor, e que se fortalece até o ponto de arrastar-nos. No texto, a faculdade da vontade é retratada como um elemento de comunicação interna com o ser humano, com capacidade de atraí-lo e enganá-lo. É, de fato, uma assustadora força interior que não pode ser subestimada; por isso, Paulo recomenda aos tessalonicenses e a nós para evitarmos tipo de mal (1 Ts 5.22).

Uma terceira observação está voltada ao fato de que não é possível racionalizar os desejos. Eles têm um terrível potencial de atrair e enganar. O termo grego para atrair em Tiago 1.14 é *deleazo*, que tem o sentido de “atrair por isca”,<sup>5</sup> o que demonstra sedução e engano, cuja consumação realiza-se pela força. Esse é o sentido de arrastar, presente em várias versões, como a NVI (“arrastado e seduzido”) e a NVT (“nos seduzem e nos arrastam”) — e tudo isso em relação aos desejos.

#### 2. Abortando o processo

Já estudamos sobre a importância de interromper maus pensamentos para evitar a prática de pecados. Agora analisaremos o texto de Tiago, no qual vemos quanto é necessário abortar os maus desejos. O pensamento, portanto, é uma fase anterior à vontade. Os desejos são ainda mais perigosos que os pensamentos, porque podem influenciar diretamente nossas decisões. O desejo é uma fase mais intensa. Ao encontrar o seu objeto ou alvo, se não for rejeitado, não descansará enquanto não nos convencer, derrubando as barreiras da consciência, produzindo a horrível consequência da morte espiritual.

A figura que Tiago usa no seu texto é de uma gestação: a união entre desejo e tentação, tentação e desejo inicia o processo que, se não abortado, dá à luz ao nefasto pecado: “Depois, havendo a concupiscência concebido, dá à luz o pecado; e este, sendo consumado, gera a morte” (Tg 1.15). Não podemos deixar que o desejo desenvolva-se (cresça) ao ponto de tornar-se

---

<sup>5</sup> Do grego *delear*: é isca.

um pecado praticado. Toda vontade pecaminosa deve ser rejeitada enquanto ainda está em nosso coração.

Que o Senhor nos livre de toda tentação, enquanto cuidamos de nossa parte, que é viver em constante vigilância e oração (Mt 26.41).

## CONCLUSÃO

Direcionamos nossa reflexão para o aspecto negativo dos desejos, mas não podemos pensar na vontade apenas como ruim ou prejudicial. Na verdade, a volição, como faculdade da alma, é essencial para a existência humana. O que precisamos é identificar se os desejos são bons ou ruins em cada circunstância. Em um sentido geral, a vontade é vista, em situações práticas, como “desejar”, “querer”, “almejar”, “intenção”, “propósito”, “ter em vista”, “eleger”, “estar resoluto”, “decidir”, “estar pronto”, “preferir”, “estar inclinado”, “ter em mente”, “determinar”, “intenção” etc. São impulsos fundamentais tanto para a realização de tarefas cotidianas quanto para projetos de toda a vida.

Quando guiada por Deus, a vontade é uma extraordinária bênção, pois é ela que nos move para pequenas e grandes realizações. Uma pessoa sem vontade perde o sentido da existência. Uma das características da depressão é a perda de vontade, do interesse ou prazer em realizar as coisas mais simples da vida. Como é bom amanhecer motivado todos os dias! O ânimo e o entusiasmo fazem parte de uma vontade sadia e ativa. Quem nos deu foi Deus, e ambos servem para impulsionar-nos para novos projetos, independentemente da fase da vida. É Deus quem renova nosso ânimo a cada manhã e que nos dá sonhos (planos e projetos) para todo o tempo da vida que Ele planejou para nós. Cabe a nós buscarmos a vontade divina e vivê-la em santo temor (Sl 92.12-14; Jl 2.28; Tg 4.15).

# CAPÍTULO 10

## Espírito — O Âmago da Vida Humana

### INTRODUÇÃO

Depois de estudar a alma e as suas faculdades, estudaremos o espírito, a principal entidade ou elemento constitutivo do homem; a parte imaterial através da qual estabelecemos nossa comunhão com Deus. O espírito é a fonte da vida recebida do Criador que usa e transmite essa vida à alma, que, por sua vez, a expressa por meio do corpo utilizando os sentidos físicos, que funcionam como portas de comunicação da alma com o mundo exterior (GILBERTO, p. 12). Eurico Bergstén (1999, p. 132) compara o espírito a uma janela aberta para o céu, que dá ao homem condições de sentir a presença de Deus. Por isso entende-se que o espírito é o âmago, a parte mais profunda e íntima do ser humano, entranhado com a alma e inseparável dela.

### I – O SOPRO DIVINO: A CONCESSÃO DO ESPÍRITO

#### 1. O fôlego da vida

O espírito não é o fôlego de vida, mas foi dado no momento do sopro divino, quando o homem foi feito alma vivente (Gn 2.7). Antes era apenas matéria em estado de inércia; o corpo formado do pó. Enquanto todos os demais seres vivos passaram a existir por meio de ordens verbais — “produzam as águas”; “produza a terra” (Gn 1.20,24) —, o homem recebeu vida por uma comunicação especial: o elemento espiritual soprado por Deus. Esse processo literal demonstra a singularidade da formação do ser humano, feito à imagem de Deus. A parte material recebeu vida espiritual consciente, constituída de espírito e alma.

#### 2. A singularidade do espírito

Pelo relato de Gênesis, entendemos que a preocupação divina não foi descrever a criação em detalhes, incluindo o homem. A linguagem bíblica

simplesmente apresenta o Todo-Poderoso agindo sem a intenção de atender especulações ontológicas do ser humano, principalmente o racionalismo cartesiano. Além de pertencer à soberania de Deus, essa decisão está perfeitamente alinhada ao fato de que o homem jamais consegue explicar os feitos divinos, por mais que especule. A apreensão e compreensão do sobrenatural só pode ocorrer por meio da fé para a Revelação ser completa e suficiente.

Embora o texto bíblico mais apresente o homem como unidade, tanto o Antigo quanto o Novo Testamento têm informações suficientes da distinção entre os elementos material e imaterial, e, quanto a este segundo aspecto, a diferença entre as substâncias da alma e do espírito. Zacarias 12.1 diz que Deus “forma o espírito do homem dentro dele”. Jó faz referência ao corpo (representado pela boca), ao espírito e à alma: “Por isso, não reprimirei a minha boca; falarei da angústia do meu espírito; queixar-me-ei na amargura da minha alma” (Jó 7.11). Há, também, o conhecido texto de Eclesiastes 12.7: “e o pó volte à terra, como o era, e o espírito volte a Deus, que o deu”. Nele, a referência a espírito (*ruah*) é representativa dos dois elementos imateriais, como acontece em outras passagens (Gn 45.27; 1 Sm 30.12; Sl 146.4). O retorno do espírito para Deus ocorre junto com a alma, consciente das ações humanas, boas ou más (Lc 16.22-25; Ap 20.4).

Da mesma sorte, em diversas passagens, *nephesh* (alma) é tomada pelo todo imaterial (Gn 35.18; 1 Rs 17.21). Em tais textos, alma e espírito aparecem como expressões intercambiáveis, denotando “vida”, “força”, “ânimo”. Há também o emprego de alma ou carne para representar o ser humano por inteiro (Gn 46.26; Sl 145.21). É a parte representando o todo. As Escrituras utilizam uma linguagem cotidiana, e não de rigorismo científico, pois a Revelação busca alcançar todas as pessoas de todas as culturas e épocas (Sl 119.130,165; 1 Co 2.1-5). A literatura bíblica não pretende satisfazer o orgulho dos “sábios e instruídos” deste mundo (Mt 11.25).

### **3. A tênué divisão**

Na literatura neotestamentária, dois textos sempre se destacam no estudo da tricotomia. O primeiro é o já citado 1 Tessalonicenses 5.23. A referência paulina ao espírito, à alma e ao corpo demonstram que espírito e alma são substâncias distintas. Os que objetam a esse entendimento argumentam que Paulo não pretendia dividir o homem em três partes, mas apenas enfatizar a plenitude da santificação (HOEKEMA, p. 230) ou que o apóstolo apenas quis dizer “completamente” (CARSON, 2009, p. 1931). Essa visão revela mais uma adesão pessoal ao dicotomismo que uma refutação bíblico-exegética

consistente, principalmente diante de tantos outros textos que mencionam alma e espírito com nítida distinção.

Como analisa Howard Marshall (1984, p. 193),

O modo mais fácil de interpretar o versículo [1 Ts 5.23] é como uma descrição da natureza humana como constituído de três partes. E acrescenta: [...] Paulo aqui distingue três aspectos da personalidade do cristão, sua vida em relação com Deus através da parte “espiritual” da sua natureza, da sua personalidade ou “alma”, e do corpo humano mediante o qual age e se expressa. [...] Paulo as alista juntas aqui para enfatizar que é realmente a pessoa inteira que é o objeto da salvação.

No segundo texto (Hb 4.12), as Escrituras referem-se à tênue divisão que há entre os dois componentes imateriais e identifica-se como um lugar de acesso possível somente à Palavra de Deus. É o ponto mais íntimo de nosso ser, onde alma e espírito estão entrecedidos. O que se tem, então, é que, apesar das discussões teológicas em torno da composição tríplice (espírito, alma e corpo), as Escrituras Sagradas fazem claras referências às três partes, distinguindo-as. Donald Guthrie (1984, p. 112) vê no texto de Hebreus 4.12 não apenas uma divisão entre alma e espírito, mas uma divisão das próprias substâncias distintas:

Embora tenha sido sugerido que a divisão é entre a alma (*psyche*) e o espírito (*pneuma*), parece melhor supor que a penetração é tanto dentro da alma bem como do espírito, i.e., sua ação ressalta a verdadeira natureza dos dois. Neste caso, a Palavra seria vista penetrando na pessoa como um todo, tanto alma quanto espírito. Se a primeira interpretação for adotada, significará que a penetração era tão eficiente que chegava à linha divisória, notoriamente obscura, entre a alma e o espírito.

Guthrie reforça o entendimento relativo ao funcionamento de alma e espírito dentro da visão tricotómica, afirmando: “O uso neotestamentário de *pneuma* focaliza o aspecto espiritual do homem, i.e., sua vida em relação a Deus, ao passo que *psyche* refere-se à vida em relação a si mesmo, às suas emoções e ao seu pensamento. Há uma forte antítese entre os dois na teologia de Paulo”.

## **II – ESPÍRITO, PECADO E SANTIFICAÇÃO**

### **1. Pecados do espírito**

As Escrituras geralmente apresentam um conceito geral de pecado, principalmente porque a transgressão é um ato da pessoa como um todo, e as suas consequências afetam todo o ser. Contudo, é possível extraír também referências específicas em relação a pecados que envolvem diretamente: o corpo, como a

prostituição; a alma, como os maus pensamentos; e o espírito, como o orgulho, a soberba, a vanglória, a arrogância e a inveja (Pv 16.18; 1 Tm 3.6). Citando o exemplo de Davi, o pastor Antonio Gilberto (2021, p. 347) afirma que “os pecados do espírito são as vezes piores que os pecados da carne”, explicando: “Davi cometeu pecados da carne terríveis, a ponto de dizer ao ser repreendido pelo profeta Natã: ‘Pequei contra o SENHOR’ (2 Sm 12.13; Sl 51). Mas o pecado do espírito que ele cometeu foi pior, levando-o a confessar: ‘Gravemente pequei’ (1 Cr 21.8). ‘Toda iniquidade é pecado’ (1 Jo 5.17)”.

Gilberto apresenta uma lista de pecados do espírito que inclui, além dos já citados no parágrafo anterior, a ganância, a cobiça, a ira, a amargura, o mau humor, o ciúme doentio, a hipocrisia, a leviandade, a irreverência com o que é sagrado, a mentira, o egoísmo, o roubar a Deus, a quebra do Dia do Senhor, o mau testemunho, a desonestidade, a negligência na oração e quanto à Bíblia e o relaxamento com a obra de Deus. Pela lista apresentada pelo teólogo pentecostal, observa-se que vários dos pecados atribuídos ao espírito também estão diretamente relacionados ou à alma ou ao corpo.

A opinião de Severino Pedro é um pouco distinta. Baseando-se em 2 Timóteo 3.2-5, o autor sugere que avareza, presunção, soberba, desobediência, ingratidão, calúnia, traição e orgulho são pecados da alma e que os pecados mencionados em Marcos 7.21-23 seriam do espírito: maus pensamentos, adultérios, prostituições, homicídios, furtos, avareza, maldições, enganos, dissolução, inveja, blasfêmia, soberba, loucura (2012, p. 139). Observa-se, contudo, que há repetições nas próprias listas, demonstrando o quanto são complexas tais classificações. Talvez possamos considerar como pecados do espírito apenas os que, em princípio, não estejam diretamente relacionados com as faculdades da alma e, naturalmente, com os membros do corpo, e que, mais provavelmente, estejam alojados no espírito, como o orgulho, a soberba, a presunção, o ciúme e a incredulidade. Agostinho de Hipona (354–430 d.C.) considerava o orgulho o maior de todos os pecados. Apontava-o como o causador da sua separação de Deus e o motivo da sua cegueira espiritual (2019, p. 122).

Os pecados do espírito podem estar relacionados com o fato de estarem localizados na parte mais profunda do ser humano. Por não serem os mais perceptíveis, não raro ficam ocultos e causam terríveis males. Além de prejudicar os seus autores, afetam e destroem muitos relacionamentos (Tg 3.13-16).

## **2. Raízes do pecado**

Os pecados do espírito são raízes malignas profundas, das quais brotam expressões pecaminosas por meio da alma e do corpo, como iras, disputas

e maledicências. Estas, embora comumente sejam reflexos de pecados do espírito, são, em geral, classificadas simplesmente como defeitos de personalidade. Assim, não são tratadas pelos meios espirituais próprios e permanecem encrustadas produzindo os seus nefastos e amargos frutos. De fato, uma compreensão parcial e pouco profunda do que realmente seja o pecado pode impedir-nos de alcançar estágios mais elevados de libertação espiritual e santificação. O texto de 1 Tessalonicenses 5.23 ajuda-nos nessa reflexão.

Ao referir-se à santificação do espírito, da alma e do corpo, Paulo expõe um processo de santificação que não se contenta com o exterior. Pelo contrário! Começa no âmago de nosso ser, no espírito, onde estão escondidas nossas mais profundas motivações. Não há espaço para o legalismo ou farisaísmo nesse ensino paulino, que reflete a doutrina bem enfatizada por Cristo em relação aos fariseus, que se orgulhavam das suas práticas exteriores. As suas crenças distorcidas levaram o Mestre a confrontá-los, mostrando como publicanos — que eram os “grandes” pecadores para os judeus — estavam tendo atitudes mais justas. Numa das ocasiões, Jesus expôs essa verdade por meio da parábola do fariseu e do publicano. O fariseu confiava nas suas práticas exteriores, como o jejum e os dízimos, enquanto o publicano apresentou-se contrito, rogando misericórdia (Lc 18.9-13). Jesus, então, esclarece: “Digovos que este [o publicano] desceu justificado para sua casa, e não aquele [o fariseu]; porque qualquer que a si mesmo se exalta será humilhado, e qualquer que a si mesmo se humilha será exaltado” (Lc 18.14).

O grande erro dos judeus religiosos era confiar em práticas exteriores. Cristo expõe os fundamentos da verdadeira santificação, que necessariamente deve começar do interior, pois, do contrário, não tem eficácia (Mt 23.26). O ensino de Paulo está em consonância com esse princípio, que enfatiza a santificação total, que, iniciada no espírito, deve atingir o ser humano por inteiro. A ordem apresentada por ele em 1 Tessalonicenses 5.23 — espírito, alma e corpo — não é aleatória. Enquanto o ato de criação deu-se do corpo ao espírito (Gn 2.7), a Redenção acontece do espírito ao corpo (Rm 8.23; 1 Pe 1.23). Sem Cristo, estávamos espiritualmente mortos em ofensas e pecados (Ef 2.1). É na parte imaterial, que a Bíblia geralmente chama de “coração”, que o pecado fica enraizado (Mt 15.19). O escritor aos Hebreus menciona a “raiz de amargura”, que, brotando, pode perturbar e contaminar a muitos (Hb 12.15). Donald Stamps (2022, p. 2325) entende essa “raiz de amargura” como “uma atitude de profundo ressentimento no coração que continua a crescer trazendo consequências para outras pessoas”. Diz ainda que pode tratar de uma atitude de ressentimento amargo para com a disciplina de Deus em vez da humilde submissão aos seus planos para nossa vida, o que se encaixa bem em pecados do espírito, como presunção, soberba e incredulidade.

É importante observar que a raiz de amargura brota em consequência do abandono da graça de Deus, que nada mais é do que o orgulho humano no mais alto grau, na falsa crença de suficiência. Por tudo isso, a verdadeira santificação é gerada no interior do ser humano e expressa-se em toda a sua maneira de viver (Ez 36.26,27; Rm 8.10-13; Gl 5.22). A falta dessa compreensão leva ao legalismo, além de representar grave distorção da Doutrina da Graça pela confiança nas próprias obras (Mt 23.25-28; Ef 2.8-10).

### **3. Vencendo o pecado**

A força do pecado enraizado em nosso interior só é vencida quando deixamos de confiar em nós mesmos e dependemos inteiramente da graça de Deus e do seu poder salvador e santificador (Rm 6.14; Hb 10.10). Como ensina Paulo, “a lei do Espírito de vida, em Cristo Jesus, nos livrou da lei do pecado e da morte” (Rm 8.2). O que era impossível pela força humana torna-se possível mediante o poder divino operante em nós (Rm 8.3,4). Diante dessa realidade espiritual — o pecado como força que reina em nossa natureza carnal —, práticas legalistas são um caminho de verdadeira tragédia e de não frutificação para o cristão, ante a confiança na própria força, e não no poder do Espírito.

As disciplinas espirituais são importantes ferramentas no processo de santificação (mortificação da natureza carnal). Contudo, só são válidas se usadas como um meio de humilhação e dependência de Deus, no modelo de Cristo (Fp 2.3-8). Uma pura e correta motivação do coração é essencial para uma vida cristã saudável e frutífera (Fp 2.3-8). A confiança nas próprias obras leva à arrogância, um pecado do espírito pior que muitas práticas exteriores e que sequer deveria ser nominado entre nós (ver Tg 4.6).

Uma religião que se concentra no exterior produz um entendimento de fiscalização do Evangelho, levando a práticas pessoais e coletivas belicosas, como disputas ascéticas, doutrinárias e até contendas públicas, tanto políticas quanto ideológicas, feitas “em nome de Cristo”. Tudo isso é sinal de que ainda não se comprehendeu o que é o verdadeiro cristianismo, pois “ao servo do Senhor não convém contender” (2 Tm 2.24-26). O caminho recomendado ao cristão é a vigilância pessoal e uma contínua busca de purificação (ver 2 Co 7.1).

## **III – REGENERAÇÃO E ADORAÇÃO**

### **1. O Novo Nascimento**

Não há como obter vitória sobre o pecado sem a obra sobrenatural do novo nascimento. Morta em ofensas e pecados, a pessoa que crê em Cristo é

vivificada; recebe uma nova vida espiritual realizada pelo Espírito de Deus no espírito humano (Jo 3.5-8; Ef 2.1-6). Esse processo não é meramente mental, não podendo ser compreendido senão por meio do Espírito. Nicodemos, no seu padrão religioso, não entendeu que Jesus falava com ele sobre essa obra divina, mantendo um pensamento meramente natural (ver Jo 3.4).

É, portanto, fundamental para que haja o processo de santificação plena, iniciado no espírito humano. É a ação divina de desprender o espírito do homem dos tentáculos do pecado, quebrantando a sua alma e conduzindo o corpo a uma vida de santidade e pureza (Rm 2.29; 12.1,2).

## **2. Em espírito e em verdade**

Assim como Nicodemos, a mulher samaritana também compreendia a obra regeneradora operada por Deus no espírito humano. Jesus apresentou-se a ela como a fonte da água viva, e ela respondeu-lhe apresentando a impossibilidade que Ele teria de tirar água do poço que pertencera a Jacó (Jo 4.10-12). Mesmo quando o viu como um profeta, a mulher apontou para o fator físico que marcava as disputas entre os seus ancestrais e o povo judeu (Jo 4.20). Só a obra sobrenatural do novo nascimento tira-nos dos limites de uma compreensão religiosa meramente humana, levando-nos a viver a experiência de desfrutar a presença de Deus em nós. É uma presença viva, constante e renovadora, que nos estimula a cada dia, gerando em nós um espírito de adoração conforme a vontade divina revelada nas Escrituras.

O sentido da expressão “em espírito e em verdade”, de João 4.24, é exatamente este, da profundidade e da correção da prática da adoração. Conforme o *Comentário do Novo Testamento Aplicação Pessoal* (p. 510) explica:

A expressão “em espírito” se refere ao espírito humano, isto é, o ser interior e imaterial que existe em cada pessoa, a entidade soprada por Deus que corresponde à própria natureza de Deus, que é Espírito. Usando os temas do diálogo de Jesus, a adoração envolve a consciência daquela “fonte de água viva” individual que Deus plantou dentro de cada um. Deus habita dentro de cada crente; este é o lugar onde ocorre a verdadeira adoração.

[...]

A expressão “em verdade” significa “de forma verdadeira” ou “auténtica”. Isso quer dizer que todas as pessoas, judeus, samaritanos e até gentios, precisam adorar a Deus reconhecendo o seu caráter e natureza, assim como a necessidade da sua presença. Adoramos em verdade porque estamos adorando o que é verdadeiro.

A prática da religião sem o Espírito de Deus agindo no espírito humano é meramente carnal e nela prevalece o controle do homem. Os gálatas viveram a experiência de começar no Espírito e bandear-se para a carne (Gl 3.3), submetendo-se aos mestres judeus que exigiam a circuncisão pelos seus meros caprichos (6.12). Em situações ainda piores estão as religiões que promovem disputas violentas, baseadas em crenças relativas a coisas e lugares, e o islamismo é a principal delas.

### **3. Um espírito quebrantado**

O verdadeiro cristianismo bíblico é autêntico e espiritual. É a religião do Espírito. Nele, as práticas externas são realizadas em sintonia com a doutrina bíblica da liberdade cristã. Visam glorificar a Deus e não nos tornar “merecedores” de salvação. Seja no aspecto individual, seja nas liturgias públicas, o que realmente conta é a posição espiritual, o propósito do coração, e não adereços materiais.

Os pentecostais entendem que a verdadeira adoração nasce de um espírito quebrantado, sem pretensão de louvor ou glória humana. As experiências por meio dos dons espirituais são valiosas e sem qualquer propósito de espetacularização. Além do mais, nossas reuniões públicas são importantes e necessárias, mas não podemos negligenciar nossos momentos a sós com Deus, nos quais temos a oportunidade de aprofundar nossa comunhão com Ele, fortalecendo nosso espírito, o âmago de nosso ser.

## **CONCLUSÃO**

Compreender o homem na sua tríplice constituição permite-nos vê-lo como um ser físico, mental e espiritual, em cuja dimensão realiza-se a sua comunhão com Deus. Essa dimensão é bem retratada nas Escrituras, principalmente nos ensinos de Paulo, ao tratar do homem espiritual. Esse, aliás, é o aspecto central da fé cristã, pois tem a ver com a experiência inicial da Salvação, que é a regeneração, o novo nascimento. Com uma nova vida no espírito, o cristão progride no seu caminho de comunhão com o Salvador, não vivendo mais apenas como um ser natural, mas, agora, também espiritual.

No próximo capítulo, estudaremos sobre o espírito humano e as disciplinas espirituais, práticas do viver cristão fundamentais para o progresso da nova vida em Cristo.

## CAPÍTULO 11

# O Espírito Humano e as Disciplinas Cristãs

### INTRODUÇÃO

Paulo era um obreiro experimentado. Forjado em muitos combates espirituais. Já na fase final do seu ministério, constituiu novos pastores para a continuidade da missão de proclamação do evangelho e implantação de igrejas. Timóteo, um jovem e fiel companheiro do velho apóstolo, recebeu dele uma difícil missão: pastorear a igreja de Éfeso, ameaçada por heresias internas e externas, como Paulo havia avisado (At 20.28-30). Só espiritualmente fortalecido Timóteo poderia enfrentar e vencer esse desafio. Paulo, então, dá um conselho ao jovem: “exercita-te a ti mesmo em piedade” (1 Tm 4.7).

O conselho de Paulo a Timóteo é aplicável a todos os cristãos. Assim como precisamos de exercícios físicos para nossa estrutura óssea e muscular, dependemos de disciplinas espirituais para o fortalecimento de nosso espírito. As pessoas em geral estão se dedicando cada vez mais às disciplinas do corpo. Isso tem o seu valor, mas como ficam as disciplinas espirituais? Têm sido mantidas, ampliadas ou reduzidas? Esse é o assunto deste capítulo, cujo estudo faremos dentro do conceito de piedade trabalhado por Paulo.

### I – A PIEDADE E AS DISCIPLINAS CRISTÃS

#### 1. Exercício corporal e piedade

Paulo preocupava-se tanto com o bem-estar integral de Timóteo que, na mesma carta em que trata da piedade recomenda ao jovem pastor que cuide da sua saúde física (1 Tm 5.23). No próprio texto de 1 Timóteo 4.8, não há desprezo ao corpo, mas um paralelo sensato e correto entre o exercício corporal e a piedade. Os estudiosos mais consultados são unâimes

em considerar que o apóstolo não está desconsiderando de forma absoluta o valor do exercício corporal, mas, sim, demonstrando o caráter terreno do seu valor, enquanto a piedade produz efeitos para a eternidade.

O corpo deve ser templo de Deus e, portanto, deve ser usado para a sua glória e também como um instrumento para o serviço divino. J. Glenn Gould (2020, p. 482) afirma não haver justificativa para presumir que Paulo esteja desaprovando a ideia do bem-estar físico. Contudo, enfatiza que “tornar o cultivo de um físico sarado o alvo principal do homem era totalmente estranho à escala de valores de Paulo”.

De fato, a expressão paulina em 4.8 — “o exercício corporal par apouco aproveita, mas a piedade para tudo é proveitosa” — é bastante clara sobre a superioridade do valor das disciplinas espirituais em relação às quais o apóstolo enfatiza o proveito nesta vida e na vida futura. Quanto ao cuidado do corpo, embora não saibamos se Paulo tinha ou não práticas de exercícios especificamente voltadas para a sua saúde corporal, a própria natureza do seu ministério fazia dele um homem extremamente ativo em longas, constantes e desafiadoras viagens, assim como aconteceu com Jesus e os seus discípulos (Mt 9.35; 2 Co 11.26). Para todos os efeitos, o apóstolo enfatiza a sobre-excelência da piedade, em cujo conceito estão as disciplinas cristãs, os exercícios espirituais. Enquanto os exercícios corporais têm algum valor apenas para esta vida, a piedade traz benefícios nesta vida e na eternidade.

## **2. Piedade interna e externa**

Do grego *eusebia* (*eu*, bom, e *sebomai*, ser devoto), a palavra piedade tem amplo sentido espiritual e prático. Trata-se de um conjunto de atitudes que expressam temor, respeito, reverência e amor a Deus. Tais condutas estão ligadas a fatores internos e externos. Em alguns textos, o termo aparece associado a deveres religiosos em conjunto com atos de caridade, como no caso de Cornélio, que Lucas identifica como um homem “piedoso e temente a Deus, com toda a sua casa, o qual fazia muitas esmolas ao povo e, de contínuo, orava a Deus”. Não há, de fato, como conceber piedade sem amor ao próximo. Não se pode, contudo, resumir piedade a atos de caridade.

Na carta de Paulo a Timóteo, o contexto em que a expressão aparece permite-nos compreender que o apóstolo refere-se principalmente a disciplinas espirituais, já que traça um paralelo com o exercício corporal. Ademais, no versículo 7 do capítulo 4, usa o verbo *exercitar*: “[...] exercita-te a ti mesmo em piedade”. A NTLH, que é uma versão dinâmica, traduz como “exercícios espirituais”.

Compreendendo *piedade* com esse sentido no texto em questão, podemos considerar, então, a importância das disciplinas espirituais para a vida cristã, mas com a ênfase correta. O jejum, a oração, a leitura das Escrituras e quaisquer outras práticas religiosas devem ser realizadas como um meio, e não um fim em si mesmas. Ênfases exageradas no valor dessas expressões corporais produzem um entendimento limitado e incorreto do que seja a piedade como importante virtude espiritual. Isso foi visto em alguns momentos da história, principalmente no catolicismo dos tempos medievais. Antes já havia sido o grande erro dos escribas e fariseus, que faziam longas orações, dizimavam e amavam cumprir publicamente os seus deveres religiosos, mas interiormente estavam cheios de hipocrisia e de maldade (Mt 23.5-7;14-23,28). A verdadeira piedade engloba as disciplinas espirituais externas, como a oração, o jejum e a leitura da Bíblia, mas sempre relacionadas a uma vida de sincera e profunda devoção a Deus, procurando agradá-lo em tudo, e isso inclui um viver justo e misericordioso com o próximo (Mt 23.23; Cl 3.23; Tg 2.14-17).

### 3. Piedade e discrição

Uma das primeiras preocupações de Jesus no seu ministério foi ensinar aos seus discípulos o caráter eminentemente espiritual do Reino de Deus: “Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos céus” (Mt 5.3). Citando Alan Hugh McNeile, A. T. Robertson (2017, p. 67) afirma que a expressão “pobres de espírito” diz respeito aos piedosos em Israel, a maior parte pobre, a quem os ricos irreligiosos menosprezavam e perseguiam, e que Reino dos céus significa o reinado de Deus no coração e na vida do crente, o que mais importa. R. V. G. Tasker (1980, p. 49) entende a expressão “pobres de espírito” como uma referência aos que reconhecem de coração ser “pobres” no sentido de não poderem realizar nenhum bem sem assistência divina e, também, que não têm nenhum poder em si mesmos que os ajude a fazer o que Deus requer deles. Tasker complementa: “O reino dos céus a estes pertence, pois deste reino os orgulhosos por sua autossuficiência são inevitavelmente excluídos”.

Fica bem evidenciado que a verdadeira piedade é uma prática espiritual, humilde e profunda, que nasce no espírito e tem expressão mediante a alma e o corpo, já que se encarna na vida. Para que sejam autênticas e agradáveis diante de Deus, as disciplinas espirituais não podem ter qualquer sentido ou propósito exibicionista. Jesus advertiu os seus discípulos a que fossem discretos quando orassem e jejuassem. Não deveriam fazer como os hipócritas, que gostavam de orar de pé nas sinagogas e nas esquinas das ruas

para todo mundo ver. E, quando jejuavam, procuravam parecer abatidos e desarrumados para serem notados pelos outros. (Mt 6,5;6;16). Nota-se que, quanto ao jejum, não é um simples evitar parecer estar jejuando, mas ações concretas para que não pareça: “quando jejuares, unge a cabeça e lava o rosto, para não pareceres aos homens que jejua” (6,17,18).

Se a atitude correta é de absoluta discrição, agindo para não transparecer a prática da disciplina espiritual, o que dizer dos que proclamam os seus jejuns, inclusive nas redes sociais? Também não é correto justificar a abstinência a alimentos com a ostensiva informação de estar jejuando. Como Jesus enfatizou, se buscarmos glória humana, nossa recompensa será resumida a um reconhecimento efêmero, sem valor algum diante de Deus. O anúncio do jejum só convém ser feito quando a sua prática for coletiva. Ainda assim, de preferência apenas entre as pessoas envolvidas com o propósito (Et 4,16).

## **II – O DESAFIO DAS DISCIPLINAS ESPIRITUAIS**

### **1. A analogia do corpo**

Não é fácil manter uma rotina de exercícios físicos, principalmente em dias tão agitados, de tantas ocupações.

As tecnologias tiraram do homem práticas comuns que lhe possibilitavam movimentos corporais e não lhe deram em troca o tempo que prometeram para o seu lazer, o que inclui a prática de exercícios físicos. Na verdade, alterou-se o sentido de lazer, tornando a vida ainda mais cansativa.

Numa sociedade assim — sempre exausta e inquieta —, é cada vez mais desafiante manter uma rotina de exercícios físicos, e, quanto menos se exercita, menos se quer exercitar, e, quanto mais tempo parado, pior fica. A retomada costuma ser um processo doloroso e geralmente impõe limitações, impedindo que se alcance um estado ideal de mobilidade. O quadro desanimador retratado por Nienkirchen, de sociedades agitadas e cansadas, tem reflexo na vida espiritual. É muito comum aos cristãos atuais apontarem a dificuldade de reservar tempo para as disciplinas espirituais, dado o grande número de ocupações do dia a dia.

Além do efetivo trabalho, o ativismo religioso e as longas horas perdidas nas redes sociais juntam-se para produzir enfado e canseira física e mental, reduzindo o tempo das práticas necessárias ao espírito. E o quadro crítico fica cada vez mais intenso! Quanto menos oramos, jejuamos e lemos a Bíblia, menos queremos fazê-lo. Com isso, a vida espiritual fica cada vez mais enfraquecida. Da mesma forma como acontece com o corpo, a mobilidade espiritual vai diminuindo. Os movimentos tornam-se mais lentos e curtos. Há risco de atrofia

e paralisia. O escritor aos Hebreus adverte: “Portanto, levantem as suas mãos cansadas, e fortaleçam os seus joelhos enfraquecidos” (Hb 12.12, NTLH). A linguagem é metafórica, mas a fraqueza do espírito é tão profunda que, às vezes, é sentida no corpo. Precisamos reagir! (Jl 3.10; 1 Co 16.13)

## **2. Apatia, engano e pecado**

Que não seja tomada como uma visão pessimista essa constatação de redução das práticas espirituais — nem como crítica, mas uma respeitosa autocritica. Devemos refletir sobre nossa realidade. A redução da prática da oração, do jejum e da meditação nas Escrituras reflete diretamente em nossa comunhão com Deus, pois são os meios pelos quais nos aproximados dEle, consagramo-nos e enchemo-nos da sua presença. Com uma menor agência do Espírito Santo, diminui-se o fervor espiritual e perde-se discernimento e sensibilidade em relação às coisas celestiais. Há um enfraquecimento na fé. As crenças profundamente bíblicas, antes consolidadas, aos poucos se tornam superficiais até serem substituídas por “filosofias e vãs sutilezas” (Cl 2.8), que normalizam o que antes era pecado (1 Jo 3.7,8). Cristãos e igrejas vão sendo dominados pelo secularismo e por ideologias de perversão, bem como conduzidos por princípios e valores do presente século (Lc 18.8; 2 Pe 2.1-3).

É urgente uma humilde e profunda reflexão sobre o estado de nossas disciplinas espirituais pessoais e congregacionais, a fim de que sejamos crentes e igrejas mais vigorosos, capazes de impactar o mundo como nos tempos primitivos, e não na visão secular tão em voga em nossos dias (At 4.31; 5.11-16; 8.6-8).

## **3. Da teoria à prática**

Muito mais do que teoria, as disciplinas espirituais devem ser praticadas por todo cristão. Na sua carta a Timóteo, Paulo refere-se diversas vezes sobre esse aspecto essencialmente prático dos deveres espirituais. No capítulo 2, ele fala abundantemente sobre a oração como disciplina prioritária tanto individual quanto coletiva e pública. A expressão “antes de tudo” em 1 Tm 2.1 mostra a prioridade da prática. A referência a “deprecações, orações, intercessões e ações de graças” revela a diversidade em que as orações devem ser feitas. Quanto à amplitude, Paulo menciona que deve ser “por todos os homens, pelos reis e por todos os que estão ememinência”. Ou seja, a oração não está sujeita a nossos limites. O caráter coletivo e público é reforçado no versículo 8: “Quero, pois, que os homens orem em todo o lugar, levantando mãos santas, sem ira nem contenda”. Verifica-se outro aspecto bem prático

da piedade nos versículos 13 e 15 do capítulo 4, voltados para o estudo e o ensino das Escrituras. Timóteo deveria persistir em ler, exortar e ensinar (v. 13). Já há, portanto, a combinação da prática da oração e do estudo bíblico.

No aspecto individual, todo cristão precisa esforçar-se para, com a graça de Deus, reservar um tempo no início do dia para oração e meditação nas Escrituras e, sempre que possível, repetir a disciplina ao longo do dia, ainda que em momentos curtos. Já de noite, concluídas as tarefas cotidianas, voltar à leitura da Bíblia e à oração. Além disso, é necessário que haja a prática de jejuns, conforme a saúde possibilitar. Jesus e os apóstolos deram-nos muitos exemplos quanto à importância de jejuar (Mt 4.2; At 10.9,10; 13.2,3; 14.23; 2 Co 11.27). O cristão não pode descuidar-se também dos seus deveres congregacionais: manter uma frequência regular aos cultos, com especial dedicação às reuniões de oração e consagração, e ser aluno assíduo da Escola Dominical, que também é uma disciplina espiritual essencial. O bom costume de ir ao templo todas as manhãs de domingo para estudar a Palavra de Deus fortalece toda a família. Ter um local e um horário para reunir-se já é em si uma importante disciplina. De forma complementar, devemos alimentar nosso espírito e alma com hinos sacros e literaturas que ediquem nossa fé e tragam a nós instrução para a vida presente e futura (1 Tm 4.13; 2 Tm 4.13). Nesse ponto, é importante refletir a respeito da qualidade de nossos hinos. Letra e ritmo precisam ser analisados, pois dizem muito quanto à edificação. O volume do som nos templos também precisa ser considerado. É indispensável que se possa compreender a mensagem do que é cantado. Um culto mais verdadeiramente espiritual deve ser o objetivo de todos na igreja (ver 1 Co 14.26,40).

### **III – AS DISCIPLINAS E A LUTA ESPIRITUAL**

#### **1. As astúcias do Maligno**

Sabendo que a prática das disciplinas cristãs são fundamentais para nossa saúde e vigor espiritual, numa vida plena e vitoriosa, precisamos estar conscientes de que a observância delas não acontecerá sem oposição do inimigo de nossa alma. Ele procura sempre nos impedir de alguma maneira, querendo fazer com que desistamos de confiar e esperar em Deus. Satanás agiu assim em relação a Daniel quando este orava e jejuava. Depois de algum tempo de resistência enfrentada pelo anjo mensageiro nas regiões celestiais, o profeta recebe a resposta das suas orações e a informação da batalha travada entre os seres espirituais (Dn 10.13,14).

O que houve em Daniel é o que não pode faltar em nenhum cristão: a persistência. Tivesse ele desistido nos primeiros dias, frustrado seria o processo espiritual que estava em curso. As disciplinas cristãs são essenciais princi-

palmente por isso: temos uma luta espiritual travada nas regiões celestiais (ver Ef 6.12). Devemos ter cuidado e considerar essa realidade. O Inimigo é astuto e vive engendrando ciladas (6.11). O seu intento constante é “roubar, matar e destruir” (Jo 10.10), querendo sempre nos atingir e produzir terríveis danos em nosso espírito, alma e corpo. De igual forma, quer atingir os que nos são queridos, principalmente nossa família. Não há outra maneira de obter vitória senão seguir o que nos recomendam as Escrituras: tomar toda a armadura de Deus, “orando em todo o tempo com toda oração e súplica no Espírito” (Ef 6.18). Só o Senhor Jesus Cristo tem vida abundante para dar-nos e poder para guardar-nos do Inimigo (Jo 10.28).

## 2. Evitando as distrações

A Revolução Industrial, iniciada no século 18, e os séculos posteriores prometeram ao ser humano uma vida econômica estável, facilidade na realização das tarefas cotidianas e tempo de sobra para o lazer, mas isso não foi alcançado. As sociedades atuais são mais agitadas e cansadas do que as do período em que a vida era praticamente toda artesanal ou voltada para a manufatura. Como bem assinala Nienkirchen, o que se tem na vida moderna são pessoas cujas vidas são estressantes e aflitivas (*ibid.*, p. 271). Constatar isso não significa negar a importância das grandes invenções, dos eletrodomésticos e dos muitos equipamentos tecnológicos que facilitam a vida moderna. A questão está voltada para a gestão humana do tempo, e não para a demonização dos dispositivos e ferramentas que nos oferece a tecnologia. Nesse sentido, o conselho paulino continua aplicável ao cristão de qualquer época, lugar ou cultura: “Portanto, vede prudentemente como andais, não como néscios, mas como sábios, remindo o tempo, porquanto os dias são maus” (Ef 5.15,16).

Quanta profundidade espiritual em tão poucas palavras! Paulo refere-se à necessidade de um viver prudente, que deve ser sábio, pautado por decisões sensatas. Por outro lado, adverte-nos do perigo da necedade e da estupidez em relação a nosso estilo de vida. E aponta para uma questão fundamental, que é a administração do tempo (5.16). Como observa Willard H. Taylor (2020, p. 178), a ideia aí não é pagar um preço determinado pelo tempo, mas aproveitá-lo ao máximo. Pode ser que Paulo tivesse em mente a prática do serviço cristão, mas é mais provável que a sua referência tenha a ver com a vida cristã na sua totalidade — principalmente pelo contexto, que fala, inclusive, de práticas litúrgicas sob o enchimento do Espírito (5.18,19). Assim, é bastante evidente que disso faça parte a prática da piedade, tanto na vida privada quanto na congregacional.

Por fim, Paulo aponta para a realidade da piora do sistema de vida humano, valendo-se da expressão “dias maus”, conhecida tanto no Antigo quanto no Novo Testamento (Sl 49.5; Ec 7.14; Mt 6.34). Talvez nunca tenha sido tão necessário agir com sabedoria e prudência na administração do tempo, diante da degeneração moral impregnada em todas as áreas do sistema de vida humano, que conspira contra tudo o que diz respeito à vontade de Deus (1 Jo 5.19). Parece-nos muito claro que o conselho joanino de que não amemos o mundo e o que nele há seja de grande abrangência, incluindo os engenhos humanos (inclusive tecnológicos), que lutam para roubar nosso tempo de exercício das disciplinas espirituais. Usá-los, sim, mas sermos manipulados por eles, não.

O que fazer, então? Vivemos dias difíceis. O que era para melhorar a vida humana tem sido apontado como motivo de profundos problemas, para pessoas de todas as idades. Como já observamos nesta obra, é notícia corrente o quanto o uso excessivo das redes sociais tem causado muitos prejuízos à saúde humana, principalmente mental. E isso também tem afetado os cristãos e a sua vida espiritual, tornando-se uma compulsão acessar as redes sociais: ver mensagens no WhatsApp, abrir o Instagram ou o Facebook ou assistir a um vídeo no Youtube — às vezes, até mesmo nos templos em pleno culto! É a chamada dependência digital, que cresce a cada dia. Quando menos se percebe, o celular está à mão, mesmo sem qualquer propósito útil ou necessário. Que o Senhor nos guarde de todo vício!

## CONCLUSÃO

O exercício das disciplinas espirituais é fundamental para fortalecer-nos diariamente e dar-nos poder contra as forças das trevas (Mc 16.17,18; Lc 10.19,20). Assim como as necessidades físicas, nosso espírito precisa ser alimentando por toda a vida (1 Ts 5.17; 1 Pe 2.2,3). Apesar de o termo “espiritualidade” ter ganhado um sentido genérico e praticamente esotérico nos últimos tempos, ser espiritual à luz da Bíblia é viver guiado pelo Espírito Santo, e não segundo a “carne”, a natureza carnal, como bem enfatizado na teologia paulina (Gl 5.16-18). Para que isso seja real e autêntico na vida do cristão, é preciso que as disciplinas espirituais sejam praticadas diária e constantemente, fortalecendo o espírito pelos meios que nos disponibiliza o Senhor: a oração, o jejum, o estudo das Escrituras, o louvor, a reunião congregacional e as demais práticas da piedade, que estão relacionadas com um viver em amor. Embora as obras não salvem, elas também devem fazer parte da vida do salvo como expressão de uma fé genuína, integrativa — logo, da mais pura piedade.

## CAPÍTULO 12

# O Espírito Humano e o Espírito de Deus

### INTRODUÇÃO

A relação entre o espírito humano e o Espírito de Deus é bem retratada nas Escrituras mediante o registro das experiências do homem no seu relacionamento com o Criador. No Antigo Testamento, a descrição desses fenômenos experienciais leva mais em conta a totalidade da pessoa (a unidade), enquanto o Novo Testamento expõe mais detalhes da pluralidade (espírito, alma e corpo). Quanto ao espírito, menciona-o de forma específica como fonte inicial das realidades sobrenaturais experimentadas pelo homem na sua comunhão com Deus. Dessa forma, a literatura veterotestamentária e a neotestamentária completam-se no todo perfeito e harmônico do Cânon Sagrado.

Gênesis 41.38 menciona José, o varão “em quem [havia] o Espírito de Deus”. Bezalel foi cheio do Espírito de Deus para que tivesse a capacidade de trabalhar na obra do Tabernáculo (Êx 31.1-3). O Espírito Santo manifestou-se em diversos outros personagens do Antigo Testamento, como nos juízes, dotando-os de poder para realizar obras extraordinárias para Deus. Sansão foi um deles. Numa das ocasiões, o Espírito apoderou-se dele tão possantemente que despedaçou um leão com as suas próprias mãos (Jz 14.5,6). Em todos esses casos, o fenômeno é completo: atinge espírito, alma e corpo, mas sem uma descrição específica da manifestação da experiência em cada parte do ser humano. A Bíblia simplesmente descreve a ação do Espírito na pessoa como unidade, cumprindo os propósitos divinos.

Embora existam descrições da constituição humana também no Antigo Testamento, como já vimos ao longo deste livro, parece-nos claro que as obras do Espírito no Novo Testamento são descritas com maiores detalhes em relação à constituição do homem, principalmente na obra de Salvação. A

agência do Espírito de Deus é geralmente demonstrada indicando o espírito como lugar de início e centralidade. A passagem de Romanos 8.16 é um exemplo disso: “O mesmo Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus”. Paulo refere-se à comunicação da adoção espiritual que o Espírito de Deus faz junto com o espírito humano. Como aborda Gordon Fee (2023, p. 624), “é o Espírito que nos concede a ‘adoção como ‘filhos’, atestada pela forma com que Ele faz despertar em nós o clamor ao *Abba*, por sua vez, e exatamente por essa razão, Ele se torna a *segunda testemunha (necessária)* junto com os nossos próprios espíritos acerca da realidade de sermos filhos de Deus”.<sup>1</sup> Neste capítulo, veremos esse e outros fenômenos espirituais, como o despertar da consciência, o dom da fé, a iluminação espiritual e o ensino em toda a verdade, a obra divina de intercessão, o dom de línguas e o fruto do Espírito, sempre destacando a comunicação entre o Espírito de Deus e o espírito do homem.

## I – A OBRA INICIAL DO ESPÍRITO

### 1. Consciência e fé

Examinar o que as Escrituras revelam sobre a ação do Espírito de Deus no espírito humano é essencial para que não fiquemos limitados a conceitos teológicos racionalistas, formulados por quem acredita na suficiência da razão para a apreensão das verdades divinas. Por outro lado, adverte-nos quanto ao perigo de ter a experiência como fundamento norteador da fé. Nem meramente racional, nem meramente sensorial. A verdadeira fé abre-nos a porta para a essência do conhecimento espiritual, que satisfaz a alma tanto no seu aspecto intelectual quanto emocional. Contudo, o relacionamento do homem com Deus é, acima de tudo, espiritual — e começa com a regeneração.

Para que haja esse renascimento espiritual, a ação primeira do Espírito é o despertar da consciência humana em relação à culpa do pecado e à necessidade de perdão. Jesus anunciou esta obra fundamental do Espírito ao afirmar: “E, quando ele vier, convencerá o mundo do pecado, e da justiça, e do juízo” (Jo 16.8). Tendo em vista que a incredulidade aloja-se principalmente no espírito, o Espírito de Deus age removendo-a, para que o ser humano responda com fé ao chamado divino para a salvação, processo que se dá por meio da pregação da Palavra: “De sorte que a fé é pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Deus” (Rm 10.17). Essa obra também atinge as faculdades da alma e o próprio corpo, como Paulo afirma em Romanos 10.9,10, mencionando

---

<sup>1</sup>Mais adiante, veremos opiniões distintas em relação a esse entendimento, no sentido de o Espírito estar comunicando ao espírito humano e não ao lado dele, como uma segunda testemunha.

a articulação da confissão consciente (“Se, com a tua boca, confessares”) da crença originada das substâncias espirituais (“em teu coração, creres”): “Visto que com o coração se crê para a justiça, e com a boca se faz confissão para a salvação”. Como afirma Warren W. Wiersbe (2021, p. 466):

O Espírito Santo convence o mundo de um pecado em particular, o pecado da *incredulidade*. A lei de Deus e a consciência humana podem convencer a pessoa de seus *pecados* específicos, mas é a obra do Espírito, por intermédio da Igreja, que revela a incredulidade do mundo perdido. Afinal, é a incredulidade que condena o pecador (Jo 3.18-21), não seus pecados individuais. Uma pessoa pode “limpar” sua vida, livrar-se de seus maus hábitos e, ainda assim, ir para o inferno.

Há, sem dúvida, um processo de apreensão espiritual pelo espírito e alma, que passam a conhecer a realidade deprimente da natureza humana e os seus terríveis pecados, ao passo que contemplam, em contraste, a beleza da santidade divina. Assim, envolto em convicções, sentimentos e pensamentos — e também movido na sua vontade —, o homem, compungido, reconhece o seu estado miserável e deseja o Salvador. Sobre esse trabalho do Espírito no convencimento do homem morto em ofensas e pecados, Matthew Henry (2008, p. 1000/1001) acentua: “O Espírito, pela palavra e pela consciência, é um reprovador. Os ministros são reprovadores por ofício, e por intermédio deles, o Espírito reprova”. Henry também fala da remoção das objeções, mencionando que “o Espírito se prende especialmente ao pecado da incredulidade, que consiste no fato de não se crer em Cristo”. A. W. Tozer (2019, p. 25) argumenta: “Quem pode examinar as complexas profundezas da alma humana, nas profundezas do espírito humano, para limpá-lo? Ninguém além do Deus que o criou!”.<sup>2</sup>

Operado o convencimento e removida a incredulidade — pecado que Henry afirma estar “no fundo de todo pecado” (p. 1001) — abre-se o caminho para a fé. Uma vez crendo, opera-se, então, a regeneração, o nascimento “da água e do Espírito” (Jo 3.5).<sup>3</sup> O espírito que estava “morto” (separado de Deus) é vivificado e recebe uma nova vida, vinda de Deus (Ef 2.1). Esse

<sup>2</sup> Isso deveria tornar-nos mais conscientes da total dependência do Espírito para a obra de Salvação e levar-nos a demonstrar na prática essa dependência: uma busca mais intensa da ação do Espírito na Igreja é necessidade urgente!

<sup>3</sup> Certamente não nos é possível estabelecer a ordem desses fenômenos espirituais, que se juntam na extraordinária e indizível experiência da salvação, mais dramática para uns do que para outros, mas, para todos, completamente acima do controle da racionalidade. Somente o homem espiritual pode comprehendê-la.

novo homem, o homem espiritual, obtém uma mente renovada e passa a viver guiado pelo Espírito de Deus: “Ora, o homem natural [o que ainda não nasceu de novo] não comprehende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, por elas se discernem espiritualmente. Mas o que é espiritual discerne bem tudo, e ele de ninguém é discernido” (1 Co 2.14,15).

## 2. A pedagogia do Espírito

A regeneração é o iniciar de uma nova dimensão de vida no glorioso processo de salvação. Recebemos uma nova vida, agora espiritual, na qual temos comunicação com o Espírito de Deus (ver 1 Co 2.12). Paulo refere-se ao papel pedagógico do Espírito, que nos ensina as coisas espirituais (2.13), como Jesus havia prometido: “Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito” (Jo 14.26). Há um universo incomensurável de conhecimento espiritual — a “profundidade das riquezas” mencionada por Paulo em Romanos 11.33 — que agora podemos acessar pelo Espírito, ainda que não completamente (1 Co 13.12; 1 Jo 3.2).

Como vimos enfatizando, essa obra do Espírito, de ensinar-nos toda a verdade, não está limitada ao nível do intelecto. Atinge o mais profundo de nosso ser, o lugar do espírito. Embora alinhado ao dicotomismo, a visão de Jonathan Edwards a respeito da verdadeira compreensão espiritual apresenta uma clara distinção entre apreensão meramente intelectual e conhecimento espiritual. Edwards fala em “intelecto” e “coração”, o que, a partir de uma visão tricotómica, diz respeito à alma e ao espírito — mas principalmente a este, em especial pela distinção com o intelecto, que é uma das faculdades da alma:

O verdadeiro cristão *sente* porque *vê* e *compreende* algo mais sobre as coisas espirituais do que antes. [...] Neste ponto, quero ,enfatizar que há uma grande diferença entre o conhecimento *doutrinário* e conhecimento *espiritual*. Conhecimento doutrinário envolve somente o intelecto, porém o conhecimento espiritual é um *sentimento do coração* pelo qual vemos a beleza da santidade *na doutrina cristã*. Conhecimento espiritual sempre envolve o intelecto e o coração ao mesmo tempo. (*ibid.*, p. 80)<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup>Uma reflexão cabível aqui é quanto ao perigo de sermos seduzidos pelo conhecimento teológico e afastarmo-nos da comunhão com Deus, da vida no Espírito. Alimentar muito a mente e deixar vazio o coração é um caminho perigoso. A teologia não pode jamais nos enaidecer. A boa teologia é aquela que nos leva a amar a Deus ainda mais, aprofunda nossa consciência da dependência dEle e estimula-nos a servi-lo com mais intensidade e fé.

Tozer arremata essa questão ao afirmar que os pensamentos de Deus pertencem ao mundo do espírito, e os do homem, ao mundo do intelecto, e que, conquanto o espírito possa abranger o intelecto, o intelecto humano jamais pode abranger o espírito. Os pensamentos do homem não podem penetrar nos de Deus (2000, p. 53).

### 3. A renovação da mente

Edwards menciona a ação do Espírito em relação à transmissão do significado espiritual das Escrituras, por Ele inspirada, cuja compreensão só pode ocorrer mediante o trabalho do mesmo Espírito, libertando-nos da cegueira espiritual (p. 81). Paulo orava pelos efésios para que Cristo habitasse pela fé nos corações, a fim de que pudessem compreender e conhecer o amor de Cristo, “[...] que excede todo o entendimento” (Ef 3.19). Isso demonstra como esse processo é progressivo. Tem início na regeneração, mas deve ser buscado ao longo de toda a vida cristã. A oração é essencial para que se receba essa obra do Espírito no coração (v. 17), na mente espiritual, que comprehende o espírito humano e a alma e as suas respectivas faculdades, que Paulo também reúne no conceito do “homem interior” (v. 16).

O apóstolo apresenta aos romanos a indispensabilidade de uma consagração total — a apresentação da integralidade do ser em adoração — e um firme inconformismo com o sistema mundial como atitudes inafastáveis para a renovação da mente. Sobre o aspecto integral da consagração, é um entendimento que se extrai do evidente fato de Paulo referir-se a um sacrifício vivo (santo e agradável a Deus, que é o culto racional). Assim é a pessoa como unidade composta, em total rendição. F. F. Bruce (1979, p. 183) sugere que o melhor sentido para a expressão “culto racional” seja “culto espiritual”, para contrastar com as exterioridades do culto do Templo de Israel. O autor cita a versão americana RSV, que traz essa tradução: “culto espiritual”. O resumo de todo o apelo de Paulo, como destaca Bruce, é que “os crentes são exortados a deixar que a renovação das suas mentes, pelo poder do Espírito, transforme as suas vidas harmonizando-as com a vontade de Deus”.

Quanto à referência ao corpo, embora seja claramente uma alusão à pessoa em unidade, também pode ser considerado como o papel do envolvimento físico no culto. Em nossas experiências, sabemos que nem sempre nossa sintonia espiritual com Deus está plenamente ativa, mas, enquanto permanecemos com nosso corpo entregue à adoração, junto com as faculdades da alma — ainda que estas, em princípio, estejam vagueando —, os fenômenos espirituais ficam cada vez mais intensos. Com nossa permanência em atitude física de adoração (e a luta mental), vamos sendo conduzidos pelo

Espírito até o ponto de alcançar experiências espirituais profundas, junto ao trono da graça (Hb 4.16).

Por tudo isso, deve ser um profundo desejo nosso, demonstrado em atitudes concretas, viver em constante contato com o Espírito de Deus, para que, com uma mente sempre renovada, desfrutemos da sabedoria divina, imprescindível para nosso viver diário (Rm 12.2). Em termos práticos, fazem parte dessa vida de consagração total as disciplinas da oração e da leitura das Escrituras, das quais tratamos no capítulo 11 (Tg 1.5,6; Sl 119.105). Como uma mente renovada, recebemos orientação divina para todas as áreas da vida, pois não há aspecto de nossa existência para a qual o Espírito não tenha uma segura direção. Ele pode guiar-nos em toda a verdade (Jo 16.13). O que não podemos jamais é conformarmo-nos com uma mente carnal, que pensa segundo os padrões deste mundo, cheio de vozes que querem sutilmente nos influenciar, como as filosofias, ideologias e “novas” teologias.

#### **4. Voz e luz**

Assim como acontecia com Adão e Eva no Éden, o Criador deseja comunicar-se conosco constantemente, o que faz, nesta dispensação, por meio do Espírito, que se expressa de muitas maneiras ao íntimo de nosso ser, trazendo sabedoria e revelação (Ef 1.17), esclarecendo questões duvidosas (At 15.28) e gerando entendimento e paz (Rm 8.14). Ele — o Espírito de Deus — ilumina os olhos de nosso coração (Ef 1.18, NAA). Empregado com o significado predominante de coração (*kardia*), que é o homem interior por inteiro, a expressão paulina contempla o espírito humano, que, entrelaçado com a alma e inseparável dela, são esses “olhos” — o centro da percepção espiritual — por meio dos quais recebemos iluminação do Espírito para compreendermos as verdades divinas, fundamentais para esta vida e para a vida eterna: “[...] para que saibais qual seja a esperança da sua vocação e quais as riquezas da glória da sua herança nos santos” (Ef 1.18).

Comentando João 3.27, A. W. Tozer (2000, p. 53) refere-se ao conhecimento espiritual como “uma espécie de verdade que jamais pode ser captada pelo intelecto, pois o intelecto existe para a apreensão de ideias, e esta verdade não consiste de ideias, mas de vida. A verdade divina é de natureza espiritual e, por essa razão, só pode ser recebida por revelação espiritual”. Tozer refere-se ao espírito como o órgão que Deus colocou dentro do homem no momento da criação, por meio do qual se pode conhecer as coisas espirituais. Órgão que, como observa Tozer, morreu no momento do pecado (*ibid.*, p. 54).

No seu livro *Homem: Habitação de Deus*, o citado autor apresenta três graus do conhecimento religioso que podem ser adquiridos pela razão, pela fé e pela experiência espiritual. O conhecimento adquirido pela razão, explica, é aquele obtido pela observação dos objetos naturais, ou seja, pela criação divina acessada pelo homem no seu cotidiano (Sl 19.1,2; Pv 6.6; Mt 6.26). O conhecimento adquirido pela fé é o obtido mediante as Escrituras, que “oferece dados que se acham completamente fora e acima do poder de investigação da mente”. O terceiro grau de conhecimento, conforme acentua Tozer, é aquele “auferido pela experiência espiritual direta”, sobre o qual afirma: “Mediante o Espírito que em nós habita, o espírito humano é posto em contato direto com a realidade espiritual superior. Ele observa, prova, sente e vê os poderes do mundo vindouro e tem um encontro consciente com o Deus invisível” (2007, p. 46-48).<sup>5</sup>

O autor explica, contudo, que esse conhecimento é experimentado, não adquirido: “Não consiste de descobertas acerca de alguma coisa; mas é a coisa propriamente dita. Não é um composto de verdades religiosas. É um elemento que não pode ser decomposto em partes” (p. 48). O reconhecido autor não se refere a qualquer conhecimento que seja complementar ao revelado nas Escrituras ou que possa ser atestado à parte desta, mas de uma vida de intimidade com Deus, totalmente alinhada com as Escrituras, mas que permite ao crente viver num relacionamento dinâmico com o seu Senhor, como, ademais, viveram os santos homens de Deus de todos os tempos, inclusive os personagens da Bíblia. Deus é transcendente, mas também é imanente; é um ser relacional, que interage com os seus filhos diariamente, dirigindo-lhes em todas as áreas da vida. A continuidade da ação divina na experiência humana é uma promessa de Cristo para todos os que nEle creem (Mt 28.19,20; Mc 16.15-20; Jo 24.49; At 1.8).

## II – TESTEMUNHO, INTERCESSÃO E EDIFICAÇÃO

### 1. O Espírito testifica ao espírito

Romanos 8 é riquíssimo quanto ao tema da função do espírito humano na comunicação com Deus. Tratando da vida do cristão — a vida no Espírito —, Paulo refere-se à adoção espiritual, testificada pelo Espírito Santo ao espírito do crente regenerado: “O mesmo Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus” (Rm 8.16). Essa comunicação espiritual

---

<sup>5</sup> Tozer não se refere, naturalmente, a um nível de conhecimento que seja dissociado da fé, mas que, havendo fé, pode ser obtido por meio da experiência pessoal com Deus, além da revelação escriturística, mas jamais em desacordo com ela.

entre o Espírito de Deus e o espírito humano traz convicção e segurança em Cristo, o que só pode ser compreendido por meio da fé.

Sobre o testemunho do Espírito, afirma A. W. Tozer (p. 45): “É dessa forma que Deus age: Há um testemunho imediato, uma ação do Espírito de Deus, sem intermediários, sobre o espírito do homem. Há um infiltrar, uma ação nas células daquela alma humana e uma impressão do Espírito Santo de que tudo isso é verdade”.

Nesse ponto, a visão de Tozer difere do pensamento de Gordon Fee, mencionado na introdução deste capítulo, de que o Espírito dá um segundo testemunho, junto com nosso espírito. Tozer considera que o processo é o Espírito de Deus testemunhando diretamente ao espírito humano, como também entende Edwards (p. 72):

Quando Paulo diz que o Espírito Santo testifica com *nossa* espírito, não quer dizer que haja duas testemunhas separadas e independentes. Quer dizer que recebemos pelo nosso espírito o testemunho do Espírito de Deus. Isto é, nosso espírito vê e declara a evidência de nossa adoção produzida pelo Espírito Santo em nós. Nossa espírito é a parte de nós que as Escrituras chamam, em outro lugar, de o coração (1 Jo 3.19-21) e de consciência (2 Cor. 1.12).

Parece-nos ser essa a experiência espiritual descrita por Paulo: o Espírito de Deus testifica ao nosso espírito.

## 2. O Espírito intercede

Ainda em Romanos 8, Paulo trata de outra ação do Espírito de Deus no espírito humano: a intercessão em nosso favor (26,27). Essa ação permite que haja, muito além de nosso intelecto, uma profunda súplica diante do Pai, perfeitamente sintonizada com “a intenção do Espírito [...] que segundo Deus intercede por nós”. As expressões “por nós” e “pelos santos”, contidas, respectivamente, nos versículos 26 e 27, permitem-nos entender que a intercessão não é apenas em favor de quem ora, mas tem alvos indeterminados ao conhecimento humano, determinados segundo o propósito do Espírito. Isso nos lembra o ensino paulino aos efésios sobre a amplitude da ação divina em nosso favor, que não se limita ao que pedimos ou pensamos, mas é conforme a presença do Espírito em nós.

Como diz Paulo: “[Deus] é poderoso para fazer tudo muito mais abundantemente além daquilo que pedimos ou pensamos, segundo o poder que em nós opera” (Ef 3.20). O Senhor surpreende-nos com o seu extraordinário agir! Uma das razões disso é, decerto, a presença do Espírito em nosso interior

e a sua ação no processo de intercessão. O Espírito prescruta nosso interior para agir em nosso espírito muito além de nossa própria compreensão. Salomão escreveu que “O espírito do ser humano é a lâmpada do SENHOR, a qual examina o mais profundo do seu ser” (Pv 20.27, NAA).

### **III – EDIFICAÇÃO E FRUTO DO ESPÍRITO**

#### **1. O espírito ora bem**

A ação do Espírito Santo em nós além de nosso entendimento é vista também em 1 Coríntios, onde Paulo ensina sobre as línguas estranhas e a sua importância na vida do crente: “Porque, se eu orar em língua estranha, o meu espírito ora bem, mas o meu entendimento fica sem fruto” (1 Co 14.14). As línguas estranhas são articuladas segundo o Espírito de Deus (1 Co 12.7-11). Quando oramos em línguas, portanto, oramos segundo o Espírito. Esse processo de comunicação espiritual atinge o perfeito propósito divino (“o meu espírito ora bem”). O estar acima de nosso entendimento demonstra, uma vez mais, que há uma clara distinção entre os dois componentes espirituais: alma e espírito. O espírito ora bem, mas nossa mente não comprehende a mensagem. Mesmo assim somos edificados (14.4). Paulo diz ainda: “[...] Orarei com o espírito, mas também orarei com o entendimento; cantarei com o espírito, mas também cantarei com o entendimento” (14.15).

O pastor Antonio Gilberto analisa o fato de o falar em línguas ser um meio de o crente, no seu espírito, falar a Deus na dimensão do Espírito Santo, “em linha direta”, bem como interceder na dimensão do Espírito Santo (2021, p. 192). O teólogo pentecostal cita, dentre outras referências, Efésios 6.18 e Judas 20: “Orando em todo tempo com toda oração e suplica no Espírito [...]” e “Mas vós, amados, edificando-vos a vós mesmos sobre a vossa santíssima fé, orando no Espírito Santo”. Que desfrutemos desse extraordinário recurso de edificação espiritual, que é orar com o espírito perfeitamente impulsionado e guiado pelo Espírito de Deus.

#### **2. O ápice da vida cristã**

Outra maravilhosa e fundamental obra do Espírito de Deus no crente é a produção das virtudes listadas por Paulo em Gálatas 5.22, o fruto do Espírito: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio. Essas ações do Espírito são geradas em nós a partir da regeneração e prosseguem mediante o processo de santificação espiritual. Envolve a integralidade de nosso ser e jamais decorrem da força da carne!

Aliás, o fruto do Espírito é o triunfo espiritual do cristão exatamente sobre a sua natureza carnal, que busca manifestar as suas nefastas obras, exemplificadas por Paulo na lista de Gálatas 5.19-21: imoralidade sexual, impureza, libertinagem, idolatria, feitiçarias, inimizades, rixas, ciúmes, iras discórdias, divisões, facções, invejas, bebedeiras, orgias e coisas semelhantes a estas (NAA).

Ter dons espirituais é muito importante, pois eles fazem parte da capacitação sobrenatural para realizar a obra de Deus; mas os dons não são garantia de salvação e nem mesmo sinal de maturidade espiritual. Vide o exemplo dos próprios coríntios, que, a despeito de terem tantos dons, foram chamados de carnais, por causa das tantas obras da carne vistas entre eles (1 Co 3.1-3). No conhecido texto de Mateus 7.21-23, Jesus trata da decepção que terão, no Juízo Final, os que confiam nos seus dons e descuidam-se da santidade e da frutificação, deixando de viver guiados pelo Espírito. O andar no Espírito que Paulo menciona em Gálatas 5.18,25, produzindo o fruto do Espírito, é a maior evidência de ser cheio do Espírito Santo.

Relembrando aqui a analogia do Tabernáculo, trata-se da vida íntima com Deus no Santo dos Santos, que representa o espírito. A consagração a Deus envolve o corpo (o pátio), a alma (o Lugar Santo) e o espírito (o Lugar Santíssimo). É uma obra progressiva e constante, que, como já enfatizado, começa na Regeneração. O espírito do regenerado é santificado pelo Espírito Santo dia após dia: “haveis sido santificados [...] pelo Espírito do nosso Deus” (1 Co 6.11). Em Romanos 1.4, o Espírito Santo é chamado de “Espírito de santificação”. À medida que essa obra divina é buscada, o Espírito vai fluindo dentro do crente, e este passa a expressar, cada vez mais, as virtudes do amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio (1 Co 12.31; 13.1-13). Esse é o ápice da vida cristã.

O fruto do Espírito é o produto normal de cada crente guiado pelo Espírito (GUTHRIE, 1984, p. 179). “É o Espírito Santo que produz o fruto espiritual em nós quando nos rendemos sem reservas a Ele. Isso abrange espírito, alma e corpo e todas as faculdades que os constitui” (GILBERTO, 2021, p. 15).

## **CONCLUSÃO**

Neste capítulo, estudamos sobre o íntimo relacionamento que o Espírito de Deus estabelece com o espírito do homem, operando do convencimento do pecado à produção das suas virtudes, inerentes ao fruto do Espírito. A obra do Espírito abrange o ser humano na sua integralidade, mas é vivenciada em cada parte dessa pluralidade. As experiências espirituais atingem o espírito, a alma e o corpo, principalmente dentro da compreensão e da realidade pentecostal, que crê e vivencia a atualidade das manifestações sobrenaturais do Espírito.

## CAPÍTULO 13

# Preparando o Corpo, a Alma e o Espírito para a Eternidade

### INTRODUÇÃO

Abrimos o primeiro capítulo deste livro mencionando o propósito escatológico do estudo da Antropologia Bíblica, bem presente no versículo 23 de 1 Tessalonicenses, que trata da santificação plena operada no crente e que visa a *parousia*, a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo. Ressaltamos o fato de a Antropologia Científica e Cultural não oferecer respostas suficientes para o homem em relação à sua existência e muito menos lhe dar esperança quanto ao futuro, dadas as suas concepções ateístas e materialistas. O estudo do homem à luz da Bíblia, contudo, apresenta-o como criatura e imagem de Deus, formado de uma forma especial e com uma finalidade sublime que é, acima de tudo, relacionar-se com o Criador. Tratamos da Queda e de como ela afetou o homem em toda a sua constituição, mas destacamos o papel de Cristo como nosso Redentor Eterno, que, com o seu sacrifício na cruz do Calvário, nos resgata por inteiro: espírito, alma e corpo.

Assim, com essa esperança, que se consumará com a glorificação (transformação do corpo), devemos permanecer firmes, dedicando-nos a uma vida de mais intensa comunhão com Deus, buscando a santificação no Espírito, que é operada em nós pela graça de Deus (ver Tt 2.11-14).

Em Tito 2.11-14, o apóstolo apresenta o plano de salvação (a manifestação da graça de Deus), a sua eficácia (ensinar-nos uma vida de renúncia a toda impiedade e concupiscência mundana) e o seu propósito escatológico (estar pronto para o aparecimento da glória do grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo). Assim como em 1 Tessalonicenes 5.23, Paulo apresenta a ação divina (a manifestação da graça e o seu papel santificador) e o papel humano (renunciar a impiedade e as concupiscências mundanas). O texto permite-nos ver também o caráter integral da santificação, a abolição de “toda iniqui-

dade” (v. 14), mesmo sentido visto em 1 Pedro 1.13-16: ser santo em toda a maneira de viver. Nada pode ficar de fora, portanto, da obra santificadora de Cristo, operada em nós pelo Espírito. Devemos apresentar-nos por inteiro a fim de que nosso espírito, nossa alma e nosso corpo estejam preservados irrepreensíveis para a vinda de Cristo, que a cada dia está mais próxima. A santificação deve ser buscada nessa perspectiva escatológica, a esperança do aparecimento da eterna glória de Deus.

## I – PRESERVANDO A ESPERANÇA ESCATOLÓGICA

### 1. O alvo celestial

Amar a Deus é um fator determinante para um viver santo. Somente um amor intenso ao Senhor pode levar-nos a uma santificação integral (Mt 22.37; Mc 12.30). É, pois, um amor relacional que cumpre o principal propósito da criação do homem, que é a sua comunhão com o Criador, marca distintiva da sua condição de imagem de Deus. Esse ser finito que ama quer viver de modo a agradar o Eterno, que o criou, pois é isso que realmente lhe dá sentido à vida. Alguns personagens do Antigo Testamento destacaram-se nesse processo, como Enoque, cuja vida agradou tanto a Deus que Ele tomou-o para si, por trasladação, sem que passasse pela morte (Gn 5.24).

O Espírito do Deus Criador gera em nosso coração esse desejo ardente de andar com Ele, agradando-o em tudo. Isso decorre de um processo de conhecimento profundo da vontade de Deus em toda a sabedoria e inteligência espiritual, como ensinou Paulo aos colossenses, a fim de que possamos “andar dignamente diante do Senhor, agradando-lhe em tudo” (Cl 1.9,10). Parece-nos claro, então, que o Novo Testamento trata da santificação como uma experiência presente, mas também a apresenta com um propósito futuro, que diz respeito a outro fator motivador de uma vida de santidade, que é a esperança escatológica, o anseio do Céu. Assim, podemos afirmar que a base fundamental da santificação é o amor, mas a esperança da vida eterna com Cristo também é extremamente importante e indispensável para fortalecer o cristão, estimulando-o a abandonar todo tipo de pecado e purificar-se inteiramente. É andar em santidade aqui para viver para sempre com Ele ali. Portanto, a mensagem da vinda de Jesus e nossa reunião com Ele não pode ser negligenciada, sob pena de um esfriamento em relação à santificação.

Outros textos que podem ser citados como exemplo dessa relação entre santificação e esperança escatológica são Hebreus 12.14 e 2 Pedro 3.11-14. O primeiro diz: “Segui a paz com todos e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor”. O segundo: “Havendo, pois, de perecer todas estas

coisas, que pessoas vos convém ser em santo trato e piedade, aguardando e apressando-vos para a vinda do Dia de Deus, em que os céus, em fogo, se desfarão, e os elementos, ardendo se fundirão? Mas nós, segundo a sua promessa, aguardamos novos céus e nova terra, em que habita a justiça. Pelo que, amados, aguardando estas coisas, procurai que nele sejais achados imaculados e irrepreensíveis em paz". Nesse último versículo, há uma nítida ligação entre aguardar e procurar manter-se imaculado e irrepreensível. Diante dessa evidente verdade bíblica, devemos ser vigilantes, pois Satanás, nosso adversário, continua buscando meios de seduzir-nos ao pecado, para que, com isso, seja interrompida nossa comunhão com Deus e sejamos desviados da perspectiva estabelecida pelo Criador (Gn 3.4,5). Pecar é "errar o alvo". Viver em santidade é permanecer focado no propósito celestial (Cl 1.3-5).

## **2. Oposições à visão celestial**

Na carreira do cristão rumo ao Céu, não apenas pecados, como também práticas específicas e embaraços (alguns muito sutis) apresentam-se para tentar levá-lo ao tropeço. O escritor aos hebreus adverte-nos: "[...] deixemos todo embaraço e o pecado que tão de perto nos rodeia e corramos, com paciência, a carreira que nos está proposta" (Hb 12.1). No lugar de embaraço, a NVI traz a expressão "tudo o que nos atrapalha", e a NVT traduz como "todo peso que nos torna vagarosos". Cada um de nós deve estar atento quanto ao que pode estar roubando nossa visão celestial; atraindo nosso coração para outros interesses. O desejo de acúmulo de bens materiais pode ser um deles (ver Mt 6.19-21).

Jesus proferiu esse ensino depois de ter enfrentado e vencido terríveis tentações feitas diretamente pelo Diabo, que queria seduzi-lo e tirá-lo do propósito eterno de redenção da humanidade. O tentador ofereceu-lhe todos os reinos do mundo e a glória deles (Mt 4.8), esperando confiná-lo aos limites das conquistas terrenas. Jesus recusou tudo, dando-nos o exemplo de que também devemos renunciar todas as ofertas deste mundo que sejam opostas à visão celestial. Para não sermos enganados com oportunidades que nos pareçam boas, precisamos ser guiados pelo Espírito Santo. Só Ele pode capacitar-nos com o discernimento exato para todas as opções, em todas as circunstâncias.

## **3. Inimigos da cruz de Cristo**

A esperança escatológica pode facilmente ser perdida se dermos lugar aos prazeres deste mundo. Aliás, viver pautado na satisfação dos desejos da carne é tornar-se inimigo da cruz de Cristo e, portanto, destituído das suas conquistas

eternas. Em Filipenses 3.18,19, Paulo diz que são inimigos da cruz de Cristo os que têm como deus o próprio ventre e só pensam nas coisas terrenas.

Em contraste a isso, o cristão que está em sintonia com o Espírito, já liberto das prisões dos interesses terrenos, responde como Paulo: “Mas a nossa cidade está nos céus, donde também esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo, que transformará o nosso corpo abatido, para ser conforme o seu corpo glorioso, segundo o seu eficaz poder de sujeitar também a si todas as coisas” (Fp 3.20,21).

## II – PERIGOS DE TEOLOGIAS MODERNAS

### 1. Um cristianismo secularizado

Uma das características dos últimos dias é a diminuição do fervor espiritual e o aumento do apego às questões temporais (Lc 18.8; 2 Tm 3.1-4). O desinteresse pelos assuntos celestiais e um valor desmedido às coisas terrenas é exemplificado pelos dias de Noé e de Ló (ver Lc 17.26-28). Nota-se que boa parte dessas práticas — como comprar, vender, plantar e edificar — não constitui pecado, mas serviu como atrativo para aquelas gerações perversas, que não se importavam com Deus e a sua vontade.

Jesus deixa claro que esse será o cenário no mundo dos dias que antecederem a sua vinda, o que influenciará diretamente na perda da sensibilidade e da percepção espiritual. A expressão “e não o perceberam até que veio o dilúvio”, constante em Mateus 24.39, demonstra o quanto os contemporâneos de Noé só buscavam os seus próprios interesses, enquanto o patriarca deixara tudo para cumprir a ordem divina, de construção da arca (Gn 6.22). Para não ser vítima do secularismo, o cristão precisa apegar-se à Palavra de Deus e cumpri-la integralmente, sem tentar sofismá-la ou adaptá-la aos seus próprios interesses.

É preocupante o quanto cresce uma visão secular da fé cristã em muitas partes do mundo, incluindo o Brasil. De um lado, rejeita-se qualquer estrutura religiosa e defende-se uma fé individualista, sem compromisso com a comunhão. Em outra frente, o secularismo cristão age pela busca por engajamentos extra templo, em torno de pautas e militâncias sociais, políticas, econômicas e ideológicas, por meio do uso de expedientes meramente humanos (Lc 17.26-30; 18.1-8; 2 Co 10.4,5). Esses movimentos caracterizam-se por uma redução de práticas de culto e disciplinas espirituais coletivas e individuais. Em países onde esse fenômeno já avançou muito, muitos templos ficaram vazios.

Cresce no Brasil a referência a uma “teologia pública” que busca dialogar com a sociedade e as estruturas seculares para um modelo de influência que

parece ser muito eficaz, mas que não confronta o pecado. Que confunde e empobrece o sentido de relevância da fé, enfraquecendo a missão da Igreja. Sob o pretexto de levá-la para a arena pública, atua-se tirando-a da arena espiritual. A batalha contra o mal, que costumeiramente era travada por meio de práticas piedosas, como o jejum e a oração, passa a ser supostamente travada com armas carnais e humanas (v. BPE, p. 1783). Quanto mais secularismo, menos poder. Jesus espera que conservemos entre nós os verdadeiros sinais que devem seguir os que creem: expulsão de demônios, novas línguas, maravilhas e curas divinas (Mc 16.17,18). Essa é a verdadeira relevância da Igreja. Tudo isso é vivido na perspectiva e expectativa da Eternidade.

## 2. Falsos discursos

O já citado texto de Marcos 16.17,18 demonstra a íntima relação que deve haver entre pregação e sinais na vida da Igreja em todos os tempos. Não há registro algum na Bíblia de que fossem apenas para a era apostólica. Muito pelo contrário! A operação de milagres e maravilhas deve ser uma confirmação contínua da pregação do evangelho em todos os tempos e lugares. Essa característica prática do *querigma*, marca distintiva do cristianismo primitivo, viu-se presente em diversos outros momentos da história e ressurgiu com vigor no Movimento Pentecostal do século XX. O cristianismo moderno corre, contudo, um sério risco de ser marcado, em grande parte, mais por discurso do que por prática (Tg 1.22), e isso ganha uma amplitude ainda maior em tempos de comunicação tão volátil, principalmente em função das redes sociais. Oriundas de catedras e canais mais voltados à cultura e intelectualidade, são muitas as vozes “cristãs” que criticam toda e qualquer tradição, ignorando os seus fundamentos.

Por muitas décadas, as igrejas pentecostais, menos expostas às questões públicas e mais voltadas para a busca do poder espiritual e da evangelização, não foram tão influenciadas pelas críticas vindas de dentro e de fora do protestantismo. Na verdade, as perseguições serviram de combustível para a impulsão do crescimento do Movimento Pentecostal. Nos últimos tempos, porém, a teologia reformada causou mais influência ao pentecostalismo, exatamente quando este buscou uma maior reflexão teológica. Se, por um lado, é fato que devemos estar cada vez mais dedicados ao estudo da doutrina e da teologia, por outro lado não podemos ficar descuidados de nossos distintivos pentecostais, sob pena de ficarmos reduzidos a discursos de pouco efeito. Convém ao Pentecostalismo Clássico precaver-se de visões teológicas modernas que buscam afastar o crente da sua vida de fé pessoal e comunitária, na sua cidade, bairro ou área rural. Muito discurso e pouca

prática não resolvem. O Movimento Pentecostal sempre foi marcado por uma busca incessante da presença de Deus e a operação de sinais. O conhecimento teológico, que é importante, e a própria pregação bíblica, que é tão fundamental, só produzem resultado mediante o poder de Deus (Rm 1.16).

Paulo, que, sem dúvida, era dotado de grande conhecimento humano, especialmente da filosofia do seu tempo, afirmou aos coríntios: “A minha palavra e a minha pregação não consistiram em palavras persuasivas de sabedoria humana, mas em demonstração do Espírito e de poder, para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria dos homens, mas no poder de Deus” (1 Co 2.4,5). Nossa missão é conciliar doutrina e teologia com vida prática de fé. É permanecer crendo, praticando e pregando um evangelho simples, porém integral: Jesus salva, cura, batiza com o Espírito Santo e em breve voltará.

### **3. Prosperidade, existencialismo e engajamento cultural**

Ao longo da história do cristianismo, não poucos ventos teológicos vieram e foram-se. A própria Teologia da Prosperidade, uma das mais recentes, seduziu numerosas multidões na América do Norte e, depois, em países em desenvolvimento como o Brasil, com a promessa de bônus materiais. Depois de algumas décadas, essa pregação já não causa o mesmo impacto. Por não estar sintonizada com a essência do evangelho, produziu muita frustração. Embora a fé cristã seja acompanhada de muitas bônus terrenas, esse não é o seu núcleo ou regra geral. Conquistas materiais não são sinônimo de espiritualidade.

Além de gerar desencanto, reduzir a esperança cristã a conquistas terrenas conduz a uma visão existencialista. Foi o que Paulo concluiu diante dos que, em Corinto, negavam o caráter escatológico da fé cristã. Depois de defender a doutrina da ressurreição dos mortos em Cristo, o apóstolo expõe a falta de sentido de uma fé que não tem a esperança de vida eterna (1 Co 15.19). Sendo a existência humana limitada ao viver terreno, sentido algum restaria para uma vida piedosa. Diante desse quadro hipotético, Paulo menciona logo adiante um pensamento típico da filosofia de Epicuro (341–270 a.C.): “[...] Comamos e bebamos, que amanhã morreremos”(1 Co 15.32), que tem relação com a visão existencialista. Se o que resta ao homem é apenas esta vida, por que se abster de prazeres? A ênfase na esperança da vida eterna é, portanto, um grande fator motivador de uma vida de santidade.

#### ***A questão da cosmovisão cristã***

Nos últimos vinte anos, o tema Cosmovisão Cristã foi popularizado no Brasil. A questão é: que cosmovisão cristã é essa? Quais são os seus

pressupostos? Qual a sua relação com a visão de mundo pentecostal? Com rariíssimas exceções, a cosmovisão cristã que tem sido difundida no Brasil é de matriz reformada. Tem como fundamento pensamentos teológicos distintos da doutrina pentecostal. Inspirada na escatologia calvinista-amilenista — que não crê no arrebatamento da Igreja e em um Milênio literal — essa visão de mundo enfatiza o engajamento cultural para a redenção dos sistemas humanos, e não a proclamação do evangelho para a salvação dos pecadores.

Sem nenhum ufanismo, o Movimento Pentecostal Clássico apresenta fundamentos doutrinários muito mais sólidos e alinhados com o Novo Testamento em relação aos segmentos que negam a atualidade das experiências carismáticas. Os dons do Espírito são para nossos dias, e isso diz muito em relação à visão comunitária e missional da Igreja. Da mesma sorte, a visão escatológica pentecostal (futurista e dispensacionalista) está muito ligada ao comportamento e prática da Igreja, dada a crença na iminência da segunda vinda de Cristo. Não somos insensíveis em relação a nossos deveres cívicos e sociais. Vivemos, contudo, com uma esperança voltada para a eternidade, pois “nossa cidade está nos céus” (Fp 3.20).

### **III – CONSERVANDO ESPÍRITO, ALMA E CORPO**

#### **1. Prontos para o retorno de Cristo**

No contexto literário de 1 Tessalonicenses 5.23, Paulo apresenta a santificação intimamente ligada ao propósito da eternidade. Observa-se nas perícopes imediatamente anteriores que o apóstolo apresenta aos tessalonicenses a essencialidade de uma vida espiritualmente alerta (v. 5) e iluminação, percepção e sobriedade espiritual para não ser pego de surpresa (vv. 6,7). Na sequência, Paulo menciona virtudes que são fruto do Espírito (v. 8).

Adiante, do versículo 12 ao 22, o apóstolo refere-se aos deveres do cristão na sua vida pessoal e comunitária. As condutas recomendadas nos versículos 12 e 13 exigem submissão, humildade, mansidão e domínio próprio, além de expressar outra virtude espiritual, que é a paz. O versículo 14 prossegue no mesmo sentido de uma santificação integral, que nasce do espírito e realiza-se na alma e no corpo, mencionando a paciência. O versículo 15 trata de benignidade, e o 16, de alegria; ou seja, Paulo descreve o fruto do Espírito, o ápice da vida cristã, como ponto ideal de santificação, termômetro para aferir a condição espiritual de prontidão para aguardar o retorno de Cristo.

No mais, o apóstolo recomenda a prática da gratidão (v. 18), fervor espiritual (v. 19), sensibilidade e discernimento quanto à voz do Espírito (v. 20,21) e, por fim, faz uma advertência enfática e ampla: “Abstende-vos de

toda aparência do mal” (5.22). Uma vez dedicando-se a esse viver santo, o cristão terá sempre a ajuda indispensável do Deus de paz, que é quem realiza em nós a obra de santificação (5.23).

## 2. Uma santificação completa

A constante luta interior existente em todo cristão é prova evidente do novo nascimento e da ação do Espírito Santo para operar a obra completa da santificação. Sendo assim, cabe-nos desejar esse processo na sua plenitude, sem jamais concordar com as inclinações de nossa natureza carnal. Como disse o Senhor Jesus a João, o apóstolo do amor, quem é santo deve santificar-se ainda mais (Ap 22.11). Uma santificação completa, na qual parte alguma de nosso ser fique de fora; nem mesmo nossos afetos, pensamentos e intenções. Tudo em nós deve ser santificado: espírito, alma e corpo.

Isso é impossível por nossa própria força, mas plenamente possível pelos meios da graça. Que vivamos desfrutando de uma profunda convicção de nossa salvação, anelando pela vinda de Cristo. Só pelo Espírito é possível expressar “Ora, vem, Senhor Jesus!” (Ap 22.20).

## CONCLUSÃO

O ser humano, como uma unidade plural, foi criado por Deus e tem dentro de si a necessidade de retornar para Ele. É um anseio latente, ainda que não reconhecido. Nada pode preenchê-lo, senão o próprio Criador, com a sua presença pelo Espírito. Enquanto a Queda quebrou o contato do homem com Deus, a Redenção operou a reconciliação. Neste hiato profético entre a primeira e a segunda vinda de Cristo, vivemos neste corpo, em natureza pecaminosa, aguardando a consumação dos séculos. O propósito da santificação tem como finalidade conservar-nos irrepreensíveis para a vinda de Cristo e nossa reunião com Ele por toda a Eternidade.

Que o Espírito de Deus produza em nós, dia após dia, um desejo cada vez mais intenso de consagração integral. Que nosso espírito, alma e corpo sejam inteiramente entregues a Ele sem reservas. Que nossa alma se renove na presença dEle a cada manhã. Que nosso dia seja consagrado a Ele. Que todas as noites nos prostremos diante dEle, agradecidos e devotados, no anseio de um eterno amanhã, pleno da sua vida em nós.

Breve no céu, Jesus há de aparecer (HC, 442).

Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então nós nos manifestaremos com Ele em glória (Cl 3.4).

# Referências

- AGOSTINHO. Confissões. Tradução de Beatriz S. S. Cunha. Jandira, SP: Principis, 2019.
- ALLISON. Gregg R. **Teologia do Corpo**. 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 2023.
- ANDRADE, Claudionor Corrêa de. **Dicionário Teológico**. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.
- ARRINGTON, French L. & Roger Stronstad. **Comentário Bíblico Pentecostal Novo Testamento**. Vol. 1. Mateus-Atos. 4. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2009.
- AUZIAS, Jean-Marie. **A Antropologia Contemporânea**. São Paulo: Cultrix.
- BARBOSA, Rafael Santos (e-book). **Psicossomática e Saúde. Contribuições Psicanalíticas**.
- BECK, Judith S. **Terapia Cognitivo-Comportamental**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2022.
- BENTHO, Esdras Costa & PLÁCIDO, Reginaldo Leandro. 3. imp. Rio de Janeiro: CPAD, 2019.
- BERGSTÉN, Eurico. **Teologia Sistemática**. 13. impr. Rio de Janeiro: CPAD, 2013.

- BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática.** 4. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.
- BOYER, Orlando. **Pequena Enciclopédia Bíblica.** Rio de Janeiro: CPAD, 2008.
- BRITO, Maurício Ferreira. **Psicologia da Família Cristã.** 1. ed. Joinville: Santorini, 2021.
- BRUCE, F. F. **Romanos. Introdução e Comentário.** 1. ed. Rio de Janeiro: Vida Nova, 1979.
- BRUNELLI, Walter. **Teologia para Pentecostais.** vol. 3. 3. ed. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2017.
- CABRAL, Elienai. **A Síndrome do Canto do Galo.** 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.
- CAIRNS, Earle E. **O Cristianismo Através dos Séculos.** 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.
- CLARK, Gordon H. **A Doutrina Bíblica do Homem.** 1. ed. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2022.
- CARSON, D. A. *et al.* **Comentário Bíblico Vida Nova.** 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 2009.
- CARVALHO, César Moises & CARVALHO, Céfora. **Teologia Sistemático-Carismática:** vol. 2. 1. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2022.
- COENEN, Lothar & BROWN, Colin. **Dicionário Internacional de Teologia. Novo Testamento.** 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.
- CRUZ, Elaine. **Equilíbrio Emocional.** 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2020.
- DAVIS, Billie (Michael D. Palmer, edit.). **Panorama do Pensamento Cristão.** 3<sup>a</sup> imp. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.
- DOBSON, Dr. James C. **Coragem Para os Pais.** 2. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2000.
- EDWARDS, Jonathan. **A Genuína Experiência Espiritual.** 1. ed. São Paulo: PES, 1993.

- EKMAN, Paul. **A Linguagem das Emoções**. São Paulo: Lua de Papel, 2011.
- FEE, Gordon D. **Cristologia Paulina**. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2023.
- FOULKES, Francis. **Efésios. Introdução e Comentário**. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1983.
- FRANCES, Dr. Allen. **Voltando ao Normal**. 1. ed. Rio de Janeiro: Versal Editores, 2016.
- FRANZ, Raymond. **Crise de Consciência**. 1. ed. São Paulo: Hagnos, 2022.
- GABY, Wagner *in Teologia Sistemática Pentecostal*. 1. ed. (16<sup>a</sup> imp.) Rio de Janeiro: CPAD, 2021.
- GEISLER, Norman. **Teologia Sistemática** (vol. 2). Rio de Janeiro: CPAD, 2017.
- GILBERTO, Antonio. **Bíblia com Comentário de Antonio Gilberto**. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2021.
- \_\_\_\_\_. **O Fruto do Espírito**. 12. imp. Rio de Janeiro: CPAD, 2021.
- \_\_\_\_\_. *in Teologia Sistemática Pentecostal*. 1. ed. (16<sup>a</sup> imp.) Rio de Janeiro: CPAD, 2021.
- GLUBISH, Brian *in Comentário Bíblico Pentecostal Novo Testamento*. Vol. 2. Romanos–Apocalipse (edit. French L. Arrington & Roger Stronstad). 4. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2009.
- GONZÁLEZ, Justo. **Breve Dicionário de Teologia**. 1. ed. São Paulo: Hagnos, 2009.
- GOULD, J. Glenn. *in Comentário Bíblico Beacon*. Vol. 9. Rio de Janeiro: CPAD, 2020.
- GRUDEM, Wayne. **Teologia Sistemática. Atual e Exaustiva**. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2010.
- GOLEMAN, Daniel. 2. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
- GUTHRIE, Donald. **Hebreus. Introdução e Comentário**. 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 1984.

- 
- . **Gálatas. Introdução e Comentário.** 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 1984.
- GUYTON, Arthur C. & HALL, John E. Fisiologia Humana e Mecanismos das Doenças.** 6. ed. Rio de Janeiro: 1998.
- HALL, John E. & Michael E. Tratado de Fisiologia Médica.** 14. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2021.
- HARRIS, R. Laird (org.), JR, Gleason L. Archer & Bruce K. Waltke. Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento.** 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 1998.
- HEIDBREDER, Edna. Psicologias do Século XX.** 5. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1981.
- HENRY, Matthew. Comentário Bíblico Antigo Testamento. Jó a Cantares de Salomão.** 7<sup>a</sup> impressão. Rio de Janeiro: CPAD, 2022.
- 
- . **Comentário Bíblico Antigo Testamento. Isaías a Malaquias.** 7<sup>a</sup> impressão. Rio de Janeiro: CPAD, 2022.
- 
- . **Comentário Bíblico Novo Testamento. Atos a Apocalipse.** 7<sup>a</sup> impressão. Rio de Janeiro: CPAD, 2022.
- HOEKEMA, Anthony A. Criados à Imagem de Deus.** 3. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2018.
- HOWARD, Jeremy Royal (Ed.). Bíblia de Estudo Holman.** Rio de Janeiro: CPAD, 2018.
- JUNQUEIRA, Luiz Carlos Uchoa & CARNEIRO, José; autor coordenador Paulo Abrahamsohn. Histologia Básica. Texto e Atlas.** 13. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2018.
- KEENER, Craig S. Comentário Exegético Atos.** Vol. 3. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2024.
- KIDNER, Derek. Salmos 73-150. Introdução e Comentário.** 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 1981.
- LAPLANTINE, François. Aprender Antropologia.** 1. ed. (20<sup>a</sup> imp.). São Paulo: Brasiliense, 2007.

- LIMA, Elinaldo Renovato de. A Importância da Disciplina em Todas as Áreas da Vida do Cristão (entrevista). **Revista Obreiro Aprovado (2025) 3º Trimestre**, nº 110, CPAD.
- LIMA, José Orisvaldo Nunes de. A Disciplina do Jejum Bíblico. **Revista Obreiro Aprovado (2025) 3º Trimestre**, nº 110, CPAD.
- LOPES, Jamiel. **Psicologia Pastoral**. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.
- LUTZER, Erwin. **De Pastor Para Pastor**. São Paulo: Vida, 2000.
- MARINO, Bruce R. *in Teologia Sistemática Pentecostal* (ed. Stanley Horton). 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.
- MARSHALL, I. Howard. **1 e 2 Tessalonicenses. Introdução e Comentário**. 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 1984.
- MOORE, Keith L., PERSAUD, T. V. N. & TORCHIA, Mark G. **Embriologia Básica**. 10. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2022.
- MORRIS, Leon. **1Coríntios. Introdução e Comentário**. 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 1981.
- MUNYON, Timothy *in Teologia Sistemática Pentecostal* (ed. Stanley Horton). 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.
- NIENKIRCHEN, Charles W. (Michael D. Palmer, edit.). **Panorama do Pensamento Cristão**. 3<sup>a</sup> imp. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.
- PARROTT, Leslie. **A Batalha Pela Sua Mente**. 3. imp. Rio de Janeiro: CPAD, 2013.
- PEARCEY, Nancy. **Ama Teu Corpo**. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2022.
- PECOTA, Daniel B. *in Teologia Sistemática. Uma Perspectiva Pentecostal* (HORTON, Stanley M., ed.). 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.
- PEDRO, Severino. **A Doutrina do Pecado**. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.
- RENOVATO, Elinaldo *in Teologia Sistemática Pentecostal*. 1. ed. (16<sup>a</sup> imp.) Rio de Janeiro: CPAD, 2021.
- RIBAS, Degmar (Trad.). **Comentário do Novo Testamento Aplicação Pessoal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2009, vol. 2.

- ROBERTSON, A. T. **Comentário Mateus & Marcos.** 4. imp. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.
- SILVA, Severino Pedro da. **O Homem. Corpo, Alma e Espírito.** 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1988.
- STAMPS, Donald. **Bíblia de Estudo Pentecostal Edição Global.** Rio de Janeiro: CPAD, 2022.
- TASKER, R. V. G. **Mateus. Introdução e Comentário.** 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 1980.
- TAYLOR, Willard H. Clyde *in Comentário Bíblico Beacon.* Vol. 9. 6<sup>a</sup> Impressão. Rio de Janeiro: CPAD, 2020.
- TORTORA, Gerard J. & DERRICKSON. **Princípios de Anatomia e Fisiologia.** 14. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016.
- TOZER, A. W. **A Conquista Divina** (vol. 6). 3. ed. Mundo Cristão, 2000.  
\_\_\_\_\_. **Como Ser Cheio do Espírito Santo.** Barueri, SP: Ágape, 2019.
- VINE, W. E., UNGER, Merril F. & WHITE JR., Willian. **Dicionário Vine.** 2. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2023.
- WALTON, John H. et al. **Comentário Histórico-Cultural da Bíblia. Antigo Testamento.** 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 2018.
- WIERSBE, Warren W. **Comentário Bíblico Expositivo. Novo Testamento 1.** Santo André, SP: Geográfica Editora, 2006.
- YAMAUCHI, Edwin M. & WILSON, Marvin R. **Dicionário da Vida Diária na Antiguidade Bíblica & Pós-Bíblica.** 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2020.

# Corpo, Alma e Espírito

O pastor Silas Queiroz apresenta nesta obra a tricotomia, a doutrina da tríplice natureza do ser humano. O tema vai além da simples natureza do ser e está diretamente conectado com o plano da Salvação. Trata-se, portanto, de um estudo panorâmico das Escrituras a respeito da humanaidade e a sua constituição, a Queda e os seus efeitos e a Redenção e os seus eternos benefícios em Cristo. Ao longo dos seus capítulos, o autor descontina as principais características da natureza humana:

- O corpo como criação de Deus, as consequências do pecado e templo do Espírito Santo;
- A alma, morada da consciência, dos pensamentos, sentimentos e da vontade;
- O espírito, o âmago da vida humana e o seu relacionamento com as disciplinas cristãs.

Será, certamente, uma leitura que tirará todas as suas dúvidas sobre nossa essência, sempre à luz da Palavra de Deus.



## AUTOR

### Silas Queiroz

Formado em Direito pela Universidade Luterana do Brasil; bacharel em Teologia pela Faculdade de Teologia Logos (FAETEL) e pós-graduado em Direito Público, Direito Processual Civil e Docência Universitária. É pastor na Assembleia de Deus em Ji-Paraná (RO), procurador-geral do município de Ji-Paraná e assessor jurídico da Convenção dos Ministros e Igrejas Assembleias de Deus no Estado de Rondônia (CEMADERON). É também escritor, autor dos livros *Maturidade Espiritual do Líder*, *Sejam Firmes e Jesus o Filho de Deus*, todos publicados pela CPAD.

